



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

MARIA CECÍLIA GONÇALES PIMENTA

**LA GARÇONNE:**

A NOUVELLE FEMME REPRESENTADA PELA MODA DA  
PARIS DOS ANOS LOUCOS (1919-1929)

MARIA CECÍLIA GONÇALES PIMENTA

**LA GARÇONNE:**

A NOUVELLE FEMME REPRESENTADA PELA MODA DA  
PARIS DOS ANOS LOUCOS (1919-1929)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em História, área de concentração em Culturas, Representações e Religiosidades.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez

Londrina  
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca  
Central da Universidade Estadual de Londrina**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

P644g Pimenta, Maria Cecília Gonçalves.

La garçonne : a nouvelle femme representada pela moda da Paris dos anos loucos (1919-1929) / Maria Cecília Gonçalves Pimenta. – Londrina, 2013.  
162 f. : il.

Orientador: Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Margheritte, Victor, 1866-1942 – Teses. 2. Literatura e história – Teses. 3. Representação visual – Teses. 4. Moda – Paris (França) – 1919-1929 – Teses. 5. História social – Teses. I. Martinez, Cláudia Eliane Parreiras Marques. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1:82

MARIA CECÍLIA GONÇALES PIMENTA

**LA GARÇONNE:**

A NOUVELLE FEMME REPRESENTADA PELA MODA DA PARIS DOS  
ANOS LOUCOS (1919-1929)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina – UEL, em cumprimento às exigências para obtenção do título de mestre em História, área de concentração em Culturas, Representações e Religiosidades.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques  
Martinez  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Célia Regina da Silveira  
UEL – Londrina - PR

---

Profa. Dra. Fernanda Mendonça Pitta  
USP –São Paulo - SP

Londrina, 29 de novembro de 2013.

*“En captant les évolutions sociales et esthétiques du temps, la Mode, avec une totale absence de préjugés, incarne le changement, exprimant le respect de l’individualité au contact des bouleversement politiques. D’où, peut-être, l’envie de la maîtriser si son enjeu repose à ce point sur la plus élégante des expressions de pouvoir. Vison totalisante de la société, elle ne meurt pas au seuil de son existence comme sa fugacité semble l’indiquer, mais se juxtapose à notre vie quotidienne en l’ouvrant au rêve et à la passion dont se nourrit notre mémoire”*

*Didier Grumbach*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ao meu marido, que sempre está ao meu lado.*

*A toda minha família (irmã, cunhado, sogra e pais) por não me permitirem desistir.*

*À minha professora, e também orientadora, Dr.<sup>a</sup> Cláudia Eliane Parreiras Marques Martinez, não só por me conduzir a novos conhecimentos, mas por estar sempre torcendo por mim.*

*À Hali-Yas Diedhiou, minha professora de francês, pela disposição e dedicação às interpretações.*

*Aos demais professores do corpo docente, do programa de mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, por possibilitarem às minhas pesquisas novos pontos de vista.*

*À coordenadora, e também professora, Dr.<sup>a</sup> Sílvia Cristina Martins De Souza e Silva, assim como a todo o quadro de integrantes da coordenação, em especial à Rosely Fernandes Lopes, pelas supervisões e pela preocupação para com meus prazos, processos e deveres.*

*À amiga Bruna Fracaro, e à prima Talitta Schelela, por me possibilitarem a aquisição das obras estrangeiras.*

*Aos colegas que comigo ingressaram no mestrado, pelas dicas, pela atenção a mim dedicada e, até mesmo, pelas “provocações” que resultaram em novas reflexões de minha parte.*

*À coordenadora, e também professora, Dr.<sup>a</sup> Sílvia Cristina Martins De Souza e Silva, assim como a todo o quadro de integrantes da coordenação, em especial à Rosely Fernandes Lopes, pelas supervisões e pela preocupação para com meus prazos, processos e deveres.*

PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. “**La garçonne**: A nouvelle femme representada pela moda da paris dos anos loucos (1919-1929).” 2013. 162p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RESUMO

A presente dissertação visa a analisar alguns aspectos do processo de consolidação da moda garçonne dos anos 1920 em Paris. Levamos em consideração a premissa de que a moda é um fenômeno preponderantemente moderno e uma composição visual de significado efêmero que reflete os desejos de uma maioria na coletividade, em que a velocidade de sua assimilação, assim como de sua renúncia, ocorre segundo os canais de divulgação disponíveis. Ícone dos années folles, a garçonne, com seus cabelos curtos, seus vestidos de bainhas erguidas e silhueta tubular, foi uma aparência andrógina da moda, que transitou entre o masculino e a invenção de uma nova feminilidade, projetando o desejo de emancipação das mulheres. Neologismo que denota uma moça que vive com a liberdade de um rapaz, originou-se em 1922, com o romance homônimo de Victor Margueritte, *La garçonne*, obra cuja vendagem foi diretamente proporcional ao escândalo que provocou na sociedade francesa da década de 1920. A protagonista encarnou os ideais de igualdade entre os gêneros, defendida pelo autor, e acabou por difundi-los, já que naquela temporalidade a Literatura ainda era uma forma de publicidade mais abrangente que o rádio, que por sua vez, era um meio de comunicação que dava seus primeiros passos em direção à democratização de seus ouvintes. O livro citado acima foi, portanto, o referencial de toda esta pesquisa. Constatamos que nem todas as mulheres do contexto estudado vestiam-se à garçonne; algumas foram reticentes em relação a essa aparência subversiva. Contudo, a grande maioria que aderiu à estética da nouvelle femme nos fez entender que, graças à Literatura, uma moda se propagou e transcendeu, tornando-se representação de toda uma época.

**Palavras-chave:** Garçonne. Representação visual. Literatura. Paris. "Anos Loucos".

PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. “**La garçonne**: the nouvelle femme represented by Paris fashion in the Roaring Twenties (1919-1929). 2013. 162f” Master diss., Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

### **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze some aspects of the process consolidation of fashion garçonne 1920's in Paris. We took into account the premise that fashion is a phenomenon predominantly modern and a visual composition of meaning ephemeral that reflects the wishes of a majority in the collectivity, where the speed of assimilation, as well as his renunciation, occurs according to the disclosure channels available. Icon of the années folles, the garçonne, with her short hair, her dresses with reduced hem and tubular silhouette, was an androgynous fashion look, which moved between the masculine and the invention of a new femininity, designing a desire for emancipation of women. This neologism denoting a girls who lives with the freedom of a young man, originated in 1922 with the eponymous novel by Victor Margueritte, *La garçonne*, a masterpiece which sales was directly proportional to the scandal that to the scandal resulted in the 1920s French society. The protagonist embodied the ideals of gender equality defended by the author, and eventually spread them, whereas in that temporality, the Literature was still a form of publicity more advertising than the Radio, which was a medium just starting its first steps toward democratization of listeners. The book mentioned above was, therefore, the benchmark of all this research. We noted that not all women in the study context dressed to the garçonne; some were reticent regarding such a subversive appearance. However, the majority adhering to the aesthetics of the nouvelle femme, made us understand that, thanks to Literature, a fashion has spread and transcended by becoming the representation of an entire era.

**Keywords:** Garçonne. Visual representation. Literature. Paris. “Roaring Twenties”.

PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. "La nouvelle femme représentée par la mode de Paris dans les années folles (1919-1929)". 2013. 162p. Mémoire de Master, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## RÉSUMÉ

Ce mémoire vise à analyser quelques aspects propres au processus de consolidation de la mode garçonne des années vingt en Paris. Notre étude se fixe sur l'idée que la mode est principalement un phénomène moderne et une composition visuelle à caractère éphémère qui, dans une communauté, reflète les souhaits de la majorité, et où la vitesse d'assimilation, ainsi que de renoncement, se fait en fonction des canaux de diffusion disponibles. Icône des années folles, la garçonne, avec ses cheveux coupés, ses robes raccourcies, sa silhouette tubulaire, est une figure androgyne de la mode, qui a transité entre masculinisation et invention d'une nouvelle féminité, mettant en lumière la volonté d'émancipation des femmes. Néologisme qui désigne une jeune femme jouissant des libertés d'un garçon, apparaît en 1922 avec le roman homonyme de Victor Margueritte, *La garçonne*, œuvre dont les ventes ont été proportionnelles au scandale qu'elle a causé dans la société française des années 1920. La protagoniste incarne les idéaux d'égalité entre les genres défendus par l'auteur et ainsi il a répandu, même, puisque qu'à cette époque-là, la publicité était un instrument de publicité, bien plus large que la radio qui faisait ses premiers pas vers sa démocratisation. Ce livre constitue donc le point de référence de toute cette recherche. Cependant, soulignons que toutes les femmes liées à ce contexte n'ont pas adopté le style vestimentaire de la garçonne; certaines se sont montrées réticentes à cette allure subversive. Toutefois, la grande majorité qui a adhéré à l'esthétique de la nouvelle femme, nous laisse entrevoir, entre autres grâce à la littérature, qu'une mode s'est diffusée, transcendante, et est devenue représentative de toute une époque.

**Mots-clés:** Garçonne. Représentation visuelle. Littérature. Paris, « Années folles ».

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Modèle de Lucien Lelong (d'après midi), 1928.....	26
<b>Figura 2</b> - Les Garçonnes .....	28
<b>Figura 3</b> - Suzanne Lenglen .....	29
<b>Figura 4</b> - Motocycliste à Paris .....	30
<b>Figura 5</b> - Les midinettes .....	30
<b>Figura 6</b> - Garçonne.....	32
<b>Figura 7</b> - Femmes au Terrace .....	33
<b>Figura 8</b> - Modèle de Lucien Lelong, 1927, p. 13.....	34
<b>Figura 9</b> - Jane Dieulafoy, 1900, p. 108.....	36
<b>Figura 10</b> - Foto da capa da edição de 1922 de La Garçonne, 2012 .....	51
<b>Figura 11</b> - Foto da capa da edição especial de 1925 de La Garçonne .....	52
<b>Figura 12</b> - Foto da ilustração de Kees Van Dongen, página 190, 2012 .....	53
<b>Figura 13</b> - Foto da ilustração de Kees Van Dongen, página 100, 2012 .....	54
<b>Figura 14</b> - Foto da ilustração de Kees Van Dongen, página 224, 2012 .....	55
<b>Figura 15</b> - Foto dos Volumes I e II, Edições de 1934, 2012. ....	57
<b>Figura 16</b> - Foto dos Volumes I e II, Edições de 1939, 2012 .....	57
<b>Figura 17</b> - Foto da capa da edição de 1952, 2012 .....	58
<b>Figura 18</b> - Foto da capa da edição de 1972, 2012 .....	59
<b>Figura 19</b> - Charge sobre Le cas Margueritte, de 16/01/1923, anexos, 1991.....	92

## SUMÁRIO

### LA GARÇONNE: A NOUVELLE FEMME REPRESENTADA PELA MODA DA PARIS DOS ANOS LOUCOS (1919-1929)

INTRODUÇÃO .....	12
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	20
<b>1 PARIS RENASCE</b> .....	20
<b>2 A IMAGEM DA NOUVELLE FEMME</b> .....	25
2.1 <i>S'HABILLER ET SE PORTER COMME UNE GARÇONNE</i> .....	26
<b>3 O ROMANCE DE VICTOR MARGUERITTE</b> .....	38
3.1 TRAMA .....	40
3.2 FUNÇÃO PRÁTICA E ESTÉTICA DO LIVRO .....	50
3.3 PRÉ E PÓS-TEXTUAIS .....	59
3.4 ESTRATÉGIA PUBLICITÁRIA .....	61
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	63
<b>1 O ESCRITOR, O HOMEM E SUAS CONVICÇÕES</b> .....	63
1.1 A ESSÊNCIA MILITARISTA DE VICTOR .....	65
1.2 FEMINISMO .....	70
1.3 <i>LA RIVE GAUCHE</i> .....	77
1.4 Os "ANOS TERRÍVEIS" E O PACIFISMO .....	81
<b>2 O ESCÂNDALO DE UMA OBRA SUBVERSIVA</b> .....	85
<b>3 LITERATURA PROPULSORA DE UMA MODA E CRIADORA DE UM MITO</b> .....	97
<b>CONCLUSÃO</b> .....	106
<b>FONTES</b> .....	111

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	112
<b>ANEXOS</b> .....	121
ANEXO A - Imagem: Brainstorming da Dissert .....	122
ANEXO B - Imagem: Exemplos de Timelines de História da Modaação.....	123
ANEXO C - Imagem/Jornal: L'Action Française, N° 309, domingo, 05/11/1922 – La Politique «Le vote des femmes» .....	125
ANEXO D - Texto Integral/Jornal: L'Action Française, N° 309, domingo, 05/11/1922 - «Le vote des femmes» .....	126
ANEXO E - Imagem/Jornal: Le Peuple, N° 680, quinta-feira, 16/11/1922 – Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et l'éligibilité?.....	128
ANEXO F - Texto Integral/Jornal: Le Peuple, N° 680, quinta-feira, 16/11/1922 – Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et l'éligibilité?.....	129
ANEXO G - Imagem/Jornal: La Libre Parole, N° 11.623, quarta-feira, 29/11/1922 - La Politique .....	131
ANEXO H - Texto Integral/Jornal:La Libre Parole, N° 11.623, quarta-feira, 29/11/1922 - La Politique «Le vote des femmes» .....	132
ANEXO I - Texto Integral: NOTE DE L'AUTEUR - Livre La Garçonne - 15/10/1922 .....	134
ANEXO J - Texto Integral: Lettre ouverte de Monsier Anatole France à la Légion d'Honneur - Livre La Garçonne .....	137
ANEXO K – Texto Integral: Lettre à Légion d'Honneur .....	139
ANEXO L – Imagem/ Capa Floréal: Ce que les femmes pensent du Vote, par Victor Margueritte, Revue Flóreal, N° 51, página 1.260, 23 de dezembro de 1922 .....	141
ANEXO M - Texto Integral: Ce que les femmes pensent du Vote, par Victor Margueritte, Revue Flóreal, N° 51, página 1.260, 23 de dezembro de 1922 .....	142
ANEXO N - Imagem/Jornal:Comoedia, N° 3.501, segunda-feira, 17/07/1922 - Échos «La Garçonne par Victor Margueritte» .....	144
ANEXO O - Texto Integral/Jornal: Comoedia, N° 3.501, segunda-feira, 17/07/1922 - Échos «La Garçonne par Victor Margueritte» .....	145

ANEXO P - Imagem/Jornal: Comoedia, Nº 3.503, quarta-feira, 19/07/1922 - Échos «La Garçonne par Victor Margueritte» .....	146
ANEXO Q - Texto Integral/Jornal: Comoedia, Nº 3.503, quarta-feira, 19/07/1922 - Échos «La Garçonne par Victor Margueritte» .....	147
ANEXO R - Imagem/Jornal - Comoedia, Nº 3.558, terça-feira, 12/09/1922 – Échos «100e mille La Garçonne par Victor Margueritte» .....	148
ANEXO S - Texto Integral/Jornal: Comoedia, Nº 3.558, terça-feira, 12/09/1922 - Échos «100e mille La Garçonne par Victor Margueritte» .....	149
ANEXO T - Imagem/Jornal: Comoedia, Nº 3.565, terça-feira, 19/09/1922 – Échos «120e mille La Garçonne par Victor Margueritte» .....	150
ANEXO U - Texto Integral/Jornal: Comoedia, Nº 3.565, terça-feira, 19/09/1922 - Échos «120e mille La Garçonne par Victor Margueritte» .....	151
ANEXO V - Imagem/Jornal: Comoedia, Nº 3.908, sexta-feira, 30/08/1923 - Interdiction de “La Garçonne” .....	152
ANEXO W - Texto Integral/Jornal: Comoedia, Nº 3.908, sexta-feira, 30/08/1923 - Interdiction de “La Garçonne” .....	153
ANEXO X - Imagem/Jornal: Le Peuple, Nº 716, sexta-feira, 22/12/1922 .....	124
ANEXO Y - Texto Integral/Jornal: Le Peuple, Nº 716, sexta-feira, 22/12/1922 - Le procès de «La Garçonne» .....	155
ANEXO Z - Texto Integral/Jornal: Le Peuple, Nº 716, sexta-feira, 22/12/1922 - LA LETTRE DE MARGUERITTE AU GENERAL DUBAIL .....	157
ANEXO A 2 -Imagem/Jornal: Le Peuple, Nº 725, domingo, 31/12/1922 .....	159
ANEXO B 2 -Texto Integral/Jornal: Le Peuple, Nº 725, domingo, 31/12/1922 .....	160
ANEXO C 2 -Texto Integral/Jornal:Le Figaro, Nº 356 (2ª página), sexta-feira, 22/12/1922 .....	161
ANEXO D 2 - Texto Integral/Jornal - Le Figaro, Nº 365 (1ª página), domingo, 31/12/1922 – ÉCHOS.....	162

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve seu início, ao nos depararmos com *timelines*<sup>1</sup> das silhuetas femininas no decorrer da História do Ocidente Moderno. O que nos reteve a atenção nelas foi a grande mudança nos padrões das formas do vestuário das mulheres desde o final da *Belle Époque*. Mais especificamente, a transformação que ocorreu nos trajes femininos a partir de 1920.

Enquanto, até a eclosão da Grande Guerra, as vestimentas das mulheres eram compostas de vastas saias, com cintura extremamente marcada e enormes quantidades de sobreposições. Neste período notamos mudanças nos volumes do *bottom* e *top*.<sup>2</sup> Porém, tais alterações foram muito sutis, se comparadas à revolução dos *années folles*,<sup>3</sup> onde, as roupas femininas se tornaram bem mais simples e práticas, constituindo a moda denominada *garçonne*.

Mas, antes de darmos continuidade ao nosso raciocínio sobre as mudanças nos padrões vestuários, antecipamos que para tal estudo aceitamos a proposição segundo a qual

a moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações [...] Contra a idéia de que a moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamo-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental. Durante dezenas de milênios, a vida coletiva se desenvolveu sem culto das fantasias e das novidades, sem a instabilidade e a temporalidade efêmera da moda [...] Só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias.<sup>4</sup>

Portanto, as linhas do tempo que nos serviram de referência são *timelines* de História da Moda, e não somente da História do Vestuário. Assim, interrogamos, para retomarmos nossa reflexão: *como tal mudança na silhueta feminina se deu na segunda década do século passado?*

Prosseguindo com a resolução de nossa problemática, levamos em conta que nosso recorte histórico abrange um período pós-Primeira Guerra e que a

<sup>1</sup> “Linhas do tempo”. Recurso utilizado por ilustradores e estudiosos de moda na intenção de demonstrar a evolução das formas da indumentária no transcorrer dos tempos (para exemplos, *vide* anexo I).

<sup>2</sup> *Bottom* é um Termo do design de moda que indica a parte inferior dos trajes, enquanto *top* denomina a parte superior.

<sup>3</sup> *Anos Loucos* (tradução nossa).

<sup>4</sup> LIPOVETSKY, Gilles, *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 23.

sociedade ocidental, sua cultura e valores morais sofreram abalos inéditos até então. Podemos, desse modo, presumir que isso teve grande interferência no resultado de tais modificações estéticas.

Depois do término do primeiro terrível conflito mundial ou, mais exatamente, quando a sociedade francesa entrou nos chamados “anos loucos”, as mulheres passaram a usar indumentos curtos, frouxos, com no máximo uma sobreposição. Ou seja, a *lingerie* (composta por uma combinação ou por calcinha e sutiã), como roupa de baixo, e o traje em si. Outro ponto importante a ser notado é que, como matéria-prima desse novo guarda roupa, começaram a ser utilizados tecidos “inteligentes”,<sup>5</sup> permitindo às damas e moças muito mais flexibilidade e autonomia nos movimentos.

A constatação de que a moda dos anos 1920 é resultado das imbricações sociais anteriores a ela é demonstrada por Christine Bard. Para a historiadora francesa,

*La guerre accélère donc un mouvement qui a commencé quelques années plus tôt. Dans les usines, les femmes qui remplacent les hommes adoptent parfois le pantalon et les cheveux court. À la ville, la morale de guerre impose une simplicité qui démode l'élégance ostentatoire des oisives da Belle Époque.*<sup>6</sup>

As mudanças na rotina feminina oriundas da Primeira Guerra, e não somente a escassez de matéria-prima provocada pelo conflito, como afirmado em Bard, levaram às transformações da indumentária feminina. No entanto, outras questões fazem parte desse processo histórico. Entendemos que a popularização dos novos “hábitos” (tanto no que se refere ao vestuário quanto no que tange à atitude) se deve a outros fatores mais remotos que o Grande Conflito Mundial. Conforme nos mostra Gilles Lipovestky,

---

<sup>5</sup> O termo tecido “inteligente” foi cunhado a partir do século XXI e consiste no fruto do trabalho das tecelagens em produzir tecidos que colaborem para a melhoria do conforto táctil e térmico, e até mesmo para uma boa performance nas práticas esportivas. Porém, é consenso que os primeiros tecidos inteligentes datam já do começo do século XX, com as primárias transformações da estrutura têxtil e o emprego das primeiras fibras artificiais em alguns tipos de malha (por exemplo, o jérsei). SÁNCHEZ, José Cegarra, *Têxteis Inteligentes*. Química Têxtil, nº 82, 58-77.  
<<http://www.ufjf.br/posmoda/files/2008/07/Têxteis-inteligentes.pdf>>.

<sup>6</sup> BARD, Christine, *Les Garçonnes: modes et fantasmés des années folles*. Paris: Flammarion, 1998, p.18. *A guerra acelerou, portanto, um movimento que começara há alguns anos. Nas usinas, mulheres que substituíam os homens adotaram, por vezes, calças e cabelos curtos. Na cidade, a moral da guerra impôs uma simplicidade, tirando de moda a elegância ostensiva da ociosa Belle Époque* (Tradução nossa).

foi ao longo da segunda metade do século XIX que a moda, no sentido moderno do termo, instalou-se. Certamente nem tudo então é absolutamente novo, longe disso, mas de maneira evidente apareceu um sistema de produção e de difusão desconhecido até então e que se manterá com grande regularidade durante um século.<sup>7</sup>

Compreendemos, então, que a partir desse momento o produto de moda preparado por designers não é fruto do acaso, tampouco de inspirações sublimes, mas sim resultado da combinação de vários “limitantes projetuais” – por exemplo: posição geográfica, temporalidade, clima, economia, tecnologias disponíveis e, principalmente, o mercado de consumo (o que, por seu turno, nos indica vários outros fatores, como: sociais, religiosos, morais etc.). Assim, concluímos que, no século XX, mesmo na década dos “anos loucos”, esse “sistema de moda” já estava consolidado.

Isso não quer dizer que, nos períodos anteriores ao final do século XIX, não fosse preciso levar em conta tais pontos. Porém, somente com a instauração da *Haute Couture*,<sup>8</sup> em 1866, pelo *couturier* Charles Worth,<sup>9</sup> é que a moda foi entendida como um negócio.

Ou seja, a partir da Alta Costura a cliente não participava mais do processo de elaboração dos modelos de seu guarda-roupa, submetendo-se às *criações* de seu costureiro favorito.

Worth deu origem à moda no sentido atual do termo, empregando o duplo princípio que a constitui: autonomização de direito do costureiro-modelista, expropriação correlativa do usuário na iniciativa da composição do vestuário.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> LIPOVETSKY, Gilles, *op. cit.*, p. 69.

<sup>8</sup> *Appellation Haute Couture* é uma designação juridicamente protegida. Em termos gerais, seria uma espécie de sindicato instaurada pelo costureiro inglês Charles Frédéric Worth, juntamente com seus filhos, em 1868, em de Paris, com o intuito de valorizar e assegurar o legado das *Maisons* contra plágios de confecções menores ou de outros países. A *Chambre Syndicale de la Haute Couture* é atualmente uma das três componentes da *Fédération Française de la Couture du Prêt-à-Porter des Couturiers et des Créateurs de Mode*, criada em 1973 por Didier Grumbach (atual presidente da *Fédération*). GRUMBACH, Didier, *Histoire de La Mode*. Paris: Editions du Regard, 2008.

<sup>9</sup> Charles Frédéric Worth, nascido em Lincolnshire, na Inglaterra, foi vendedor de tecidos e costureiro da *Swan & Edgar*, na *Picadilly Circus*, em Londres, de 1838 a 1845; depois, tornou-se comerciante de sedas até 1847, na *Lewis & Allenby*, situada na *Regent Street*, Londres. Mudou-se para Paris e trabalhou na *Gagelin*, loja que vendia acessórios de moda prontos para usar, os quais ele confeccionava. Em 1858, abriu sua própria empresa, a *Worth & Bobergh*. Em 1864, tornou-se fornecedor exclusivo da Imperatriz Eugênia, da França. Em 1868, a família Worth, juntamente com outros chefes de *maisons*, instauram a *Chambre Syndicale de la Haute Couture*. GRUMBACH, Didier, *op. cit.*

<sup>10</sup> LIPOVETSKY, Gilles, *op. cit.*, p. 92.

Consequentemente, esse enquadramento da Moda, o qual vigorou por todo o século XX, deu espaço à espetacularização, que possibilita a impressão das ideias do criador, e não mais do real.

Dessa forma, entendemos que a partir do final do século XIX a moda é projeção, idealização; ou seja, uma *imagem* (na qual predomina a visualidade e não somente o visível). Os modismos são representações visuais compostas por *objetos tridimensionais*. A moda em si não é palpável, mas sim os objetos que a compõem. A nosso ver, portanto, ela faz parte, ao mesmo tempo, da cultura material e da cultura visual.<sup>11</sup>

Em decorrência, deparamo-nos com a seguinte complexidade: ter como objeto de estudo a *visualidade* (moda), que, por sua vez, é composta por elementos tridimensionais (roupas, sapatos, bolsas, joias, penteados...), os quais também são fontes históricas. E, para termos ciência da significação da composição visual total das *garçonnes*, recorreremos a fotografias que contenham indícios da moda dos anos 1920. Procedendo dessa maneira, “mudamos o foco do item isolado para o conjunto, para saber o que se usava com o quê”.<sup>12</sup>

Essas fotografias suporte também são imagens. No entanto, apreendemos, como Ulpiano T. B. De Menezes, que “a rigor, a cultura visual pode ser considerada uma subcategoria da cultura material”<sup>13</sup> e que “a imagem afinal, antes de mais nada, é um artefato”.<sup>14</sup> Entendemos que algumas informações não podem passar despercebidas (como fotógrafo-autor, finalidade, local...) Aqui, o “material” e o “visual”, por conseguinte, foram tratados com os mesmos cuidados metodológicos que ambos requerem. Contudo, não nos aprofundamos nas análises de tais fotografias dos anos 20, pois, repetimos, essas imagens nesta pesquisa tiveram o papel de “auxiliadoras” da visualização.

Um dos objetivos deste estudo também foi expor como se deu a relação de uma prática cultural (o vestir) com uma determinada sociedade em um dado período histórico. Tal prática cultural teve significação para além da finalidade do cobrir e do pudor, isto é, a de comunicação de valores. Pois:

---

<sup>11</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de, Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, 23, <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>.

<sup>12</sup> BURKE, Peter, *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: Eduec, 2004, p.99.

<sup>13</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de, *op. cit.*, p. 25.

<sup>14</sup> *Op. cit.*, p. 30.

a cultura material deve ser estudada não como o conjunto de coisas e contextos materiais de que se serve o homem na sua vida social, mas como a dimensão física, empírica, sensorial, corporal, da produção/reprodução social (o uso do termo “cultura” aqui também pressuporia mediação de significados e valores).<sup>15</sup>

Logo, entendemos que o vestir produz o diálogo entre o usuário da roupa e o espectador desse usuário, quando estes fazem parte de uma mesma contextualização histórica. Afinal, “as imagens não têm sentido em si, imanentes. Elas contam apenas – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas [...]. É a interação social que produz sentidos”.<sup>16</sup> Porém, consideramos que, mesmo assim, tal diálogo imagem/realidade não está isento do risco de produzir e de receber múltiplas interpretações.

Com o intuito de refinar as hipóteses acerca da nossa problematização, começamos a compilação por documentações referentes ao desenrolar da Primeira Guerra, dos “anos loucos” e da moda *garçonne*. Deparamo-nos, então, com o livro do escritor Victor Margueritte, *La Garçonne*, publicado em 1922. A obra em questão nos ofereceu, além de descrições dos visuais femininos da época, muitas nuances do recorte histórico (a Paris de 1919-1929), assim como dos hábitos e costumes das mulheres que nele viveram. Em nosso entender, a Literatura, na data de publicação de *La Garçonne*, foi uma espécie de propaganda de uma inflexão dos valores e costumes vigentes, pois na França do começo da década de 1920 os livros ainda eram um meio de publicidade muito forte em relação às demais mídias.

Como relatado por Cécile Méadel,<sup>17</sup> o rádio e o cinema estavam em seus primeiros passos no que diz respeito à democratização de seus ouvintes. A rádio moderna só nasceria no final dos “anos loucos”. O telefone também ainda era coadjuvante na comunicação, mesmo popularizado nos negócios, nas situações urgentes ou como meio de comunicação indireto (um único telefonema espalhava uma notícia no vilarejo ou no bairro). Embora o governo tivesse aprovado, em 1922, um grande financiamento à *PTT*,<sup>18</sup> para seu desenvolvimento, nesse período continuava um equipamento raro, de alto preço e funcionamento precário.

<sup>15</sup> *Op. cit.*, p. 25.

<sup>16</sup> *Op. cit.*, p. 28.

<sup>17</sup> MÉADEL, Cécile. A Modernidade. Os primórdios do rádio. *Revista História Viva*, edição especial grandes temas Anos 20, n. 38, p. 46-53.

<sup>18</sup> (*Postes, Télégraphes et Téléphones*). Nome de um antigo ministério francês, em voga nos séculos XIX e XX.

De outro lado, a *Ernest Flammarion*, responsável pelas publicações de Victor Margueritte, já era há um bom tempo uma editora de referência e bem estabilizada no setor literário. Os estudos de mercado feitos pelos codiretores literários da época, os irmãos Fisher, registraram 600.000 exemplares de *La Garçonne* vendidos até 1926, atingindo a marca de 1.000.000 livros vendidos em 1929 (estatísticas confirmadas por Patrick Villepin<sup>19</sup> e Christine Bard<sup>20</sup>).

Além da logística de distribuição, os codiretores souberam explorar, e muito, o escândalo que surgiu em torno de *La Garçonne*. O romance foi tachado de pornográfico, e as descrições dos hábitos da burguesia contidas nele, tanto como a maneira de se vestir e se portar da *garçonne*, uma vulgaridade do autor. Pelo motivo de não retirar o livro de circulação, Victor Margueritte, que fazia parte do quadro de comissão organizadora da *Légion d'Honneur*,<sup>21</sup> foi dela erradicado e, ainda, retirada sua honraria de *Chevalier*<sup>22</sup> (que ganhara por ter servido à pátria como militar) dessa mesma organização.

Toda essa controvérsia só aumentou as vendas. O livro chegou a ser traduzido para doze idiomas: português (*A Emancipada*); italiano (*La Giovinnotta*); espanhol (*La Machona*) e inglês (*The Bachelor Girl*)... O que consequentemente disseminou o ideal *garçonne* fora de Paris. No entanto, mesmo cientes dessa repercussão mundial, fixar-nos-emos, para este estudo, somente no espaço da capital francesa.

Assim, notamos que, quando Victor Margueritte, que utilizava a escrita como meio de testemunhar sobre seu tempo e propor novos valores, discorreu sobre os aspectos físicos de sua heroína, ele nos disponibilizou variados elementos de moda. Desde os artifícios compositivos de um modismo mais tradicional até aos da *nouvelle femme* na sociedade francesa da década de 1920.

Logo, entendemos que o grande consumo da trama em questão alargou as interpretações acerca da protagonista. Embora Margueritte tentasse

<sup>19</sup> MARGUERITTE, Victor. *La garçonne*. Paris: Flammarion, 1922, p. 192-193.

<sup>20</sup> BARD, Christine, *op. cit.*, p. 65.

<sup>21</sup> A Legião de Honra é a mais alta condecoração francesa. Ela recompensa, como grande feito nacional, os méritos alcançados pelos cidadãos, sem levar em conta posição social ou hereditária, e abrange todos os setores do país. A Legião reúne, sob a autoridade do senhor chanceler, em um conjunto que é inigualável no mundo, além das condecorações, duas casas de Educação e um Museu. Sua sede situa-se, desde 3 de maio de 1804, no palácio de *Salm*, atualmente *Palais de la Légion d'Honneur*. Entre seus condecorados, é comum encontrar grandes literatos, chefes de Estado, militares e, na contemporaneidade, até mesmo esportistas e celebridades. Disponível em: <<http://www.legiondhonneur.fr/shared/fr/ordresdecorations/fordredecoration.html>>.

<sup>22</sup> Cavaleiro (tradução nossa).

impor seu ideal de feminismo, o qual ele insistia em afirmar que não era o que os leitores enxergavam, o contexto da publicação, somado ao conseqüente escândalo da obra, não o ajudava nessa sua afirmativa. Por outro lado, são as interpretações da personagem principal que os leitores fizeram, as quais o escritor lamentava (ou falsamente lamentava), é que nos interessam nesta pesquisa. Ou seja, mais do que entender o que Victor Margueritte pretendia mostrar em seu livro, precisamos compreender o que *La Garçonne* provocou em seus leitores. Acreditamos que tais interpretações auxiliaram na formação dos contornos da moda *garçonne* que tomou as ruas de Paris. Uma constatação seria o fato de que em muitos livros contemporâneos<sup>23</sup> de história da Moda, o romance *La Garçonne* é reverenciado, quando descrito o visual de mesmo nome.

A partir do momento em que reconhecemos a importância do citado romance no processo de consolidação dessa moda, concluímos que era preciso penetrar em outras questões acerca do uso da documentação; nesse caso, foi necessário submetermo-nos às cautelas das fontes literárias.

Recorrendo, principalmente, às proposições de Roger Chartier, compreendemos que uma das especificidades do livro é que, “*selon les théories de la loi, cet artefact possède des caractéristiques singulières, car il est propriété intellectuelle, il est, au même temps, propriété matérielle*”.<sup>24</sup> Buscamos estudar a primeira edição de *La Garçonne*, porque foi nesse formato (suporte) que “o objeto manuscrito se deu”<sup>25</sup> aos leitores de 1922. Por isso, pesquisar a materialidade desse artefato, além das ideias que estão contidas nele, é de suma importância para esta pesquisa.

Também consideramos algumas proposições de Robert Darnton,

<sup>23</sup> BARD, Christine, *op. cit.*, p. 7.

ORMEN-CORPET, Catherine, *Modes XIX<sup>e</sup> – XX<sup>e</sup> Siècles*. Paris: Hazan, 2000, p.218.

JOIN-DIÉTERLE, Catherine et al., *Les années folles: 1919-1929*. Paris: Adagp, 2007, p. 199-207.

CALLAN, Georgiana O’Hara. *Enciclopédia da Moda: de 1840 à década de 90*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.141.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de La. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes 2009, p. 51.

ORMEN, Catherine, *Comment regarder la Mode: histoire de la silhouette*. Paris: Hazan, 2009, p.86.

WORSLEY, Harriet, *100 idéias qui ont transformé la mode*. Paris: Seuil, 2011, p. 76.

CHEVÉ, Joëlle, “A liberdade é delas”. *Grandes temas: história viva: anos 20*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p. 31-33...

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger, “Ecrit et cultures dans l’Europe moderne: 01 Qu’est-ce qu’un livre?”. *Collège de France*, 1(2009), <http://deimos3.apple.com/WebObjects/Core.woa/Feed/college-de-france.fr-dz.7011426483.07011426485>. Segundo as teorias do direito, esse artefato possui características particulares, pois é propriedade material e, ao mesmo tempo, propriedade intelectual (tradução nossa).

<sup>25</sup> CHARTIER, Roger, *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 78.

segundo as quais é preciso entender todo o ciclo de vida dos livros (ciclo esse que vai do autor até o leitor), respondendo às seguintes questões: Em que ponto o escritor se libertou do patronato para viver de sua pena? Qual era a natureza de uma carreira literária? Como os escritores tratavam com os editores, os impressores e livreiros? Qual o lugar ocupava a editora dentro do ramo das publicações? Afinal, “enquanto essas perguntas não forem respondidas não entenderemos plenamente a transmissão dos textos”.<sup>26</sup>

Por fim, cabe destacar que a Literatura, as consequências das práticas de leitura, assim como as questões acerca da biografia do autor e da contextualização dessa temporalidade, nos assessoram na forma de aportes às respostas dadas a nossa problemática. Dito de outro modo, para o entendimento da consolidação da moda dos *années folles*, consideramos o livro como um dos agentes responsáveis pela divulgação e pela propagação da moda *garçonne*. Contudo, como já afirmado anteriormente, igualmente compreendemos que outras questões estão envolvidas. A razão deste trabalho é concluir como elas estão imbricadas.

---

<sup>26</sup> DARNTON, Robert, *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de bolso, 2010, p.139.

## CAPÍTULO 1

### 1 PARIS RENASCE

A década de 1920 é pintada como um tempo de alegria, frenesi, modernidade e rebeldia feminina. Tal representação contida no imaginário coletivo ocorre, em parte, pela disseminação do estilo de vida parisiense dessa época e seus paradoxos.

Passados os anos da Grande Guerra, era comum encontrar pela cidade luz muitas pessoas traumatizadas pela inédita experiência daquele horrível acontecimento. Como os episódios trágicos haviam amplamente demonstrado que a existência podia ser muito breve, a população, de modo geral, adquirira novas concepções sobre suas existências.

Conforme é visto em *Signes*, publicado em 1960, do filósofo fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty:

Nosso século apagou a linha divisória do 'corpo' e do 'espírito' e encara a vida humana como espiritual e corpórea de ponta a ponta, sempre apoiada sobre o corpo [...] O século XX restaurou e aprofundou a questão da carne, isto é, do corpo animado.<sup>27</sup>

Ou seja, o corpo fora definido como organismo; não se separam mais a carne de *l'esprit*. Desse modo, entendia-se que, para viver mais e melhor, era necessário um corpo saudável e ágil, livre para poder sentir prazer. Por conta disso, a dança e os exercícios físicos se popularizaram, e em um novo mundo, que tinha a necessidade de viver mais que sobreviver, o lazer se tornou um escape.

Para os sobreviventes, esquecer os tempos difíceis era necessário para dar continuidade a suas vidas. Para isso, a alternativa que encontraram, como superação ao trauma, fora o divertimento. O cenário tranquilo dos pictóricos piqueniques da *Belle Époque* deu lugar aos inquietos *dancings* dos "anos loucos". Como nos afirma Yapp,

---

<sup>27</sup> PONTY, Maurice Merleau *apud* COURTINE, Jean-Jacques et al., *História do Corpo: as mutações do olhar*. 3 volumes, v. 3, O Século XX. Petrópolis: Vozes, 2008, 7.

Antes da chegada dos alegres anos 20, o conceito de diversão era praticamente desconhecido. A disposição de tempo com frequência para se divertir foi uma das inovações com melhor acolhida durante a época do jazz.<sup>28</sup>

Em 1920, o que era chamado de “estabelecimentos de prazer” desabrolhou nos bairros mais ricos ou nos mais alternativos, como o Montparnasse, região onde se reuniam escritores e jovens pintores chegados da Espanha, da Rússia e da Itália. Paris estava repleta de pianos-bares, como o Le Dôme, o La Rotonde, o La Coupole ou o Jockey. Próximos aos Champs-Élysées, os chás dançantes e os salões dos hotéis Claridge e Carlton, quase todas as noites da semana, estavam repletos de pessoas.

Também estavam em voga as famosas *surprise-parties*,<sup>29</sup> nas quais, por volta das 22 horas, várias pessoas se reuniam e chegavam à casa de um amigo comum que não sabia de coisa nenhuma e era compelido a abrir as portas de sua residência para uma festa, que podia durar até o dia amanhecer, embaladas ao som do *charleston* ou do *jazz*.

Devido a sua complexidade, *os années folles* foram palco de grandes transformações e, por conseguinte, de contradições. A economia mundial, naquele momento, sofria novos balanços, que, como consequência, abalaram as estruturas da alta sociedade parisiense. A boa educação não era mais sinônimo de grandes espólios. Os novos-ricos, em especial os norte-americanos, adentravam as tradicionais famílias europeias graças a suas filhas, que então se tornaram os “melhores partidos”.

Apesar de caracterizar o tempo do “lazer e felicidade”, os anos 1920 também são tidos como um período de instabilidade financeira. Estimulada pela desvalorização do franco, a indústria francesa crescia, e a esperança era de prosperidade infinita. Contudo, no decorrer da década, os economistas previram que cedo ou tarde todos pagariam a conta. Findando os *années folles*, ocorrera, como resultado dos frenéticos gastos, a grande recessão.

Em decorrência da Primeira Guerra, pela primeira vez no Ocidente houve inserção maciça de mão de obra feminina no mercado de trabalho, e outras grandes mudanças no cotidiano, pois o amplo desenvolvimento dos meios de

---

<sup>28</sup> YAPP, Nick, *Gettyimages 1920<sup>s</sup>: Decades of the 20<sup>th</sup> Century*. Cologne: KÖNEMANN, 2004, p.142.

<sup>29</sup> *Festas-surpresa* (tradução nossa).

comunicação (rádio, telégrafo, telefone e cinema) e de transporte (aviões, carros e comboios) acelerou a rotina de todos, dando início aos tempos modernos.

Mas, se nesse momento as mulheres se emanciparam socialmente, pois precisavam reforçar o orçamento mensal e romperam a esfera doméstica, politicamente isso não lhes foi possível. Em 12 de julho de 1922, a maioria do senado francês disse “não” ao projeto de lei referente ao direito de sufrágio e elegibilidade feminina, causando polêmicas dignas dos novos tempos.

Vários intelectuais da época se manifestaram contra e a favor da decisão dos senadores, como Alphonse Aulard, importante professor de História na Sorbonne. Em seu artigo, “*Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et éligibilité?*”,<sup>30</sup> publicado em exemplar do jornal *Le Peuple*,<sup>31</sup> podemos observar parte de suas opiniões sobre o voto feminino:

*[...] On a pendant la guerre, vu les femmes, à la ville, à la campagne, à l'atelier, à la charrue, remplacer les hommes mobilisés, et les remplacer avec un courage et un succès dont on a été surpris. Par un bel effort de volonté, leur force physique a été haussée au niveau de leur force morale, et la plupart d'entre elles ont fait ce dur effort – gaiement quand le mari ou le fils n'était pas tué, héroïquement dans le deuil. Il a donc été visible, et visible à tous les yeux, même aux plus distraits, qu'à l'occasion, les femmes valaient les hommes. L'autre leçon de choses, c'est que les femmes ont obtenu le droit de vote chez presque tous les peuples du Nord, notamment en Allemagne, en Angleterre, en Belgique. La France est comme encerclée par le triomphe de ce droit nouveau, et le pays des droits de l'homme (qui ne sont pas seulement les droits du mâle) ne peut pas résister bien longtemps à la contagion d'égalité [...]*<sup>32</sup>

<sup>30</sup> *Será que devemos dar às mulheres o direito de voto e de elegibilidade?* (tradução nossa).

<sup>31</sup> *Le Peuple* (O Povo) era uma publicação da CGT (*Confédération Générale du Travail* = Confederação Geral do Trabalho). Apareceu pela primeira vez em 4 de janeiro de 1921 e exprimia a opinião da maioria da CGT da época. Esse jornal diário, dirigido por Marcel Cachin, contava a vida do trabalhador, das minorias e da humanidade. Logo após a unificação, em 1936, da CGT com a CGTU, *Le Peuple* tornou-se um órgão federal oficial. Com periodicidade semanal a partir de 1939, foi suspenso durante a “Ocupação” da França pela Alemanha durante a Segunda Guerra. A partir de 1952, tornou-se um órgão de informação da vida interna da Confederação destinado às suas organizações, até os dias de hoje. Disponível em: <<http://www.lepeuple-cgt.com/html/hist/>>.

<sup>32</sup> AULARD, Alphonse. “*Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et éligibilité?*”, *Le Peuple, Politique* 680 (1922): 1. [...] *Foi durante a guerra que vimos mulheres, na cidade, nos campos de batalha, nas oficinas, nas plantações, substituir os homens que estavam ausentes, e lhes substituírem com coragem e sucesso que nos deixou surpresos. Por um grande esforço de vontade, sua força física foi aumentada para o nível de sua força moral, e a maioria entre elas fez um duro esforço - alegremente quando seu marido ou filho não foram mortos, heroicamente em batalha. Portanto, foi visível, e visível a todos os olhos, mesmo aos mais distraídos, que na ocasião as mulheres valiam pelos homens. A outra lição foi que as mulheres obtiveram o direito de voto em quase todos os povos do Norte, incluindo Alemanha, Inglaterra e Bélgica. A França está cercada pelo triunfo desse novo direito, e o país dos direitos dos homens (que não é somente o direito masculino) não pode resistir por muito tempo ao contágio da igualdade* (tradução nossa).

Um dos argumentos contra o novo projeto de lei eleitoral era o de que as francesas não teriam opiniões próprias e sofreriam a influência dos padres. M. A. Aulard afirma que as ideias da maioria das mulheres da França, realmente, ainda estava, nessa época, sob a autoridade da Igreja Católica. Porém, os países protestantes (Inglaterra, Bélgica e Alemanha) já haviam dado o direito de sufrágio às mulheres. Assim, se tais países, que se elevavam em maior grau quanto à moral e à religião em relação aos países católicos, haviam fundado sua noção de dever sobre a liberdade e a ciência, esse argumento não seria válido. Aulard prossegue, salientando que:

*Ma conclusion est qu'il faut procéder, comme on dit, par étapes, donner d'abord aux femmes le droits d'élire les conseillers municipaux, ne leur donner le droit d'élire les députés que lorsqu'elles se seront exercées au vote municipal, et puis, quand on leur accordera la totalité du droit de vote politique, [...]. C'est une conclusion très modeste, mais je crois que c'est la seule pratique, la seule prudente.*<sup>33</sup>

Em contrapartida a essa moderada, porém favorável, posição de M. A. Aulard a respeito das *suffragettes*, houve a opinião da crítica literária (e não simpatizante das mudanças de caráter social) Marthe Borély. Ela era totalmente contra o direito feminino de votar. Em *Le Vote des Femmes*, artigo redigido em *L'Action Française*,<sup>34</sup> no qual cita uma circular de sua autoria, pode-se verificar o posicionamento de Madame Borély:

*C'est-à-dire que la législation protectrice qui s'impose de ce fait que la femme n'est pas plus protégée aujourd'hui par les mœurs leur serait ainsi refusée. Quant à celles qui n'ont pas ou qui n'ont plus les moyens matériels de s'émanciper, les femmes incapables, délicates, malades ou âgées, elles seraient! – Avec le prolétariat féminin courbé sous la dure loi de l'égalité dans le travail – les véritables victimes de l'émancipation.*<sup>35</sup>

<sup>33</sup> AULARD, Alphonse. *Op. cit.* Minha conclusão é de que é preciso proceder, como dizem, por etapas, dando primeiramente às mulheres o direito de eleger os conselheiros municipais, porém não lhes dando o direito de eleger os deputados quando elas estiverem votando em âmbito municipal, e então, quando dermos a elas a totalidade do direito do voto político [...] Essa é uma conclusão muito modesta, mas eu creio que essa é a única prática, a única modesta (tradução nossa).

<sup>34</sup> O Ação Francesa, foi um jornal monarquista francês, órgão do nacionalismo integral, fundado em Paris em março de 1908 e encerrado após a *Libertação* de agosto de 1944. Sua linha editorial era considerada de extrema direita. Disponível em: <<http://www.actionfrancaise.net/histoire-index.htm>>.

<sup>35</sup> BORELY, Marthe *apud* PUJO, Maurice, “Le vote des femmes”, *L'Action Française*, Politique 309 (1922): 1. Digamos que a legislação protetora que se impôs, atualmente, a fazer com que a mulher não seja mais protegida pelos seus costumes, que estes lhes sejam, então, negados. Quanto àquelas que não têm ou não têm mais os meios materiais de se emancipar, as mulheres incapazes, frágeis, doentes ou idosas, estas serão! – com o proletariado feminino, que impõe sua dura lei de igualdade no trabalho – as verdadeiras vítimas da emancipação (tradução nossa).

A escritora conservadora defendia que a política não era uma atividade pela qual as mulheres deviam se ilustrar. Em sua opinião, mesmo que possuíssem instrução acadêmica, deveriam manter-se na esfera doméstica. Caso houvesse a emancipação política feminina, acreditava Borély, isso privaria as mulheres da proteção social de que necessitavam e que era delas por direito.

Muitas outras questões foram colocadas em debate, e essa discussão se estendeu por vários anos entre os simpatizantes da política da esquerda e os da direita francesa. Somente em 1944 as francesas puderam ir às urnas para eleger seu presidente. Contudo, toda essa agitação teve consequências imediatas no universo feminino dos anos 1920.

Destarte, mesmo cientes de que toda essa “revolução” comportamental não atingiu todas as mulheres, entendemos que se vestir à *garçonne* foi mais que um modismo da cultura das aparências. Era estar de acordo com um novo tipo de feminilidade, que implicava ser uma mulher que vive liberdade e reivindica por seus direitos. No decorrer dos anos 1920, encontrar mulheres emancipadas era cada vez mais comum, tal era o crescimento feminino quanto à igualdade de direitos e à popularização do estilo de vida moderno. E foi nesse contexto de revoluções e reivindicações femininas que o escritor Victor Margueritte publicou sua obra mais notória, *La Garçonne*.

## 2 A IMAGEM DA NOUVELLE FEMME

Além de crermos que a moda é imagem, já elucidamos que, para melhor usá-la como fonte (já que se trata de moda do vestuário e não temos tal vestuário), apoiamo-nos em fotografias (as quais, por sua vez, também são “imagem”) para darmos início a este trabalho.

Conforme Peter Burke, “as imagens propagam valores”.<sup>36</sup> Todavia, nem sempre o que elas nos apresentam é “justo” com a verdade histórica. Logo, queremos esclarecer que as fotografias seguintes são imagens de apoio, pois servem para nos apresentar de maneira imagética como era cada referência estética da moda *garçonne*. Isso porque somente a descrição textual seria insuficiente (quando se intenciona discutir sobre moda), para uma melhor assimilação, pelo leitor, das formas e texturas descritas.

Assim, não nos ateremos com muita profundidade ao que se refere ao “retraçar da biografia, a carreira, a trajetória das imagens”<sup>37</sup> a seguir (fotografias). Isso não significa que negligenciamos questões acerca da idealização e gênero a elas relativas. Portanto, já antecipamos que as fotos que se seguem são de gênero documental e publicitário, possuindo significações sugestivas e grande uso de simbologias, as quais, por sua vez, são influenciáveis pelo tempo e pelo espaço históricos.

Entretanto, dados mais detalhados acerca dos fotógrafos e da linha de trabalho que seguiam, ou sobre a materialidade das fotografias em si, não foram abordados aqui, pela razão de que esta dissertação não visa a analisar a relação dessas fotos com a moda *garçonne*, mas sim a tratar a relação de tal moda (e é, portanto, essa imagem que nos interessa) com o livro *La Garçonne*. Também elucidamos que as imagens dos subitem: Função Prática e Estética do livro, são igualmente instrumentais para a visualização do texto descritivo. Assim, somente pequenas notas foram colocadas abaixo de cada título, e a discussão imagética ficou por conta da ideia geral do texto “*S’habiller et se Porter Comme Une Garçonne*”<sup>38</sup>.

---

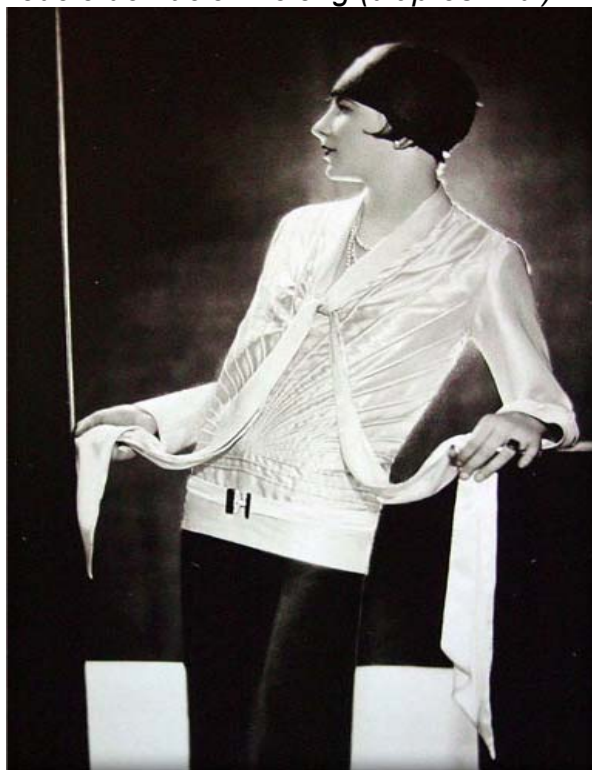
<sup>36</sup> BURKE, Peter, *op. cit.*, p. 96.

<sup>37</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de, *op. cit.*, p. 28.

<sup>38</sup> *Se vestir e se portar como uma garçonne* (tradução nossa).

## 2.1 S'HABILLER ET SE PORTER COMME UNE GARÇONNE

**Figure 1 - Modèle de Lucien Lelong (d'après midi)<sup>39</sup> - Paris, 1928**



Fonte: Join-Diéterle et al. (2007)

As excentricidades francesas, desde sempre, já causavam curiosidade e imitações por grande parte dos estrangeiros, mas é no período pós-Primeira Guerra Mundial que a França renasceu em antíteses e tornou com total força sua capital o centro irradiador de cultura e modismos, principalmente no que concernia ao vestuário feminino e ao estilo de vida de seus habitantes.

Na exposição *Les années folles*, promovida, em 2007, pelo Musée Galliera, Bertrand Delanoë, prefeito da cidade de Paris na ocasião, transmite, no prefácio do catálogo dessa mostra, uma percepção não só sua, mas da memória coletiva da sociedade parisiense póstuma à década homenageada. Delanoë escreveu: “*La Mode des années folles est l’expression du plaisir inouï d’être vivant, d’une frénésie de mouvement, d’un désir de libération qui gagne le corps des femmes comme jamais auparavant*”.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> Título da Foto: *D’après midi*; dimensões: não fornecidas; fonte: JOIN-DIÉTERLE et al., 2007; autor: Egidio Scaioni.

<sup>40</sup> JOIN-DIÉTERLE, *op. cit.*, prefácio. *A moda dos anos loucos é a expressão do prazer incrível de estar vivo, de um frenesi de movimento, de um desejo de liberação que ganha os corpos femininos como jamais houve antes* (tradução nossa).

A moda dos anos 20 nos passa a ideia da mulher dinâmica. Mas investigamos que

durante a primeira metade da década de 1920, a moda feminina seguira dois cursos – o tradicionalmente feminino e o mais modernista [...]. *Paquin, Callot Soeurs, Martial et Armand*, e principalmente *Jeanne Lavin*, estavam na dianteira do movimento romântico.<sup>41</sup>

Porém, “o que determinaria a moda do pós-guerra seria o visual *garçonne* – a própria antítese do estilo romântico”.<sup>42</sup> E os estilistas, citados acima, se renderiam, no transcorrer dos *années folles*, às modernas tendências.

“O visual *garçonne* ou *jeune fille* desenvolvera-se durante os anos imediatamente após a guerra e chegou ao seu auge em 1926, continuando com poucas modificações até 1929 [...], sendo um estilo jovial, meio moleque”,<sup>43</sup> que trouxera uma mudança drástica no físico feminino, como se pode observar nas Figuras 2 e 4.

---

<sup>41</sup> MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la, *op. cit.*, p. 51.

<sup>42</sup> *Op. cit.*, p. 52.

<sup>43</sup> *Op. cit.*, p. 52-53.

Figura 2. *Les Garçonnes*<sup>44</sup> - Paris, 1928



Fonte: Bard (1998)

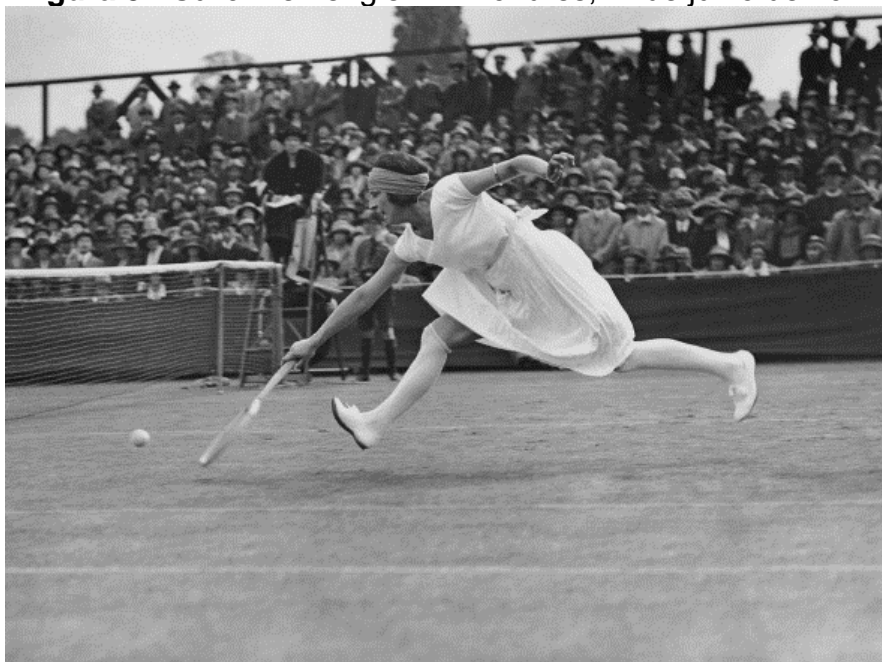
A inércia imposta pelos espartilhos ficara *démodé*, do mesmo modo que a vida do século anterior, por sua vez tida como pacata, se comparada com o novo cotidiano imposto pela modernidade na Cidade-Luz. A *nouvelle femme*<sup>45</sup> pratica esportes, trabalha, frequenta a universidade e os salões de dança, flerta abertamente com vários homens, dirige automóveis, pilota aviões; ou seja, permanece grande parte do seu tempo fora de casa.

---

<sup>44</sup> Título da Foto: *Garçonnes parisiennes*; dimensões: não fornecidas; fonte: BARD, 1998; autor: Jacques-Henri Lartigue. Parisienses clientes do *Fétiche*; da esquerda para direita, em pé: Bibi, Olga Day e Michelle Verly, fotografadas durante a filmagem de *La Symphonie Pathétique*.

<sup>45</sup> *Mulher moderna* (tradução nossa).

**Figura 3 - Suzanne Lenglen<sup>46</sup> - Londres, 1º de julho de 1922**



**Fonte:** GettyImages®

Observamos, também, que a característica “libertadora” dessa moda se deve à “funcionalidade” dos trajes, que surgira por questões práticas. Embora no começo da década de 1920 as mulheres ainda trabalhassem em setores industriais tradicionais (têxtil e alimentício), as fábricas eram mais atrativas que o trabalho doméstico. Assim, até a crise de 1929, quando não foram restituídas ao seu papel de donas de casa, elas foram cada vez mais numerosas nas indústrias elétrica, mecânica e automobilística.

A necessidade de se deslocar impusera às trabalhadoras trajetos diários a pé, de bicicleta ou nos transportes públicos. Em razão desse fator, foram necessárias roupas mais adaptadas a esse novo modo de viver e interagir com a urbanidade, como sugerem as figuras a seguir:

---

<sup>46</sup> Título da Foto: Suzanne Action; dimensões: não disponível; autor: desconhecido, fonte: GettyImages® - Topical Press Agency – Hulton Archive. Disponível em: <http://www.gettyimages.com.au>. Foto tirada, para jornal, da tenista francesa Suzanne Lenglen em sua participação no *Grand Slam* de Wimbledon, em 1922, no qual foi vencedora individual, em dupla feminina e em dupla mista.

Suzanne, além de grande campeã, era conhecida pela elegância de seus trajes esportivos, que eram desenhados exclusivamente para ela pelo estilista Jean Patou. WORSLEY, Harriet, *100 idéias qui ont transformé la mode*. Paris: Seuil, 2011, p. 65.

**Figura 4 - *Motocycliste à Paris*<sup>47</sup> - Paris, anos 20**



Fonte: GettyImages®

**Figure 5 - *Les midinettes*<sup>48</sup> - Paris, 1925**



Fonte: GettyImages®

“Lépida”, “lassa” e “flexível” são adjetivos que descrevem as roupas dos *années folles*, as quais, por seu turno, acompanhavam os predicados por nós atribuídos ao “espírito da época”. Porém, como já apontamos, a década de 1920 foi marcada por verdadeiros paradoxos, isto é, também foi um período de luto, de muito trabalho e de revisão de convicções.

<sup>47</sup> Título da Foto: *Young Woman on a motorcycle asking a parisian chauffeur for information*; dimensões: 3178 x 4326 px ; autor: desconhecido; fonte: GettyImages®. Disponível em: <http://www.gettyimages.com.fr>.

<sup>48</sup> Título da Foto: *Women making themselves up in a public garden*; dimensões: 29,50 x 19,96 cm; fonte: GettyImages®; autor: Albert Harlingue; disponível em: <http://www.gettyimages.com.au>.

No entanto, o que logicamente prevaleceria na publicidade da nova moda feminina seria o que fizesse aumentar as vendas das *maisons*,<sup>49</sup> ou seja, a alegria, a liberdade, o movimento etc. Durante os anos 1920, a indústria da moda cresceu muito, a ponto de o setor de vestuário, em 1925, ocupar a segunda posição no *ranking* das exportações francesas. Naquele mesmo ano, segundo dados de Grumbach, “*la couture représente 15% des exportation françaises globales*”.<sup>50</sup>

Por causa dessa relação de mercado, na qual a propaganda tem força manipuladora sobre as vendas, concluímos que as imagens de moda, que testemunham essa temporalidade como *amusante, dynamique, hallucinée, folles, affranchie*<sup>51</sup> etc. são “imagens de ideias”.<sup>52</sup>

Assim, com relação às imagens documentais da temporalidade enfocada, como é sugerido em Poulot,<sup>53</sup> igualmente se devem levar em consideração os aspectos comerciais. Os franceses há tempos já entendiam o *savoir-faire*, a cultura e os saberes populares, ou seja, o imaterial como propriedades do patrimônio cultural. Prova disso seria a conjunta ação dos costureiros para criar a *Chambre Syndicale de la Haute Couture* no final do XIX, assim como as outras *Appellations d’origine contrôlées*, que agregaram valores (de qualidade e, conseqüentemente, monetário) aos produtos franceses.

Portanto, as fotografias documentais são também “imagens de ideias”, já que Paris e seus habitantes, depois do armistício, cultivaram a fama de disseminadores da cultura de vanguarda e do novo estilo de vida (principalmente no que se diz respeito ao cotidiano feminino), de novos saberes e novas práticas. Por meio dessa documentação imagética, estariam fazendo uma “reivindicação de identidade”.<sup>54</sup> A moda *garçonne*, logo, reforçara (e ainda reforça) tal *identité française des années folles*.<sup>55</sup>

Testemunhar e vivenciar a rotina além da esfera doméstica implicou que as mulheres tivessem uma nova perspectiva a respeito de seu papel na sociedade. Surgiram, dessa maneira, as exigências de igualdade entre os sexos.

<sup>49</sup> “Casas”. Sede das marcas de *Haute Couture* (tradução nossa).

<sup>50</sup> GRUMBACH, Didier, *Histoires de la Mode*. Paris: Regard, 2008, p. 41. A “costura” (setor do vestuário) representa 15% das exportações globais da França (tradução nossa).

<sup>51</sup> *Divertida, dinâmica, alucinada, louca, liberadora* (tradução nossa).

<sup>52</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de, *op. cit.*, p. 75.

<sup>53</sup> POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente séculos XVIII e XXI: do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

<sup>54</sup> POULOT, Dominique. *Op. cit.*, p. 239.

<sup>55</sup> *Identidade francesa dos anos loucos* (tradução nossa).

Vestir-se de maneira *garçonne* era, portanto, num contexto geral, estar de acordo com a equidade da capacidade feminina em relação à masculina. Cabelos curtos, seios achatados e quadris pequenos – tudo isso para se parecerem *comme un garçon*.<sup>56</sup>

A silhueta tubular também supunha a virilização do corpo da mulher, já que ele tinha, nesse momento, de ser ágil, forte, rápido e versátil. O sutiã, a calcinha e a combinação permitem amplitude aos movimentos e tornam-se, portanto, elementos fundamentais da nova moda. Igualmente se popularizou entre as moças o uso de calças, paletó e gravata.

**Figura 6 - Garçonne<sup>57</sup> - Paris, 1925**



Fonte: GettyImages®

Porém, como é comum nas contradições francesas, as pernas alongadas à mostra, bem como o uso de joias e maquiagem, apontavam para resquícios de feminilidade, tornando o *garçon* em *garçonne*.<sup>58</sup>

<sup>56</sup> *Como um rapaz* (tradução nossa).

<sup>57</sup> Título da Foto: *A woman model, the garçonne*; dimensões: 23,91 x 34,12 cm polegadas; fonte: GettyImages®; autor: Henri Roger-Viollet; disponível em: <http://www.gettyimages.com.au>.

<sup>58</sup> O vocábulo “*garçonne*”, na acepção moderna, não existia na Língua Francesa até a década de 1920. O feminino de *garçon* (rapaz) é *filles* (moça, menina). Portanto, o neologismo *garçonne* é uma composição do prefixo “*garçon*” + “*e*” (letra que sugere o gênero feminino no idioma francês) e tem como significado “moça emancipada, que vive e se veste como um rapaz (*garçon*)”. Fonte: LAROUSSE, *Lexis de la Langue Française: vocabulaire contemporain, synonymes et contraires langue classique et littéraire*. Paris: Larousse/VEUF, 2002, p. 815.

Conforme nos relata Florence Müller, historiadora de moda, professora de *l'Institut Français de la Mode*, em Paris, e editora de moda da revista *Surface*, em seu capítulo *Une Beauté Androgyne*, do livro *Les Années Folles: 1919-1929, a garçonne*:

*Affiche un modèle d'androgynie: ni fille, ni garçon; certainement pas adulte, elle n'aura pas de formes, tel un préadolescent. [...] Les Corps sera donc plat, sans poitrines ni taille, ni hanches rondes, à l'image de Gabrielle Chanel ou de la squelettique Nancy Cunard. Il faut être «svelte» et «élancée» selon les nouveaux adjectifs de la beauté.*<sup>59</sup>

Do mesmo modo que a historiadora, consideramos que a *garçonne*, como seu nome indica, é caracterizada por seus empréstimos do gênero masculino. No entanto, cada uma dessas transferências porta a marca da ambivalência masculino/feminino.

Ela fuma, mas utiliza uma elegante cigareira; usa calças, mas são calças-pijama, amplas, fluidas e sensuais, em harmonia com os sapatos de salto alto de bico “amêndoa”. Seus blazers acompanham echarpes de seda e, quando, como os homens, usa terno, o conjunto, porém, é composto de paletó e saia (em vez de paletó e calça).

**Figura 7 - Femmes au Terrace**<sup>60</sup> - Paris, 1923 (documental)



Fonte: GettyImages®

<sup>59</sup> MÜLLER, Florence *apud* JOIN-DIÉTERLE, *op. cit.*, p.190. *Mostra um modelo da androginia: nem menina, nem menino; certamente, não um adulto, ela não terá formas, assim como um pré-adolescente. O corpo será corpo achatado, sem seios nem cintura, nem quadris redondos, à imagem de Gabrielle Chanel ou da esquelética Nancy Cunard. Você tem que ser "esbelta" e "esguia" como novos adjetivos de beleza* (tradução nossa).

<sup>60</sup> Título da Foto: *Parisians Wearing Trendy Clothes to Terrace*; dimensões: 29,70 x 21,78 cm; fonte: GettyImages®, autor: desconhecido; disponível em: <http://www.gettyimages.com.au> .

Os vestidos para a noite, quando feitos de tecidos brilhantes e de menor gramatura, ganhavam linhas simples, retas e cores sóbrias, como a indumentária masculina. Mas, quando eram utilizados na indumentária feminina os tecidos comuns às roupas dos homens, como o jérsei (ou *jersey*), as formas é que ganhavam uma certa sinuosidade.

**Figure 8 - Modèle de Lucien Lelong<sup>61</sup> - Paris, 1927**



Fonte: Join-Diéterle et al. (2007)

Foram essas originais “adaptações do costume masculino” que se tornaram o ideal de beleza feminina daquela temporalidade. Todavia, isso não significa que o luxo fora extinto do vestuário feminino. Primorosos bordados apareciam nos vestidos de noite, assim como refinados acabamentos. O que ocorrera era um novo tipo de luxo, ou seja, o estilo *garçonne* é singelo, se comparado aos modismos em voga na *Belle Époque* e às *coquetteries*<sup>62</sup> da Alta Costura. “A moda dos anos 1920 fora mais imposta pelas mulheres do que pela *haute couture*”.<sup>63</sup> Elas incutiram as tendências da rua à Alta Costura, e não o contrário, como era comum desde Charles Worth.

<sup>61</sup> Título da Foto: *Mirella*; dimensões: não fornecidas; fonte: JOIN-DIÉTERLE et al, 2007; autor: Egidio Scaioni.

<sup>62</sup> *Coquetaria* (tradução nossa).

<sup>63</sup> LIPOVETSKY, Gilles, *op. cit.*, p. 97.

Instalou-se então, em pleno coração da era autoritária moderna, um novo dispositivo organizacional antinômico ao das disciplinas: programando a moda e no entanto incapaz de impô-la, concebendo-a inteiramente e oferecendo um leque de escolhas, a Alta Costura inaugura um tipo de poder maleável, sem injunção estrita, incorporando em seu funcionamento os gostos imprevisíveis e diversificados do público. Dispositivo rico em futuro, já que se tornará a forma preponderante do controle social nas sociedades de consumo e comunicação de massas.<sup>64</sup>

Atribuímos a essa nova “organização” na moda ocorrida nos anos 1920 o fato de que a moda *garçonne* é também resultado de questões anteriores aos *années folles*. Pois, conforme a historiadora Christine Bard, vemos como final o que se presume ser início de um processo de consolidação dos modismos. Desse modo, é possível afirmar que

*Les garçottes de années vingt sont souvent présentées comme les héritières des femmes rebelles du XIX<sup>e</sup> siècle, et dans ce siècle marqué par le renforcement de la domination masculine, adopter l'habit des hommes est un geste d'affranchissement.*<sup>65</sup>

Algumas poucas mulheres, anteriormente à década de 1920, já adotavam as vestimentas masculinas e os cabelos curtos, para poderem circular em lugares restritos aos homens (como a exploradora Jane Dieulafoy<sup>66</sup> e a romancista Amantine Dupin<sup>67</sup>). Entretanto, essas “aventureiras” se vestiam inteiramente como homens, conforme vemos em um retrato de Mme Dieulafoy:

<sup>64</sup> *Op. cit.*, p. 97-98.

<sup>65</sup> BARD, Christine, *op. cit.*, p.13. As “garçottes” dos anos vinte são frequentemente apresentadas como as herdeiras das mulheres rebeldes do século XIX, e nesse século marcado pela afirmação da dominação masculina, adotar os trajes masculino é um gesto de liberdade (tradução nossa).

<sup>66</sup> Nascida Jane Henriette Magre, em 29 de junho de 1851, na cidade de Toulouse. Foi arqueóloga, autora de romances e peças de teatro, jornalista e fotógrafa. No convento de l'Assomption d'Auteuil recebeu educação clássica e desenvolveu grande habilidade para o desenho e a pintura. Em 11 de maio de 1870, casou-se com o engenheiro civil (e apaixonado por arqueologia) Marcel Dieulafoy, acompanhando-o em seus trabalhos por todo o mundo. Em razão disso, adotou o hábito masculino e os cabelos curtos, e assim os conservou, mesmo sendo criticada severamente pela sociedade francesa, até sua morte, em maio de 1916. Disponível em: <<http://tybalt.pagesperso-orange.fr/LesGendelettes/biographies/DieulafoyJ.htm>>.

<sup>67</sup> Amantine Aurore Lucile Dupin foi romancista e *femmes des lettres française*. Nasceu em Paris, em 1º de julho de 1804. Adotou, em 1829, o pseudônimo masculino de George Sands para assinar seus romances, contos, peças de teatro, críticas literárias e textos políticos. Provocou escândalo ao lançar a moda de travestir-se com indumentária masculina e, também, por sua vida amorosa agitada. Casou-se com o Barão François Casimir Dudevant e teve dois filhos. Em 1831, deixou seu marido para se unir a um homem 8 anos mais jovem. Teve vários amantes outros, entre os quais o músico Frédéric Chopin. Reverenciada por seus pares das Letras, é autora de inúmeras obras conhecidas (como *Indiana*, *Lélia*, *Consuele*, *La Petite Fadette* e muitos outros). Produziu até seu falecimento, em 8 de junho de 1876, aos 71 anos. Disponível em: <<http://www.cryptage.org/lettre-george-sand.html>>.

**Figure 9** – Jane Dieulafoy<sup>68</sup> – Paris, 1900 (documental)



Fonte: Bard (1998)

Na ânsia de se livrarem dos incômodos espartilhos, que esmagavam seus órgãos, e de suas crinolinas, as quais as faziam parecerem verdadeiros amontoados de pano e limitavam muito seus movimentos e deslocamento, as mulheres adotaram os trajes de seus maridos ou irmãos como solução.

Para essas damas do século XIX, o uso de “calças” representava a contestação da ordem dos papéis referentes aos gêneros na sociedade, pois *“la marquage du sexe par le vêtement est en effet un trait culturel. Il assigne chaque sexe à sa place dans toutes les manifestations de la vie sociale”*.<sup>69</sup> O travestir feminino ficara tão em voga, a ponto, segundo Bard, de o ministro de *l’Intérieur*,<sup>70</sup> em 27 de outubro de 1892, endereçar a todas prefeituras uma circular segundo a qual *“le port des vêtements masculins par les femmes n’est toléré qu’aux fins de sport vélocipédique”*.<sup>71</sup>

Tal proibição indumentária do final do século XIX ajudou, a nosso ver, a moldar a *mode des années folles*. Não podendo vestir-se inteiramente como

<sup>68</sup> Título da Foto: *Jane Dieulafoy*; dimensões: não fornecidas; fonte: BARD, 1998; autor: não fornecido.

<sup>69</sup> BARD, Christine, *op. cit.*, p.7. *A marca do sexo pelo vestuário é, com efeito, um traço cultural. Ele designa cada sexo a seu lugar em todas as manifestações da vida social* (tradução nossa).

<sup>70</sup> Comandante do ministério francês; “*ministério do Interior*” (tradução nossa).

<sup>71</sup> *Op. cit.*, p.13-14. *O uso de vestimentas masculinas pelas mulheres não é tolerado, senão para prática do esporte velocipedico* (tradução nossa).

um *garçon*, as arrojadas parisienses fizeram somente uso de referências aos trajes masculinos, auxiliando na elaboração do novo vestir feminino.

Se, de um lado, ainda existiam, nos anos 1920, senhoras e senhoritas submersas em valores conservadores e que se mantinham resistentes às mudanças de comportamento, de outro havia mulheres que reivindicavam seus direitos e que almejavam experimentar o mundo à maneira dos homens. Então, na ânsia de se igualar a eles, fizeram do corpo, ser animado, um instrumento de revolução.

O corpo feminino foi, para essas reivindicadoras, ator e palco históricos. Ator, porque, como já mencionado, a carne é animada (ou seja, o organismo é o canal da materialização dos pensamentos, do perceber e do sentir circundante). E cenário historiográfico, por ser base dos signos com significantes relacionados ao espaço e ao tempo históricos. No entanto, o corpo da *garçonne* não é real, é um corpo inventado pela moda.

Enfim, temos que a moda *garçonne*, mesmo acarretando as implicações de uma multiplicidade das interpretações, cumpriu seu papel de comunicação não verbal. Em nosso entender, parafraseando Umberto Eco, quem se interessa pelos atuais problemas da visualidade já não pode continuar a fazer o nó da gravata todas as manhãs, diante do espelho, sem ter a sensação de poder estar fazendo uma opção ideológica<sup>72</sup>. Deste modo findamos que se o uso da moda, como simbologia de valores, possa não corresponder verdadeiramente ao que somos, por outro lado pode nos mostrar da maneira que gostaríamos de ser.

---

<sup>72</sup> “Quem se interessa pelos atuais problemas da semiologia já não pode continuar a fazer nó da gravata, todas as manhãs diante do espelho, sem ficar com a clara sensação de estar a fazer uma opção ideológica. ECO, Umberto et al. *Psicologia do vestir*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989, p. 7.

### 3 O ROMANCE DE VICTOR MARGUERITTE

O polêmico livro de Margueritte estreou nas prateleiras das livrarias francesas em 12 de julho de 1922, mesmo dia em que o Senado houvera negado o direito de voto e elegibilidade femininos, e esse acontecimento potencializou a aura de mistificação que envolveu as ideias difundidas no *La Garçonne*.

Além de discutirmos o conteúdo intelectual de *La Garçonne*, devemos focar o que diz respeito à estrutura física do livro. Segundo as teorias da *alfabetização visual*,<sup>73</sup>

o modo visual (a materialidade dos objetos) constituem todo um corpo de dados que, como a linguagem (escrita), podem ser usados para compor e compreender mensagens em diversos níveis de utilidade, desde o puramente funcional até os mais elevados domínios da expressão artística.<sup>74</sup>

Do mesmo modo, Roger Chartier, em *Práticas da Leitura*, diz que:

com efeito, todo autor, todo escrito impõe uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura. Que seja explicitamente afirmada pelo escritor, ou produzida mecanicamente pela maquinaria do texto, inscrita na letra da obra como também nos dispositivos de sua impressão, o protocolo da leitura define quais devem ser a interpretação correta e o uso adequado do texto, ao mesmo tempo em que esboça seu leitor ideal.<sup>75</sup>

Ou seja, o “protocolo de leitura”, que Chartier acredita ser inerente à obra como um todo, nos induz a uma maneira específica de leitura da própria obra, porque

dos leitores ideais os autores e editores têm sempre uma clara representação: são as competências que supõem nele que guiam seu trabalho de escrita e de edição; são os pensamentos e as condutas que desejam nele que fundam seus esforços e efeitos de persuasão. É possível, portanto, interrogando de novo os textos e os livros, revelar as leituras que pretendiam produzir, ou aquelas tidas como aptas para decifrar o material que davam a ler.<sup>76</sup>

<sup>73</sup> Termo que designa a capacidade de ler e escrever imagens, sejam elas bidimensionais ou tridimensionais (objetos).

<sup>74</sup> DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, *op. cit.*, p. 3.

<sup>75</sup> CHARTIER, Roger, *op. cit.*, p.20.

<sup>76</sup> *Op. cit.*

Desse modo, entendemos que as apresentações do livro, no que diz respeito a suas características estéticas de impressão (uso de tipografia em itálico ou negrito, a própria tipografia, as cores do texto...), influenciam a maneira como o leitor recebe o conteúdo intelectual depositado pelo autor no romance.

Roger Chartier alerta para o fato de que esses balizamentos não são suficientes para a precisão nas conclusões das pesquisas históricas, uma vez que cada leitor possui percepções individuais dos variados contextos sociais e assim daria sentido mais ou menos compartilhado aos textos que consome. Todavia, não tememos ser imprecisos em nossas conclusões, quando não aprofundamos em *cada* possível maneira individual de ler, já que

evidentemente, as condições variam tanto de lugar para lugar e de época para época, desde a invenção do tipo móvel, e seria tolo esperar que todas as biografias dos livros se encaixassem num mesmo modelo. Mas, pelo modo geral, os livros impressos passam pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor e encerra no leitor.<sup>77</sup>

Ademais, se para o “alfabetismo visual implica-se que um grupo compartilha o significado atribuído a um corpo comum de informações”,<sup>78</sup> cremos, então, que, fossem ricos ou pobres, instruídos ou não, os leitores de Margueritte presumidamente partilhavam os mesmos valores e sentidos, ou seja, o senso comum porque faziam parte do mesmo coletivo. E as diferentes interpretações de Monique se formaram dentro dessa coletividade.

E ainda, o entendimento da leitura, nesta dissertação, auxilia o estudo da passagem de uma moda “vitoriana/eduardiana” para a moda *garçonne* de uma desta sociedade. E é em razão disso que analisamos como a materialidade e o conteúdo desse livro atingiu os cidadãos franceses.

Acreditamos que as interpretações que os consumidores de *La Garçonne* fizeram da protagonista conseqüentemente se valeram da concepção da moda homônima. Assim, propomos as discussões a seguir:

---

<sup>77</sup> DARNTON, Robert, *op. cit.*, p.125.

<sup>78</sup> DONDIS, Donis A., *op. cit.*, p. 3.

### 3.1 TRAMA

*La Garçonne* tem como cenário a capital francesa entre o fim da *Belle Époque* e o decorrer da década de 1920. Seu enredo gira em torno da vida de Monique Lebier e descreve sua mutação de doce e pura menina em *garçonne*.

Ela é filha de M. Lebier, um industrial bélico, que enriquecera devido à explosão da Primeira Grande Guerra, e de Mme Lebier, uma típica jovem senhora pertencente à alta burguesia parisiense dos *années folles*.

O romance é dividido em três partes. Não possui capítulos intitulados, apenas numerados (I,II,III,...). A primeira porção da obra narra trechos da infância de Monique, como se fossem *flashes* de sua memória. A protagonista está deitada em seu quarto, na casa de seus pais, e começa a recordar suas mais tenras lembranças da época em que estava “sob a responsabilidade” deles... “*Elle a cinq ans. Elle est en train de dîner dans sa chambre, à la toute petite table où chaque jour «Mademoiselle»; régente de sa vie, la surveille et la sert. Mais, ce soir, Mademoiselle a congé, Tante Sylvestre la remplace*”.<sup>79</sup> Recorda também as férias em família, quando fora proibida por sua ama de brincar na praia...

*Monique a huit ans. Elle a poussé en longueur. Elle tousse souvent. Aussi, quand elle va se promener au bord de la mer, ordre à «Mademoiselle» [...] de ne pas la laisser grabouiller, jambes nues, dans les flaques rocheuses où la crevette frétille. Ordre de ne pas même la laisser courir devant le flux, sur le sable qui, mouillé, se durcit. Elle ne peut ramasser ni les algues fraîches qui sentent tout l’océan, ni les coquillages dont la conque nacrée enclot le bruit des vagues...*<sup>80</sup>

Os pais de Monique eram ausentes e, quando reunidos, mostravam-se extremamente impacientes com a pequena criança. Com pouco mais de cinco anos, Monique admirava sua mãe, quando esta se vestia para ir à ópera. A menina acreditava que Mme Lebier era uma fada trajando suas plumas, pérolas e a estola de zibelina, apesar de ser dura e fria, a ponto de negar à filha um beijo de

<sup>79</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 13. *Ela tem cinco anos. Ela está prestes a jantar em seu quarto, em uma mesinha, onde a cada dia “Mademoiselle”, responsável por sua vida, a supervisiona e a serve. Mas, nesta noite, “Mademoiselle” está de folga, e é tia Sylvestre que faz as suas vezes* (tradução nossa).

<sup>80</sup> *Op. cit.*, p. 15-16. *Monique tem oito anos. Está crescadinha e tosse muito. Por isso, quando vai passear à beira do mar, “Mademoiselle” [...] tem ordem de a não deixar chapinhar, de pé e perna, nas poças d’água, onde os camarões que ali ficaram frescos fervilham de um lado para o outro. Ordens mesmo de a não deixar correr na areia molhada que o fluxo das ondas endureceu. A pobre menina sequer pode apanhar as algas frescas que perfumam o oceano, nem os mariscos cuja concha nacarada os defende dos choques das ondas* (tradução nossa).

despedida, para não manchar o pó de arroz em seu rosto.

Nessa fase inicial do livro, Monique também relembra acontecimentos de sua adolescência, época de sua vida em que morou em Hyères, com sua adorada Tia Sylvestre, que a levava para seu pensionato no litoral, para curar uma bronquite que a menina manifestara aos dez anos de idade.

Hyères era um ambiente pacato e fresco, parado no tempo, diferente da efervescente Paris. Mademoiselle Sylvestre se dedicou à sobrinha como uma verdadeira mãe e foi responsável por toda a formação de Monique. Mesmo não possuindo religião, proporcionou à jovem condições para que ela seguisse com suas convicções e preparou uma grande festa, quando a sobrinha fez sua primeira comunhão.

Porém, tempos depois a garota se desprende da espiritualidade por conta das novas leituras, e “*elle s’est insensiblement et d’elle-même convertie au matérialisme raisonné de tante Sylvestre*”.<sup>81</sup>

Em sua nova casa, Monique estuda e passa o tempo livre com Zabeth (Elizabeth Meere), sua melhor amiga, e é com ela que a personagem passa por um dos trechos mais polêmicos do livro.

Aos quatorze anos, as duas pré-adolescentes curiosas contemplam os seios uma da outra. A amiga mais atrevida, que desde novinha demonstrava ter preferências homossexuais, apalpa os seios de Monique, que então “*a la sensation agréable, elle sourit sans l’analyser et sans comprendre[...] Pour la première fois, éprouve un trouble étrange*”.<sup>82</sup>

A futura emancipada, em 1914, contava 15 anos, quando a Grande Guerra estourou. Aos 17 anos, ajudava como enfermeira num hospital de campanha instalado em Hyères. A ideia de que uma parte da humanidade derramava o seu sangue, enquanto a outra enriquecia, a revolta muito: “*Ordre! Droit! Justice! Achèvent de fortifier en elle sa naissante révolte, contre le mensonge social*”.<sup>83</sup>

Assim que encerra, brilhantemente, seus estudos em Hyères, Monique despede-se de Tia Sylvestre e de tudo o que tinha passado e feito dela a

---

<sup>81</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 21. *Ela se converte, por si mesma e sem dar-se por isso, ao acertado materialismo de tia Sylvestre* (tradução nossa).

<sup>82</sup> *Op. cit.*, p. 23. *A tão agradável sensação, Monique sorri, sem compreender e nem tentar saber [...] Pela primeira vez, ela experimenta uma perturbação estranha* (tradução nossa).

<sup>83</sup> *Op. cit.*, p. 24. *Ordem! Direito! Justiça! Acabam por fortificar nela a nascente revolta contra a mentira social* (tradução nossa).

moça experiente de faces viçosas e “*regard hardi et pur*”.<sup>84</sup>

Quando retorna a Paris, começa a cursar Literatura e Filosofia na Sorbonne. Diferentemente das garotas de 19 anos da alta sociedade francesa, ela prefere jogar *golf* e fazer artesanato para caridade. Não gosta da dança nem do *flirt* e considera suas amigas “*folles, inconscientes et dépravées*”.<sup>85</sup> Ela jamais remexeria a mão, como Michelle Jacquet, “*dans les poches des pantalons de ses petits amis*”,<sup>86</sup> ou faria como Ginette Morin, “*s’enfermer dans tous les coins avec ses grandes amies*”<sup>87</sup>.

Aos 20 anos Monique é uma dedicada noiva que prepara todos os detalhes de seu casamento. Lucien Vigneret é um jovem empresário da indústria automobilística que aceita, como dote de sua pretendente, parte da indústria de pólvora de seu futuro sogro. Isso, num futuro próximo e com sua boa visão para os negócios, ser-lhe-ia bem mais vantajoso do que começar um negócio do “ponto zero”.

Da parte de M. Lebier, o casamento da filha seria proveitoso, pois, com o armistício e a velada crise francesa do pós-guerra, o industrial começou a ter prejuízos em sua fábrica. Ademais, Monique era sua única filha e, assim, de qualquer maneira, tudo ficaria nas mãos do futuro genro.

Monique, porém, não tinha consciência do arranjo comercial entre o seu pai e Lucien. Ela amava o noivo e, como uma mulher moderna de sua época, não via problema em manter relações sexuais antes do casamento com Vigneret. “*Ce qui fait la valeur des unions, ce n’est pas la sanction légale, c’est la volonté du choix*”.<sup>88</sup> Afinal, ele seria seu marido e *único* amor por toda a vida; além de amá-lo, confia nele plenamente.

Faltando poucos dias para o matrimônio, Tante Sylvestre, de passagem por Paris, convida Monique a irem visitar juntas um velho amigo, M. Vignabos. Na modesta casa do professor do Collège de France, Monique encontra o romancista Régis Boisselot e o professor de filosofia Georges Blanchet, que travavam discussões sobre o casamento e o papel da mulher na sociedade.

Monique não já frequentava mais as disciplinas na Sorbonne: os

<sup>84</sup> *Op. cit.*, p. 23. *Olhar corajoso e puro* (tradução nossa).

<sup>85</sup> *Op. cit.*, p. 25. *Tolas, inconscientes e depravadas* (tradução nossa).

<sup>86</sup> MARGUERITTE, Victor, p. 25. *Dentro dos bolsos das calças de seus amigos* (tradução nossa).

<sup>87</sup> *Op. cit.* *Esconder-se pelos cantos com suas amigas mais velhas* (tradução nossa).

<sup>88</sup> *Op. cit.*, p. 27. *O que dá valor às uniões não é a sanção da lei, mas a vontade da escolha* (tradução nossa).

preparativos do casamento lhe tomavam todo o tempo. Mas continuava interessada nas questões que a universidade lhe propusera e não conseguiu deixar de opinar na conversa entre os cavalheiros.

Blanchet discorria sobre sua tese de doutorado, intitulada “*Du mariage et de la polygamie*”.<sup>89</sup> Para ele, a poligamia era o conhecimento de outros parceiros antes do esposo ou esposa.

Monique ouvia indignada a conclusão do filósofo, segundo a qual, para uma sociedade mais justa, no futuro “*serait équitable, et prudente, de laisser mener aux jaunes filles aussi, avant le mariage, leur vie de garçon. Elles n’en seront que de meilleures épouses, leur gourme jetée*”.<sup>90</sup> Agindo assim, na opinião de Blanchet, a sociedade se desprenderia de sua “*manie de possession réciproque, de son prétendu droit de propriété éternelle*”,<sup>91</sup> e isso seria um benefício para todos.

O professor Vignabos entendia o ponto de vista de seu pupilo, que, por sua vez, acreditava que o casamento entre pessoas que se têm como iguais, no que se diz respeito à educação e aos direitos, seria duradouro e mais saudável para a criação dos filhos. E, apesar de apoiar a igualdade dos gêneros de poder vivenciar o mundo, não acreditava que a sociedade pudesse viver sem o casamento. Para ele, era por meio do matrimônio que se asseguraria o bem-estar dos possíveis filhos.

Titia Sylvestre acreditava no contrário: que a liberdade feminina geraria mais nascimentos ilegítimos e abortos. Mas o filósofo era categórico, ao dizer que a vivência ensinaria as moças a evitar os filhos: “*on ne verra bientôt plus, pour avoir des enfants quand elles n’en voudront pas, que les idiots*”.<sup>92</sup> Quanto aos sedutores, tornar-se-iam “*moins mufles*”...<sup>93</sup>

Boisselot tampouco concordava com o amigo da Universidade. O romancista, tido como um homem “rústico”, interrogava: “*l’amour sans jalousie? Autant dire un corps sans âme*”,<sup>94</sup> e Monique assentava com sua opinião.

A despeito de algumas de suas ideias mais “conservadoras”,

<sup>89</sup> MARGUERITTE, Victor, p. 63. *Do casamento e da poligamia* (tradução nossa).

<sup>90</sup> *Op. cit.*, p. 66. *Seria equitativo e prudente deixar as moças levarem também uma vida de rapaz enquanto solteiras. Com isso seriam melhores esposas, depois de adquirida a necessária experiência* (tradução nossa).

<sup>91</sup> *Op. cit.* *Mania de posse recíproca e do seu pretensão direito de propriedade eterna* (tradução nossa).

<sup>92</sup> *Op. cit.*, p. 69. *Todos sabemos que são só as tolas que têm filhos quando não os querem* (tradução nossa).

<sup>93</sup> *Op. cit.*, p. 66. *Menos patifes* (tradução nossa).

<sup>94</sup> *Op. cit.*, p. 67. *Amor sem ciúmes? É como um corpo sem alma* (tradução nossa).

Monique se considerava um pouco *garçonne* – nome que Blanchet sugerira para designar a mulher moderna. Ela não era mais virgem, já tivera relações sexuais com Lucien e ainda não tinham se casado, mas não concordava com as ideias do filósofo, quando este dizia que era preciso ter a experiência de relacionar-se amorosamente com outros homens antes de casar-se. Comportar-se como sugeria Blanchet seria, na opinião de Monique, pôr-se ao nível de suas “*amis dépravées*”.

Monique se sentia diferente das amigas, até mesmo de Mme Lehier. Só se sentia igual a sua titia. Ela fora criada por pela irmã de sua mãe, e Tante Sylvestre era seu porto seguro: “*toutes les deux, elles ne sont pas pareilles aux autres. Les autres c’est des femmes [...] Tante Sylvestre et Monique, au contraire, sont des filles. Elle une petite fille et tante Sylvestre une vieille fille*”.<sup>95</sup>

No dia seguinte à perturbadora reunião na casa do Professor Vignabos, a protagonista recebe uma carta anônima. Esta dizia que seu noivo não era quem ela imaginara. Lucien já teria enganado uma outra moça no passado e a abandonara quando o fruto desse relacionamento nasceria. Atualmente teria uma amante, uma modista chamada Cléo, que via todos os dias depois que deixava Monique na mansão dos Lehier.

Monique ficou apreensiva e sua tia, desconfiada. Por fim, a moça decide não acreditar na denúncia: não faria ao futuro marido a injúria da suposição de traição. Dois dias antes do casamento, no entanto, Lucien recusou, por meio de uma desculpa, o convite da noiva para acompanhá-la ao jantar de Réveillon no Hôtel Rignon. Monique decide, então, ficar em casa, mas seus pais e amigas insistem para que ela compareça à comemoração.

O noivo acredita que Monique está em casa, e ela o encontra numa sala privada do hotel, jantando com a amante. Ela não conta a ninguém o que vira, mas o ódio a faz inventar uma justificativa qualquer e ir embora sozinha. No meio do caminho, resolve vingar-se, tendo relações sexuais com o primeiro homem que encontra.

Monique desmancha o noivado e faz questão de contar ao ex-noivo que o traíra da mesma forma que ele havia feito com ela. Por conta da revelação feita a Lucien, é expulsa de casa pelo pai. Mesmo triste, ela sabe que será acolhida

---

<sup>95</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 14. *As duas, elas não são parecidas com as outras. As outras são as mulheres [...] Tia Sylvestre e Monique, ao contrário, são moças. Ela uma pequena moça e titia, uma moça idosa* (tradução nossa).

por Tia Sylvestre, a única que realmente a amava. Infelizmente, no instante em que bate a porta de saída da mansão dos Lebier, chega a notícia de que a mulher que havia se dedicado à criação dela, acabara de ser atropelada e morrera. Titia fora vítima da modernidade que tanto a assustava. Monique agora estava sozinha.

É possível perceber, assim, que essa primeira parte de *La Garçonne* é um esclarecimento dos motivos para o desprendimento total de Monique em relação aos valores de seus pais. Como já se mencionou, a protagonista não foi criada por eles, mas o vínculo pais-filha existia. Portanto, seria a conjuntura dos fatos: os valores e a moral de titia Sylvestre (que a cuidou e contribuiu para fazê-la diferente das outras garotas da burguesia) e a traição de Lucien as molas propulsoras da nova etapa de sua vida.

A segunda parte do livro de Margueritte descreve o período em que Monique já se tornara efetivamente uma *garçonne*. E exatamente como a descrição de Blanchet, que outrora a deixara escandalizada.

Passado um ano depois da briga com Lucien e seus pais, Monique se estabilizou como decoradora: possuía uma loja, *Au Chardon Bleu*,<sup>96</sup> que era muito frequentada e ganhava cada vez mais notoriedade. Ela era seu próprio patrão e exigia que seus empregados usassem a forma de tratamento “*mademoiselle*” quando a ela se dirigissem.

O sucesso profissional da *garçonne* fez com que seus pais se interessassem novamente por ela. Os Lebier estavam mais ricos, mas não dispensavam a influência que a filha poderia ter na sociedade. Para eles, “*Monique, étant quelqu'un, commençait à revaloir quelque chose*”,<sup>97</sup> e por isso uma reaproximação seria vantajosa.

No que se diz respeito à situação financeira, Monique podia se sustentar: era instruída, e isso, aliado ao seu “*bon goût*”<sup>98</sup>, logo lhe permitiu construir uma carreira. A moça rejeitava as investidas de pretendentes, como o Barão Jean Plombino, um velho senhor muito rico, que a admirava desde a época em que seria a futura senhora Vigneret. Monique não via neles qualquer possibilidade de posição social ou estabilidade financeira. Ela ainda odiava os homens.

É como amante de uma mulher mais velha que Monique cicatriza

<sup>96</sup> *No cardo azul* (tradução nossa).

<sup>97</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 131. *Monique, como era de novo alguém, começava a valer, outra vez, alguma coisa* (tradução nossa).

<sup>98</sup> *Bom gosto* (tradução nossa).

suas feridas do amor. Ela namora Niquette, uma estrela do *Music-Hall*. Junto da amante, retorna à cena social e ao convívio de seus antigos amigos. Aos 23 anos Monique está fisicamente diferente da época em que rompeu com seu noivo: o corpo mais musculoso e os cabelos curtos, pintados de acaju. Por todos esses motivos, dizia a seus conhecidos: “*Il faut vous faire à cette idée, et me prendre pour ce que je suis: un garçon!*”.<sup>99</sup> Ela acreditava mesmo que era igual a um rapaz, pois vivia e se portava como tal.

No entanto, Monique voltou a se interessar aos poucos pelo sexo masculino. Quando dançava com o amigo e comediante Briscot, via que ainda sentia atração pelos homens, embora os enxergasse da mesma maneira que eles enxergavam as garotas.

Depois de seu colega comediante, a *garçonne* teve “*trois ou quatre expériences*”<sup>100</sup> sem importância, as quais “*elle jamais au delà de sa propre satisfaction, presque toujours ressentie avant que celle de l’autre ne s’achevât*”.<sup>101</sup>

Quando se envolveu com Peer de Rys, um dançarino exótico, de corpo e beleza perfeitos, o instinto maternal de Monique aflorou. A *garçonne* decidiu-se, então, por ter um filho dele. Todavia, as tentativas frustradas, em razão de uma má formação ovariana, a levaram à depressão e ao uso excessivo de ópio.

Depois que o dançarino partiu para Roma, a *garçonne* passou a fumar todos os dias. Quase não trabalhava mais; dormia durante o dia e à noite frequentava sua *fumerie*<sup>102</sup> ou as orgias nos *bouics*,<sup>103</sup> com as amigas que antes considerava fúteis e depravadas.

Essa segunda etapa do romance, como podemos observar, é responsável pela fama de libertina da *garçonne*. A conduta dessa fase de Monique sugere que a *nouvelle femme* tinha hábitos degradantes e inaceitáveis para a sociedade de 1920; no entanto, segundo o autor, não seria um comportamento excepcional entre os burgueses da época, e desvelá-los na verdade constrangia, em vez de escandalizar, a sociedade francesa.

Na Parte III, Monique retoma sua vida, depois do susto causado pela

<sup>99</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 145. *É preciso habituar-se a essa ideia e tomar-me pelo que sou: um rapaz* (tradução nossa).

<sup>100</sup> *Op. cit.*, p. 146. *Três ou quatro encontros amorosos* (tradução nossa).

<sup>101</sup> *Op. cit.* *Ela jamais ia além de sua própria satisfação, quase sempre alcançada antes que a do outro acabasse* (tradução nossa).

<sup>102</sup> *Pequeno apartamento destinado ao consumo de ópio ou outras drogas* (tradução nossa).

<sup>103</sup> *Bordel* (tradução nossa).

morte, por overdose de cocaína, de uma amiga, a violinista Anika Gobrony. A protagonista resolve, então, aparecer em sua loja (a qual deixara nas mãos de sua secretária, Mlle Claire) e a levar uma vida mais equilibrada.

Em uma busca por referências imagéticas no Museu do Louvre para concluir um projeto de decoração, a protagonista depara-se com Georges Blanchet. Ela nota que ele a olhara de uma maneira diferente das vezes em que haviam se encontrado antes. Pareceu a Monique que Blanchet lhe lançara um olhar muito reflexivo, e ela se ressentiu por isso.

O aborrecimento causado pelo encontro com o filósofo é desculpa para retomar o cachimbo de ópio, mas ela não volta a se drogar com a mesma intensidade de antes. Monique não consome mais cocaína, agora fuma somente para relaxar os músculos. Outro encontro com mais um conhecido do passado a deixa incomodada – dessa vez, com o escritor Boisselot.

Depois de encontrar o romancista em um café, a *garçonne* torna a vê-lo quase todos os dias. Ele será seu “salvador” no que diz respeito ao uso do ópio por Monique, que deixa de usá-lo de vez. A *garçonne* acaba por se apaixonar por Régis Boisselot, o que a faz contrariar seus ideais, pois esse homem tem a aparência e o temperamento masculinos tradicionais. Contudo, ela se sentia muito sozinha e deixa-se levar pelo amor do truculento escritor.

Com o tempo, a possessão de Régis em relação a Monique vai tornando-se insuportável para ela. Boisselot quer comandar até a maneira de se vestir e de se portar da amada.

O namorado rude não consegue negar uma certa atração pela aparência física de Monique, mas pede para ela deixar os cabelos crescerem: “– *Si tu laissais repousser tes cheveux sans le teindre? Leur vraie nuance, à la racine, est ravissante*”.<sup>104</sup> Régis, na verdade, achava que “*Une femme devait porter les cheveux longs...*”<sup>105</sup> E é em decorrência dessas situações que o relacionamento dos dois viria a desgastar-se.

Régis tentou mostrar que amava Monique acima de tudo, porém seus valores antiquados não o deixavam em paz com sua consciência. Ele começou a agredi-la verbalmente, e quase o faz fisicamente por várias vezes, em razão do

<sup>104</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 231. *Se você deixasse crescer os cabelos sem os tingir! Sua cor é linda!* (tradução nossa).

<sup>105</sup> *Op. cit. Uma mulher deve ter os cabelos longos* (tradução nossa).

excesso de ciúme do passado em que Monique vivia como “emancipada”. As ofensas vão aumentando a cada dia, até que, firmemente decidida, Monique o deixa.

A despeito desses aborrecimentos, a protagonista de Margueritte não sucumbiu mais às drogas e à vida noturna. A situação com Boisselot não a enfraquecera; pelo contrário, a fortificara. Ela havia conseguido o equilíbrio que procurava.

Monique volta a encontrar o professor Blanchet em um jantar na casa de M. e Mme Ambrat, casal que era muito próximo de Titia Sylvestre e do Professor Vignabos. E, a nosso ver, representava o ideal de matrimônio proposto por Victor Margueritte em seus manifestos em favor das reformas das leis sobre o divórcio, escritos ainda no final da última década do século XIX. Nesses manifestos, o autor dizia que o respeito, a amizade e a falta de interesse econômico andavam junto à liberdade do amor.

Algum tempo antes, quando ainda estava com Régis, Monique e Blanchet tinham se visto naquela mesma casa, mas o encontro foi extremamente constrangedor, por causa do ciúme demasiado que sentia o antigo companheiro por ela. E, ironicamente, parecendo uma consequência das falsas acusações que Régis fazia (de que Monique e o professor Blanchet tinham um caso), foi despertado na *garçonne* o interesse por Georges como um possível companheiro.

No segundo *rendez-vous* entre Monique e o filósofo, ela já entendia as concepções dele em relação às mulheres e aos relacionamentos amorosos. Georges acreditava que “*les mœurs nouvelles de jeunes filles, avec les excès que tout apprentissage de liberté comporte, embellissent peut-être le visage de la femme de demain*”.<sup>106</sup> A própria Monique tinha feito prática das teorias de seu novo amigo...

No último capítulo, Boisselot tenta matar a protagonista, mas o professor Blanchet, acima de tudo, é fiel a ela e a protege. Salva Monique não somente da bala que o escritor disparara contra ela, mas do vazio de sua alma. Ao final, quando tudo está bem, vemos a personagem principal do romance cuidando de Blanchet na mansão de campo dos Ambrat, até ele alcançar a cura das sequelas do tiro que ele havia recebido no lugar dela.

Ainda na casa dos amigos da falecida titia, o jovem casal decide

---

<sup>106</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 261. *Os novos valores morais das jovens, com os excessos que toda aprendizagem na liberdade comporta, embelezam talvez a imagem da mulher do amanhã* (tradução nossa).

unir-se em matrimônio. A *garçonne* entendera que fora preciso viver como um rapaz para amadurecer e acertar na escolha de um companheiro. Monique e Georges comemoram com o professor Vignabos, M. e Mme Ambrat a notícia do noivado e a “recuperação” de ambos.

Ao final, nas duas últimas páginas, assim que Monique e Georges seguem para sua felicidade, em um carro conduzido por ela, os três amigos dão adeus e observam o casal feliz desaparecer na estrada. O professor Vignabos, M. e Mme Ambrat, numa amistosa conversação, também questionam as desventuras de Monique... Em nosso entender, tal diálogo final simula a opinião do autor a respeito do papel feminino na sociedade. Vignabos, juntamente com Georges Blanchet, são personagens constituídos pelas interpretações dos *nouvelles mœurs*<sup>107</sup> propostos por Victor Margueritte.

Na discussão final, o Professor declara que Monique, para alcançar o equilíbrio de sua vida, precisou vivenciar a guerra e a duas educações que recebera: a da tia e a da vida. Toda as situações que ela havia presenciado a teriam feito ter “*soif d’émancipation*”,<sup>108</sup> como ocorrera com outras tantas mulheres.

Mme Ambrat concorda com o professor, menos quanto à quantidade de mulheres que querem tornar-se emancipadas. Para ela: “*La plupart sont résignées à leur chaîne! Beaucoup, c’est triste à dire, y sont même attachées*”.<sup>109</sup>

Já segundo o otimista Vignabos, a elite, a seu modo, acabaria por fazer a multidão mudar a maneira de encarar o lugar da mulher. Monique havia dado um passo em falso; porém, ainda assim, um passo.

A velha amiga do professor, ainda não muito convencida de que se seria esse um caminho que as mulheres pudessem percorrer, lembra que, sem Blanchet, talvez Monique se perdesse de vez... Mas o Professor rebate que, por outro lado, sem Lucien Vigneret, a *garçonne* não teria passado por tudo aquilo. Quando a mulher tropeça, quando segue em frente – Vignabos parece acreditar –, é comum procuramos o homem que está por trás da situação, e isso não está certo, porque somos todos responsáveis por nossos próprios erros, e por meio deles achamos nossos acertos, pelos quais também temos responsabilidade.

Margueritte encerra o livro com o Professor Vignabos dizendo a

<sup>107</sup> *Novos costumes* (tradução nossa).

<sup>108</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 261. *Sede de emancipação* (tradução nossa).

<sup>109</sup> *Op. cit.*, p. 311. *A maior parte resigna-se à sua prisão. Muitas, é triste dizer, se acomodam a sua situação* (tradução nossa).

seguinte frase: “*Raison de plus pour excuser Monique. Est-ce qu’on songe au fumier quand on respire une fleur?*”<sup>110</sup>

### 3.2 FUNÇÃO PRÁTICA E ESTÉTICA DO LIVRO

*La garçonne* foi publicado pela editora francesa *Ernest Flammarion*<sup>111</sup> e esteve nas lojas pela primeira vez no formato octavo (18 x 12cm), com acabamento brochura e 311 páginas de papel tipo vergê. O texto foi impresso em cor preta, em fonte tipográfica próxima à *Book Antiqua*. Já a capa utiliza fonte próxima à *Garamond* e tem o título destacado em vermelho (Figura 10).

Esses elementos visuais eram os utilizados nas impressões mais populares da *Ernest Flammarion* e foi com tais características que grande parte dos leitores de Margueritte consumiu a história da *nouvelle femme*.

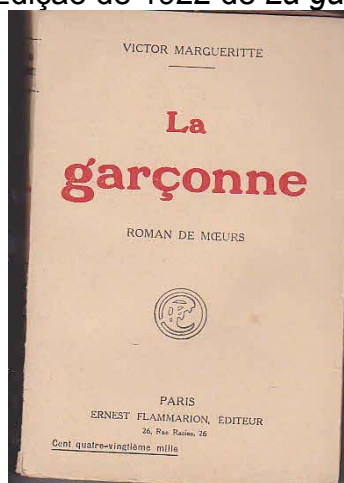
Com efeito, segundo o autor de umas das biografias de Victor Margueritte, Patrick de Villepin,<sup>112</sup> passados somente quatro dias após o início de sua comercialização, *La garçonne* já atingia a marca de 20.000 exemplares vendidos. Em agosto do mesmo ano, venderam-se 10.000 volumes por semana; em meados de setembro, a tiragem chegou ao número total de 150.000 e, em dezembro, já ultrapassava a marca dos 300.000.

<sup>110</sup> *Op. cit. Mais que razão para justificar Monique. Pensamos no estrume quando cheiramos uma flor?* (tradução nossa).

<sup>111</sup> Ernest Flammarion fundou, em 1876, a editora homônima, pela qual publicou Zola, Maupassant e Jules Renard. Veio a tornar-se uma das mais importantes editoras da França no século XX. Atualmente faz parte do *Flammarion Groupe*, que é um dos maiores conglomerados editoriais de publicações da língua francesa, possuindo quase 27.000 títulos em seu catálogo. Disponível em: <<http://www.groupe-flammarion.com/content/vindico-hos-singularis-veniam-zelus-singularis-utinam>>.

<sup>112</sup> VILLEPIN, Patrick de. *Victor Margueritte: la vie scandaleuse de l’auteur de La garçonne*. Paris: Éditions François Bourin, 1991, p. 192.

**Figure 10 - Edição de 1922 de *La garçonne* - 2012**



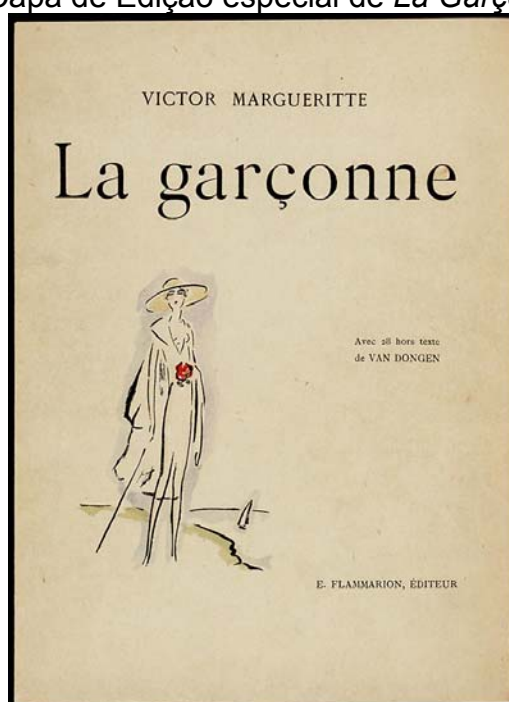
**Fonte:** Acervo pessoal

A formatação descrita acima possibilitou, no inconsciente de seus leitores, diferentes “morfologias” da *garçonne*. Pois, na ausência de imagens, cabia aos consumidores da história de Monique modelar mentalmente os traços da protagonista. Porém, as “morfologias” não eram tão díspares, porque Victor tratava de um novo tipo de feminilidade que estava em voga.

Também podemos concluir que a leitura de *La garçonne* foi superior aos números de vendagem, em razão de a *nouvelle femme* ter sido considerada uma espécie de subversão feminina, suscitando por isso leituras secretas e em ambientes íntimos, possibilitadas pelo empréstimo de livros das amigas mais desinibidas, que não se importavam em ser vistas com *La garçonne* em mãos. O formato popular auxiliou, portanto, a leitura por parte das meninas mais tímidas, já que seu pequeno porte permitia que o polêmico livro fosse escondido facilmente.

Em 1925, publicou-se uma versão especial: a editora *Flammarion* lançou uma edição ilustrada pelo artista holandês Kees Van Dongen.

Figure 11 - Capa de Edição especial de *La Garçonne*, de 1925



Fonte: Acervo pessoal

Os exemplares da versão ilustrada de 1925 foram impressos em papéis de gramagem mais rígida e de qualidade muito superior à dos padrões dos modelos populares, conforme explica o texto encontrado nas considerações finais dessas próprias edições:

*Il a été tiré de cet ouvrage 4 exemplaires sur vieux japon a na cuve, numérotés de 1 a 4, et comportant une suite des dessins en noir, une en couleurs et une de chaque couleur sur japon impérial; 10 exemplaires sur japon impérial. Et verge hollande van gelder zonen; 100 exemplaires sur vergé hollande van gelder zonen, numérotés de 15 a 114, et comportant une suite en noir hollande; 636 exemplaires sur papier d'arches a la forme, numérotés de 115 a 750;<sup>113</sup> 2 exemplaires imprimés spécialement pour l'auteur (1 japon et 1 hollande); et 26 exemplaires hors commerce, lettrés de A a Z. Achevé d'imprimer le 30 novembre 1925, sur les presses de l'imprimerie Lahure, 9, rue de Fleurus, a Paris. Coloriste: V. Establie 155, rue de sèvres Paris.<sup>114</sup>*

<sup>113</sup> Em fevereiro de 2010 encontrava-se um exemplar dessa tiragem, disponível em leilão virtual, pelo valor estimado de 1.400 €, o qual foi arrematado, posteriormente, por 2.734 €.

<sup>114</sup> MARGUERITTE, Victor, *La garçonne*. Paris: Flammarion, 1925, contracapa. *Foram tirados 4 exemplares desse livro em papel japon antigo, tendo as lombadas numeradas de 1 a 4, sendo essa série com 1 exemplar de desenhos em preto e branco, um exemplar colorido e mais um de cada em japon imperial; 10 cópias japon imperial e em papel vergé hollande van gelder zonen; 100 exemplares em vergé hollande van gelder zonen, numerados de 15 a 114, e incluindo uma série em hollande preto, 636 exemplares em papel em forma de caracol, numeradas de 115 a 750; 2 exemplares impressos especialmente para o autor (1 japon e 1 hollande);*

Na versão de 1925, o romance tem 28 ilustrações, as quais retratam algumas cenas da trama. Com encadernações do tipo *demi-parchemin*<sup>115</sup> e impressão primorosa, dimensões e tipografias aumentadas, além do acréscimo das imagens, o total de 311 páginas se alterou para 386.

Van Dongen optou por utilizar, em seus desenhos para *La garçonne*, a técnica de estêncil, que era menos utilizada nas impressões tradicionais da época por ser considerada menos nobre (os impressores preferiam a litografia). Apesar disso, esse método menos comum permitiu ao artista obter imagens refinadas e uma variação de cores bem particular.

**Figure 12** - Foto da ilustração de Kees Van Dongen, página 190 - 1925



**Fonte:** Acervo pessoal

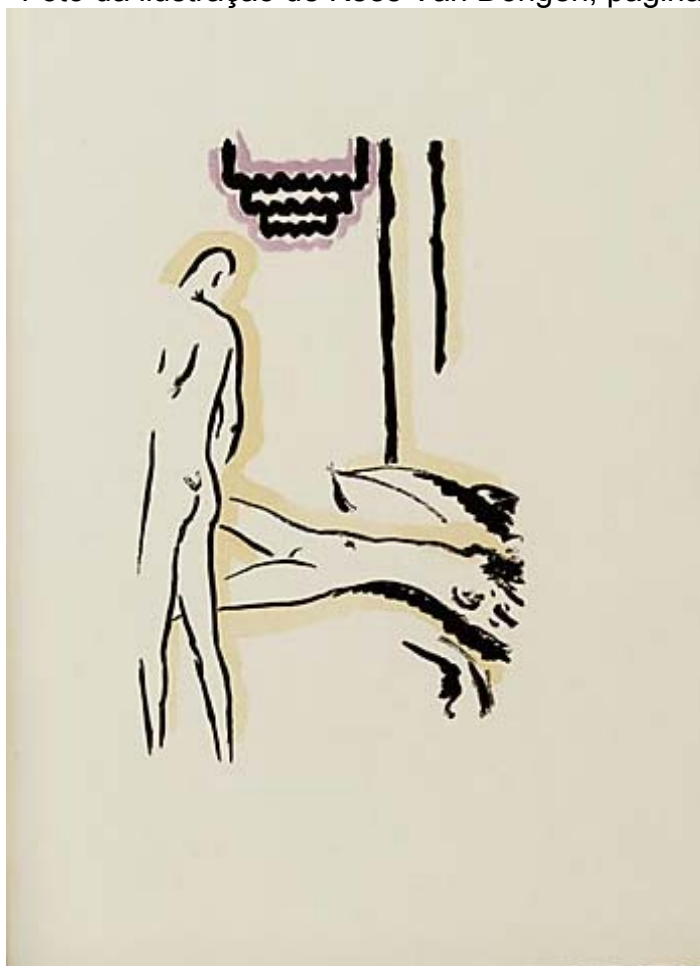
---

e 26 exemplares de venda proibida, com letras de A a Z. Concluída a impressão em 30 de novembro de 1925, pela prensa da gráfica Lahure, rua Fleurus nº 9, Paris. Colorista: V. Establie, Rua de Sèvres, nº 155, Paris (tradução nossa).

<sup>115</sup> Encadernação especial, feita artesanalmente, em que a lombada não é feita da mesma folha de papel da capa; portanto há dois tipos de folha diferentes, diversamente da encadernação pergaminho, em que se usa uma mesma folha para capa e lombada do livro.

Os desenhos do artista holandês, com mulheres magras e elegantes, cabelos curtos e grandes olhos amendoados, ao estilo *Art Déco*, harmonizaram-se muito bem com a descrição que Margueritte fizera da *garçonne*. Cabe mencionar que trabalhos anteriores de Van Dongen haviam sido repetidamente retirados de exposições sob o pretexto de obscenidade. Porém, não podemos julgar que foram tais imagens o motivo que levou muitos franceses a tomarem *La garçonne* como obra pornográfica. Antes de 1925, o romance já era considerado “indecente”.

**Figure 13** - Foto da ilustração de Kees Van Dongen, página 100 - 1925



**Fonte:** Acervo pessoal

As ilustrações em questão foram produto da ideia já consolidada a respeito da *garçonne*, pois compreendemos, conforme as teorias da comunicação visual, que “os elementos básicos em um desenho, refletem a intenção do artífice ou artista, seus sentimentos e emoções mais pessoais e, mais importante que tudo, sua

visão”.<sup>116</sup> No caso de Van Dongen, sua “visão” pessoal já havia sido influenciada pelas referências estéticas vigentes e pelo próprio escândalo em torno do livro.

Além do mais, se a história de Monique fizera com que Margueritte fosse deposto da *Légion d’Honneur*, ironicamente, em 1926, apenas um ano depois da distribuição das citadas edições especiais, a *Légion d’Honneur* condecorou o artista Kees Van Dongen por suas pinturas.

**Figure 14** - Foto da ilustração de Kees Van Dongen, página 224 - 1925



**Fonte:** Acervo pessoal

Conquanto as honrarias não se devessem propriamente às ilustrações de *La garçonne*, e sim a seu trabalho como um todo, não se pode negar que foram elas que deram a Van Dongen notoriedade suficiente para que começasse a ser reconhecido como o excelente artista que foi.

Entendemos, portanto, que os exemplares especiais foram uma estratégia da *Flammarion* para “esquentar” as vendas. Segundo Villepin, Max

<sup>116</sup> DONDIS, Donis A., *op. cit.*, p. 57.

Fischer<sup>117</sup> previra o sucesso do livro de Margueritte antes de sua publicação, e exatamente por conter descrições “eróticas realistas”, dizia que: “*la garçonne sans cochonneries: 15.000 exemplaires. Avec les cochonneries, on peut débiter à 50.000*”.<sup>118</sup> Após o ritmo alucinante verificado entre 1922 e 1924, período em que alcançou a faixa dos 550.000 exemplares, em 1925 a vendagem diminui um pouco, atingindo o número de 600.000 em 1926.

Em vista disso, julgamos que a *Flammarion* esperava estimular os leitores de Victor a comprarem uma versão especial de *La garçonne* em que se confirmaria a pornografia por intermédio dos desenhos. Quanto aos ainda não leitores, acreditamos que a editora almejava que conhecessem a história de Monique, atraídos pelo fato de se tratar de um “bom impresso” e de um livro que continha o trabalho de um pintor em ascensão.

A década de 1920 já havia chegado ao fim e as especificidades da *garçonne*, nesse momento, já faziam parte do imaginário coletivo da sociedade francesa. Assim, a elaboração de capas ilustradas ou fotografadas já era uma representação contaminada pelas referências estéticas dos anos 1930.

---

<sup>117</sup> Max Fischer, juntamente com seu irmão Alex Fischer, eram os co-diretores da Flammarion e responsáveis pela comercialização dos livros de Margueritte. Os irmãos Fischer não eram bem visto no meio literário pelas escolhas de suas publicações, por isso criaram a fama de “*maniaques obsédés par le sexe*” = maníacos obcecados por sexo (tradução nossa). VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 191-200.

<sup>118</sup> FISCHER, Max apud VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 192-193. *La garçonne sem cariz sexual: 15.000 exemplares. Com cariz sexual, podemos começar com 50.000* (tradução nossa).

**Figure 15 - Foto dos Volumes I e II, Edições de 1934 - 2012**



Fonte: Acervo pessoal

Com o passar dos anos, outras versões estéticas surgiram. Eram modestas, diferentes das de 1925, somente com a capa ilustrada e a história dividida em dois volumes (figuras 15 e 16).

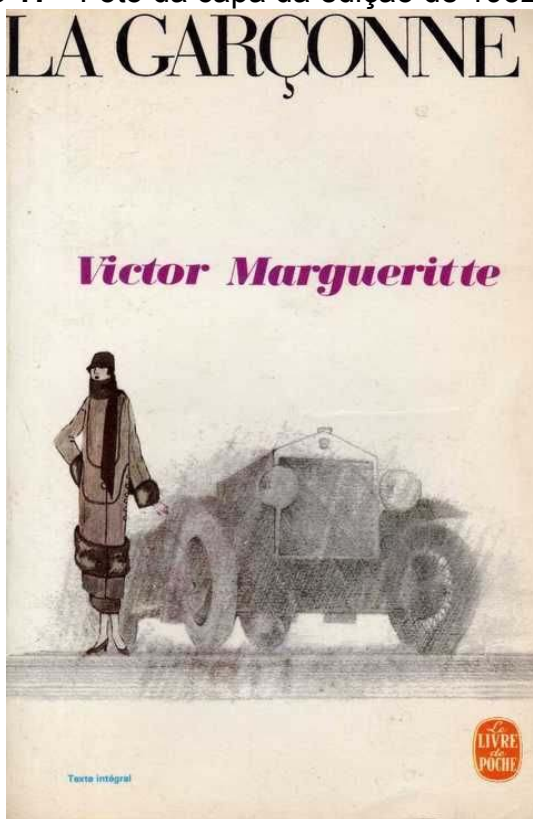
**Figure 16 - Foto dos Volumes I e II, Edições de 1939 - 2012**



Fonte: Acervo pessoal

A *Flammarion* produziu outras edições, em volume único, em 1952 e 1972. As capas dessas versões posteriores, por mais que ilustrassem os adjetivos da *garçonne*, como os cabelos curtos e a vestimenta condizente com a moda dos anos 1920, no que se diz respeito ao tipo de arte utilizado na produção delas, assim como os exemplos de 1934 e 1939, também foram influenciadas pelas referências estéticas de sua respectiva década de publicação. (Figuras 17 e 18).

**Figure 17** - Foto da capa da edição de 1952 - 2012



**Fonte:** Acervo pessoal

**Figure 18** - Foto da capa da edição de 1972 - 2012



Fonte: Acervo pessoal

Apesar disso, é preciso fazer referência às mencionadas versões posteriores, pois reafirmam a ideia de que *La garçonne* refletia as mudanças e transformações no que se diz respeito ao novo hábito feminino dos “anos loucos”, além de seu enorme sucesso, já que continuou cativando leitores mesmo muito tempo depois de sua primeira publicação.

### 3.3 PRÉ E PÓS-TEXTUAIS

Victor Margueritte já mantivera parceria com a *Flammarion* em algumas publicações anteriores. *La garçonne*, a propósito, faz parte de uma trilogia chamada *La femme en chemin*,<sup>119</sup> e na última página do romance Victor deixa a recomendação de “*Lire Le compagnon, deuxième roman de la série, qui fait suite à La garçonne, et dans lequel on retrouve certains des personnages de celle-ci*”.<sup>120</sup> Esse segundo romance viria a ser publicado em 1923. Ainda na citada série consta o terceiro livro, *Le couple*<sup>121</sup>, que foi divulgado em 1924.

A partir da segunda edição, consta no início do livro uma carta em defesa de *La garçonne*, uma redigida pelo escritor Anatole France e outra pelo

<sup>119</sup> *A mulher no caminho* (tradução nossa).

<sup>120</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 311. *Leia Le compagnon (O companheiro), segundo romance da série e que segue La garçonne, onde se encontram alguns personagens daqui* (tradução nossa).

<sup>121</sup> *O Casal* (tradução nossa).

próprio Margueritte, ambas endereçadas à *Légion d'Honneur*. Outrossim, há o prefácio, o qual, no entanto, o autor chama de posfácio e se assemelha a uma espécie de desabafo dele dirigido aos leitores. Nele, podemos encontrar indícios do protocolo de leitura. Victor Margueritte cita, por exemplo, os problemas que ele enfrentou por publicar uma história de vanguarda, o desapontamento com a Legião da Honra, a qual o excluía de seu quadro de comissão e confiscara sua condecoração de *Chevalier*. Ele também comenta a decepção por deturparem seus ideais feministas. Segundo o autor, em outros romances ele já havia descrito mulheres que sofrem e trabalham, “*mères et filles admirables*”<sup>122</sup>, e indaga: “*ai-je besoin d'affirmer, au surplus, que jamais je n'ai prétendu proposer Monique Lebiez comme le type actuel de la jeune fille, de la jeune femme française?*”<sup>123</sup> Conclui, então, que não seria responsável pelas interpretações errôneas dos críticos hostis.

O escritor afirma ainda que competia às classes mais altas educar melhor suas filhas, para que estas não sucumbissem perante as tentações, como Monique; afinal, sua condição de moças ricas não as havia preparado para o trabalho, e era essa realidade nua a verdade que tanto chocava alguns.

Para Margueritte, era preciso que o leitor lesse com muita calma e atenção o seu romance, sem a superficialidade e a pressa do cinema. Em sua opinião, “*la trépidation, la dispersion de l'existence quotidienne nuisent au recueillement et à la méditation sans lesquels il est impossible qu'un jugement motivé se forme. On ne lit plus, on parcourt*”.<sup>124</sup>

Com base em tais queixas de Margueritte no prefácio, podemos concluir que a leitura das primeiras edições (as que não possuíam o recurso das ilustrações) gerou as primárias interpretações dos leitores de *La garçonne*.

O escritor termina o prefácio dizendo que as “Moniques” eram um passo inevitável das mulheres na marcha do feminismo, e que o caminho a ser percorrido por elas era longo. Escreve finalmente que “*dans l'anarchie même, un ordre nouveau s'élabore*”,<sup>125</sup> pois, como feminista, acreditava que no futuro os gêneros andariam harmoniosamente lado a lado. Portanto, no entender de Victor

<sup>122</sup> *Op. cit.*, p. VI *Mães e filhas admiráveis* (tradução nossa).

<sup>123</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. VI *Seria preciso afirmar, além disso, que não pretendi apresentar Monique Lebiez como o tipo atual da donzela, da moça francesa?* (tradução nossa).

<sup>124</sup> *Op. cit.*, p. V. *A trepidação, a dispersão da existência quotidiana prejudicam o recolhimento e a meditação, sem as quais é impossível que um julgamento fundamentado se forme. Não se lê mais; percorre-se* (tradução nossa).

<sup>125</sup> *Op. cit.*, p. VIII. *Na própria anarquia, uma nova ordem se elabora* (tradução nossa).

Margueritte, o leitor ideal deveria ter a mente sem preconceitos relacionados às “*causes féministes*” e não ter pudor da verdade; só assim, seria possível entender a obra do autor de *La garçonne*.

### 3.4 ESTRATÉGIA PUBLICITÁRIA

Em 1922, a sociedade parisiense estava dividida quanto às opiniões a respeito da nova maneira de encarar a vida dos *années folles*. Se alguns consideravam essa conduta “alegre” como fútil e vazia, outros acreditavam ser a única maneira de esquecer as dores do terrível conflito mundial ocorrido na década anterior.

Victor Margueritte, sensível a tal situação, escreveu romances que retratavam esses valores controversos da sociedade francesa, em especial os que atingiam os mais afortunados. E é com seu *La garçonne* que o escritor desvela de maneira crua alguns dos hábitos da burguesia parisiense, demonstrando sua perspectiva sobre os habitantes da Cidade Luz. Enfim, ele proporcionou uma das maiores polêmicas da Literatura Francesa.

Citando Patrick de Villepin, já na publicidade, “*jamais pareil battage n’a entouré une œuvre littéraire*”.<sup>126</sup> Como vemos a seguir, o jornal *Comœdia*,<sup>127</sup> divulgaria na semana seguinte à estreia do livro, a nota:

*Victor Margueritte, pour peindre ce type nouveau de la jeune fille trop émancipée, a dû inventer un terme nouveau: La Garçonne. La Garçonne, comme son nom l'indique, veut mener la même vie que l'homme, connaître tous ses plaisirs et frénétiques créature emportés moins par ses sexes que par une insatiable curiosité partage tous ses vices. Jamais l'illustre auteur de tant de chefs d'œuvre, n'a écrit une œuvre plus brûlante, plus violente. Jamais il n'a peint avec des couleurs plus crûes et une plus grande sincérité la vie et ses turpitudes. Mais, quand vous aurez lu ce roman passionné, captivant, La Garçonne (Flammarion, éditeur, un volume: 7 franc) qui en bien des endroits vous scandalisera peut-être, vous vous apercevrez que tant de bassesse se dégage une pure et Exaltante beauté.*<sup>128</sup>

<sup>126</sup> VILLEPIN, *op. cit.*, p. 191. *Jamais houvera parecida campanha publicitária em torno de uma obra literária* (tradução nossa).

Jornal parisiense publicado diariamente de 1907 a 1937, e voltou a ser distribuído semanalmente em de 1941 a 1944. Fundado, em 1º de outubro de 1907, foi idealizado pelo jornalista e esportista Henri Desgrange, um dos criadores do *Tour de France*. Seu redator chefe foi Gaston de Pawlowski. Tratava principalmente de esportes, mas continha várias notas sobre lazer e cultura; desse modo, era tido como um guia de entretenimento de Paris. Disponível em: <<http://catalogue.bnf.fr/servlet/RechercheEquation;jsessionid=8E3F981640939BDCF359039376A2FA66?TexteCollection=HGARSTUVWXYZ1DIECBMJNQLOKP&TexteTypeDoc=DESNFPIBTMCJOV&Equation=IDP%3Dcb32745939d&FormatAffichage=0&host=catalogue>>.

<sup>128</sup> VERRE, Le Masque de. “La Garçonne par Victor Margueritte”, *Comœdia*, Echos 3501 (1922): 1. *Victor Margueritte, para “pintar” esse novo tipo de jovem emancipada, cunhou um novo termo: La*

Em 19 de julho, noticiariam que Margueritte escrevera um

*Roman terriblement audacieux et qui scandalisera tous ceux qui ont horreur de la vérité. La Garçonne (Flammarion, éditeur, un volume: 7 franc) est le chef-œuvre de Victor Margueritte. Lisez ce roman qui peint le vice pour le faire haïr et l'amour pour le faire aimer. Jamais l'auteur de tant maîtres livres s'atteignit à de plus violents raccourcis de sensations et de sentiments dans une plus captivante intrigue. C'est la passion de ces émancipées qui, après des errements lamentables, finissent par obéir à la loi éternelle de la nature: l'amour et à sa grande leçon, l'indulgente pitié.*<sup>129</sup>

Ainda em Villepin e igualmente em Bard, obtemos a informação que a *Flammarion* divulgara esses anúncios publicitários, no mês de julho, a cada três dias e, em agosto, toda semana. E que o grande mérito dessa “*publicité tapageuse*”<sup>130</sup> se devia aos irmãos Fisher, que além de codiretores literários da editora eram muito amigos do escritor.

O próprio Margueritte se engajou na propaganda, quando, juntamente com sua esposa, ao saírem em férias, viajaram de Paris a Sainte-Maxime com o carro repleto de exemplares de *La garçonne*, visitando todas as livrarias pelo caminho e promovendo o livro. Assim, podemos finalizar que parte da grande repercussão da obra em foco é consequência do alcance de sua campanha publicitária e dos conhecimentos da *Flammarion* acerca do mercado literário mundial.

---

*garçonne. A garçonne, como seu nome indica, quer levar a mesma vida do homem, conhecendo seus prazeres e frenéticas criaturas que se deixam levar menos pelo sexo que por sua insaciável curiosidade, partilhando todos os seus vícios. Jamais o ilustre autor de tantos sucessos, escrevera obra mais fervilhante, mais violenta. Jamais ele havia pintado com cores mais cruas e com tamanha sinceridade a vida e suas torpezas. Quando você ler esse romance apaixonante, cativante, La garçonne [...] provavelmente o deixará escandalizado, mas você perceberá que por trás de tanta baixeza emana uma pura e exaltante beleza (tradução nossa).*

<sup>129</sup> VERRE, Le Masque de, “La Garçonne par Victor Margueritte”, *Comœdia*, Echos, 3503 (1922): 1. *Romance terrivelmente audacioso e que escandalizou todos os que têm horror da verdade. La Garçonne (...) é o carro-chefe de Victor Margueritte. Leia este romance que traduz o ódio e amor do vício de amar. Jamais o autor de tantos outros livros famosos alcançou tão facilmente o atalho para sensações e sentimentos por meio de uma cativante intriga. É a paixão dessas emancipadas que, após seus erros lamentáveis, terminam por obedecer à mais eterna lei da natureza: o Amor e a sua grande lição, a disposição para a compaixão (tradução nossa).*

<sup>130</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 191. *Publicidade barulhenta (tradução nossa).*

## CAPÍTULO 2

### 1 O ESCRITOR, O HOMEM E SUAS CONVICÇÕES

Na intenção de compreender o ciclo de comunicação de um dado livro, o qual se inicia com o autor e termina no leitor, como proposto por Robert Darnton, decidimos que seria importante a análise de algumas das posturas adotadas pelo escritor Victor Margueritte no percurso de sua vida até a erradicação da *Légion d'Honneur*.

A finalidade, aqui, não é produzir uma visão tradicional da história literária, ao escrever sobre o autor e sua obra. Julgamos necessária a análise de questões pessoais e profissionais a respeito de Margueritte, pois, acatamos a ideia de que “os próprios autores são leitores. Lendo e se associando a outros leitores e escritores, eles formam noções de gênero e estilo, além de uma idéia geral do empreendimento literário, que afetam seus textos”.<sup>131</sup> Visto que, ao empregar o livro como fonte histórica, “os historiadores do livro geralmente recortam um segmento do circuito de comunicações e analisam-no segundo os procedimentos de uma única disciplina”,<sup>132</sup> como em nosso caso, em que nos atemos à materialidade do livro no que diz respeito à recepção pelos leitores. Compreendemos, porém que “as partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo”.<sup>133</sup> Em razão disso damos início às seguintes investigações da biografia de Margueritte.

Pois, o autor do mais polêmico livro francês dos anos 1920, em decreto de 2 de janeiro de 1923, pronunciado pelo chefe de estado da França, Alexandre Millerand, fora excluído da ordem da *Légion d'Honneur*, com base nos seguintes argumentos:

---

<sup>131</sup> DARNTON, Robert, *op. cit.*, p. 125.

<sup>132</sup> *Op. cit.*, p. 126.

<sup>133</sup> *Op. cit.*

*“Considérant que M. Margueritte a publié un roman intitulé La Garçonne dans lequel il se complait à la description des scènes de débauche les plus répugnantes;*

*“Qu’en écrivant de telles pages, M. Margueritte a oublié le respect que tout légionnaire se doit à soi-même et doit à la Légion d’honneur dont il fait partie;*

*“Qu’en agissant de la sorte, il a commis une faute contre l’honneur;*

*“Qu’il ne saurait invoquer en sa faveur une préoccupation d’art désintéressée; car la réclame si active, si étendue et particulièrement suggestive dont ce livre a fait l’objet, atteste que sa préoccupation dominante visait le profit pécuniaire;*

*“Que, d’autre part, le mal fait par ce livre au bon renom et à l’influence de la France à l’étrangère rend nécessaire une sanction sévère de la faute à la charge de ce légionnaire...”<sup>134</sup>*

Assim, a nosso ver, tais acusações não se devem somente a acontecimentos específicos do caso de *La garçonne*, mas também a outras situações que envolveram o autor anos antes do escândalo causado por seu *best-seller*. Depois de fazermos as leituras de Villepin e Guirec, ficou-nos claro que as opiniões de Victor Margueritte (assim como ocorre com qualquer pessoa pública) já causavam certo estranhamento (mesmo quando mais jovem e pouco conhecido), dividindo julgamentos e, conseqüentemente, provocando desafetos entre seus pares.

Então, passemos às seguintes explicações do que concluímos terem sido algumas das convicções de Victor Margueritte, a fim de completar com mais alguns elementos o intrincado mosaico que representa toda essa relação autor-livro-leitoras-moda.

---

<sup>134</sup> MILLERAND, Alexandre *apud* VILLEPIN, Patrick, *op. cit.*, p. 209. *Considerando que Victor Margueritte publicou um romance intitulado La garçonne, no qual ele se deleita em descrever cenas de libertinagem as mais repugnantes; Que escrevendo tais páginas, M. Margueritte esqueceu o respeito que todo legionário deve a si mesmo e deve à Légion d’Honneur da qual ele faz parte. Que agindo de tal forma, ele cometeu uma falta contra a honra; Que ele não pode invocar em seu favor uma preocupação de arte desinteressada; pois as alegações tão ativas, tão extensa e particularmente sugestivas de que este livro tem sido objeto atestam que sua preocupação visou ao lucro pecuniário. Que, de outra parte, o mal feito por esse livro à boa reputação e à influência que a França tem em relação ao estrangeiro, necessita de uma severa sanção pela falta cometida por esse legionário (tradução nossa).*

## 1.1 A ESSÊNCIA MILITARISTA NA FORMAÇÃO DO HOMEM E DO ESCRITOR

*Blida, Algérie. Perdue dans les bougainvillées, à l'extrémité d'une allée d'eucalyptus, une Maison à terrasse, blanchie à la chaux. Écrasée de soleil, entourée de vignes et d'orangers, la demeure du commandant de poste connaît une agitation inhabituelle. La veille, 1<sup>er</sup> décembre 1866, à 11 heures du soir, Eudoxie Mallarmé a mis au monde son deuxième fils: Victor.*<sup>135</sup>

De acordo com Villepin, o Comandante Jean Auguste Margueritte teve seu filho mais novo, assim como o primogênito, nascido nos territórios ultramarinos da França. Logo após ser nomeado general em agosto de 1870, Jean Margueritte morreria em decorrência de ferimentos sofridos durante o conflito franco-prussiano, em 6 de setembro desse mesmo ano. Victor e seu irmão Paul, seis anos mais velho, guardavam poucas lembranças do pai militar.

Jean era filho do *Maréchal de Logis de Gendarmerie*<sup>136</sup>, Antoine Margueritte, que por sua vez, chegara a Argélia em 1831 e cujos atos de bravura contra os nativos lhes renderam a *Croix de la Légion d'Honneur*<sup>137</sup>. Victor Margueritte orgulhava-se de seus antepassados e os enxergavam, especialmente seu pai, como pacificadores. Contudo, a escassa memória dos filhos de Jean Margueritte lhes renderam juízos um tanto idealizados a respeito deste pai colonizador.

De origens mais simples que as de sua mulher, o general Jean Margueritte, se tornara soldado por necessidade e, segundo Villepin, demonstrava, acima de tudo, uma índole administrativa: "*Forgé à l'école des vrais colonisateurs, il s'emploie à pacifier l'Algérie sans cesser d'être aimé des Arabes*".<sup>138</sup> Condecorado várias vezes pela *Légion d'Honneur*, por seus serviços prestados à Pátria, Jean era a inspiração de seu filho caçula, anos depois, para seguir carreira militar.

Em 1871, logo após a morte do marido, Eudoxie Margueritte, mãe de duas crianças, uma de 4 e outra de 10 anos de idade, com a pequena pensão deixada pelo general, partia para Paris, na intenção de obter melhores condições educacionais para seus filhos.

<sup>135</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 19. *Blida, Argélia. Perdida entre as buganvílias, ao final de um corredor de eucaliptos, uma casa térrea de caiação. Castigada pelo sol, cercada por vinhas e laranjeiras, o lar do comandante experimenta uma agitação incomum. Na véspera, em 1º de dezembro de 1866, às 11 horas da noite, Eudoxie Mallarmé dera à luz seu segundo filho: Victor* (tradução nossa).

<sup>136</sup> *Sargento da guarda civil* (tradução nossa).

<sup>137</sup> *A cruz da Legião da Honra* (tradução nossa).

<sup>138</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 23. *Forjado na escola dos verdadeiros colonizadores, ele se engajou na pacificação da Argélia sem deixar de amar os Árabes* (tradução nossa).

Mme Margueritte, filha de um *Intendant Général*,<sup>139</sup> Victor Mallarmé, nascera em uma família burguesa oriunda da região da Alsácia e que imigrara para a Argélia durante os primeiros anos de sua colonização. Ao se mudar para a capital, a viúva contaria com a ajuda de seu primo, o poeta simbolista Stéphane Mallarmé, o qual, conseqüentemente, viera a se tornar o tutor moral dos meninos Margueritte.

Depois da chegada à Paris até o final da década de 1870, Victor Margueritte estudou no *Lycée Henri-IV* sem grande brilhantismo acadêmico. Seus camaradas de internato, e melhores amigos desse período, foram George Hugo (filho mais novo de Victor Hugo), Léon Daudet (filho de Alphonse Daudet) e Philippe Berthelot (filho do cientista, acadêmico e *ministre des Affaires Étrangères* Marcellin Berthelot).

Por frequentar o mencionado grupo de amigos, também composto por seus respectivos irmãos, o jovem Victor, “embebido” de literatura, almejava as glórias da carreira literária. Veleidade que veio a se reforçar, em 1881, com o aumento do convívio com seu primo Stéphane Mallarmé.

Durante sua adolescência, o escritor de *La garçonne* se dedicou principalmente às peças de teatro (as quais ele, Paul e suas primas encenavam), a escrever poemas e a colaborar em obras de outros autores, principalmente nas de Paul Margueritte. Em 1885, Victor Margueritte tornou-se colaborador de *La Revue indépendante*, *La Minerve* e outros jornais ecléticos da época, os quais se recusavam a ser subservientes em relação a qualquer escola literária; ou seja, em tais periódicos, criticavam-se o naturalismo e o romantismo, bem como os parnasianos e os simbolistas.

Em 1886, aos 19 anos, o mais novo irmão Margueritte decidiu dedicar-se ao exército. Estava passando por um forte conflito interior, no qual julgara a vida boêmia que levara nos últimos anos muito superficial. Dessa maneira, começou a acreditar que, para escrever bem era preciso antes sofrer e aprender a viver. Em seu entender, alistando-se, essas experiências necessariamente ocorreriam.

Antes de partir para sua nova jornada, o jovem Margueritte, logo que terminou suas provas do *bachot*<sup>140</sup> (do qual ele nunca obteria o diploma), escreveu a

---

<sup>139</sup> *Intendente Geral* (tradução nossa).

<sup>140</sup> Nome popular dado ao *baccalauréat*. No sistema de ensino francês, é um primeiro ciclo de matérias elementares em que é necessário ser aprovado, logo após o *Lycée*, para então iniciar os

seu antigo tutor que a estada na Argélia o colocaria em contato com as memórias de seu glorioso pai. E que a solidão e a disciplina lhe dariam uma vida de novos horizontes. “*Une vie que ne sera pas une vie de caserne et de garnison, mais une vie très large et très libre de détachement dans les plus lointains villages arabes, d’alertes possibles et de continuelle initiative*”.<sup>141</sup>

Victor Margueritte se alistou na prefeitura de Sèvres, com o comprometimento voluntário de 5 anos como militar. Enviado ao terceiro regimento de Batna, Argélia, ele ocupou, em 28 de setembro de 1886, seu posto de exercício. A nova rotina era draconiana: despertar às 5 horas, marchas forçadas pelo deserto, acampamentos e guarda semanais, além de intermináveis lições de equitação debaixo de um sol escaldante – tudo muito diferente da úmida e deleitável Paris.

Nos primeiros dois anos, o soldado Margueritte encontrou muita dificuldade para se enquadrar nas disciplinas militares. Villepin relata que, em dois anos, Victor Margueritte motivara 3 ocorrências por “má conduta”: havia-se esquecido, por exemplo, de bater continência a um superior; negligenciara suas tarefas e se apresentava de cabelos sujos e desalinhados depois dos exercícios da manhã. As punições totalizaram 52 dias de trabalhos extras.

Em 1887, Paul se juntou a Victor no intento de se dedicar exclusivamente à escrita. Mas o clima argelino prejudicava a saúde precária do primogênito dos Margueritte: os ataques constantes de asma atrapalhavam seu desempenho e o fizeram retornar à França.

Victor Margueritte, no entanto, continuou firme em sua decisão de permanecer nas forças armadas. Seu único vínculo com a antiga vida de Paris eram as cartas que trocava com sua prima Geneviève Mallarmé.

Em 1888, o jovem soldado foi transferido para o *1<sup>er</sup> régiment de chasseurs d’Afrique*,<sup>142</sup> o mesmo regimento que tornara seu pai ilustre por seu comando. Em 18 de setembro de 1890, é promovido a *Maréchal des logis*.<sup>143</sup> Em

---

estudos superiores, ou seja, as disciplinas referentes de cada carreira. Atualmente o apelido *bachot* foi substituído por *Bac*.

<sup>141</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 48. *Uma vida que não será uma vida de quartéis e guarnição, mas uma vida ampla e totalmente livre de desapego nas longínquas vilas árabes, de possíveis despertares e permanente iniciativa* (tradução nossa).

<sup>142</sup> *Primeiro regimento de caçadores da África* (tradução nossa).

<sup>143</sup> *Sargento* (tradução nossa).

fevereiro de 1991 é solicitado a participar do treinamento e do consequente concurso para *sous-lieutenant*.<sup>144</sup>

Em 31 de agosto de 1892, a classificação em 23º lugar (havia 69 vagas); a nota *Bien*,<sup>145</sup> dada pelo general comandante da *École d'application de cavalerie de Saumur*,<sup>146</sup> juntamente com o comentário “*très consciencieux et très travailleur; faisant ce qu'il peut pour faire honneur à son nom, mais ayant pas les moyens pour briller*”<sup>147</sup>, o qual feriu seu orgulho, contudo lhe garantiram a efetivação como subtenente do *27<sup>e</sup> régiment de dragons à Versailles*.<sup>148</sup> Essa nova patente lhe propiciou regalias. Margueritte pôde retornar aos cenários literários que, em outros tempos, o haviam enfadado. É restabelecido seu contato com Mallarmé, que durante 5 anos havia se interrompido.

Esses novos tempos de guarda são mais tranquilos e felizes que os anteriores. O desânimo de Victor Margueritte vai desaparecendo de pouco em pouco, e ele novamente dedica à literatura boa parte de seu tempo. Em 29 de dezembro de 1894, é nomeado *lieutenant*.<sup>149</sup> Nessa época, seus superiores, diferentemente do período da *École d'application de cavalerie de Saumur*, evidenciavam a excelente moralidade de Victor, admiravam seu trabalho como militar e seus esforços para honrar o nome do ilustre pai.

Porém, como era mais velho que a maioria de seus colegas de mesma patente, não acreditava que chegaria a general, como acontecera a seu pai. Em junho de 1986, aos 29 anos, Victor Margueritte pede sua exoneração, apesar de seu comandante de unidade aconselhar-lhe que tivesse mais cautela em tal decisão.

O Tenente Margueritte alegou que era preciso cuidar de sua velha mãe, já que seu irmão não tinha saúde para tal tarefa, estava passando por problemas pessoais e, mais do que nunca precisava de sua ajuda para continuar a escrever. Tais argumentos foram redigidos pelo *Colonel de Sesmaisons*,<sup>150</sup> em carta ao *Général commandant de la 5<sup>e</sup> brigade de dragons*.<sup>151</sup> A demissão foi aceita pelo

<sup>144</sup> *Subtenente* (tradução nossa).

<sup>145</sup> *Bom* (tradução nossa).

<sup>146</sup> *Escola preparatória da cavalaria de Saumur* (tradução nossa). Saumur é uma comuna do Departamento de Maine-et-Loire, França.

<sup>147</sup> *Muito consciencioso e muito trabalhador, fazendo o que pode para honrar seu sobrenome, mas sem possuir meios para brilhar* (tradução nossa).

<sup>148</sup> *27º regimento dos dragões de Versalhes* (tradução nossa).

<sup>149</sup> *Tenente* (tradução nossa).

<sup>150</sup> *Coronel de Sesmaisons* (tradução nossa).

<sup>151</sup> *General comandante da 5ª brigada dos dragões da França* (tradução nossa). *Dragons* é um regimento da cavalaria francesa.

governador militar em 2 de julho de 1896, e endossada pelo presidente no em 13 de julho de 1896.

Os reais motivos permanecem sem maiores esclarecimentos, já que Mme Margueritte, então com 51 anos, estava gozando de plena saúde, e Paul, mesmo com problemas conjugais, já era um escritor de certo reconhecimento e prestígio. Após 10 anos de carreira militar, o oficial Victor Margueritte renunciava precipitadamente, da mesma maneira que ingressara nas forças armadas.

Contudo, é-nos evidente como a rotina militar e o retorno a sua terra natal agiram intimamente na escrita de Victor. Em uma das biografias de Margueritte, lemos o seguinte:

*Victor Margueritte, élargissant l'horizon du soldat jusqu'aux perspectives du penseur, n'a jamais cessé de se préoccuper de l'avenir de la société et des peuples, puisant dans la fierté d'être Français le désir de faire mieux, et plus universellement, connaître et aimer la France pour ses traditions de générosité, de grandeur, de loyauté et d'esprit. [...] On ne niera pas, du moins, qu'il est un des plus humains parmi les Français et qu'il incarne ainsi, par ses origines comme par l'exemple de sa vie, la pure race du Travailleur, issue de la glèbe éternelle.*<sup>152</sup>

Exagero romanesco de Jean Guirec à parte, percebemos que, ao final da jornada em que Margueritte deixa a Argélia, vai a Paris, regressara à terra natal e, por fim, retorna à Cidade-Luz, dera-se o período de sua formação, tanto como homem quanto como escritor.

Guirec e Villepin notam que as criações literárias de Victor Margueritte se profissionalizam durante o término de sua última estada na Argélia. Ele passara a estabelecer métodos de concepção e padrões de escrita. No que diz respeito aos temas por ele abordados, suas tramas se impregnam de poucos personagens favoráveis e de muitos que a estes se contrapusessem, como se compusessem um retrato da própria realidade. Seus cenários “psicológicos” passam a ser mais áridos e hostis, enquanto seus escritos líricos amadurecem e perdem um pouco de sua ludicidade.

<sup>152</sup> GUIREC, Jean, *Victor Margueritte: l'homme et l'écrivain*. Paris: Éditeur André Delpeuch, 1927, p. 5-6. *Victor Margueritte ampliou o horizonte do soldado até às perspectivas do pensador; jamais deixou de se preocupar com o futuro da sociedade e do povo, explorando no orgulho de ser francês o desejo de fazer o melhor, e mais ainda, de conhecer e amar a França por suas tradições de generosidade, de grandeza, de lealdade e de espírito [...] Não se pode negar, ao menos, que ele é um dos mais humanos entre os franceses e que o entendemos assim, por suas origens como pelo exemplo de sua vida, a raça do Trabalhador, efeito da eterna terra* (tradução nossa).

Para os historiadores citados acima, Margueritte, em seus primeiros passos como autor, quando ainda adolescente, refletira tanto o lado materno (Mallarmé), do qual herdara a tradicional cultura burguesa, quanto o paterno (Margueritte), do qual legara a vivificação do popular e da prática – o que, depois do exército, viera a desabrochar e terminar por moldar as características que o guiaram por toda a sua carreira de escritor.

## 1.2 FEMINISMO

No final da década de 1890 e nos primeiros anos do século XX, defensores de um tema bastante controverso, os irmãos Margueritte se lançaram em uma campanha para facilitar a obtenção do divórcio na França. Nessa época, Paul tentava se divorciar de sua esposa e encontrava grandes obstáculos legais, e Victor decidira apoiar publicamente o irmão.

No final de 1899, os Margueritte se instalaram em Jersey, Inglaterra, para poderem escrever e publicar com mais liberdade as ideias de reforma do direito ao divórcio na França. Entretanto, por já desfrutarem de certo prestígio literário, decidem retornar a Paris para publicar seus manifestos nos diversos jornais franceses para os quais colaboravam, e dar início ao que eles julgavam ser a batalha em favor das reformas sociais.

Em carta destinada aos *Messieurs Sénateurs et Députés*,<sup>153</sup> publicada em 1º de dezembro de 1900, na primeira página do *Le Figaro*,<sup>154</sup> Victor e Paul Margueritte afirmavam que a separação de um casal era um direito individual de cada uma das partes e que essa liberdade individual era a base do direito público francês – uma das grandes conquistas da *Révolution*. De acordo com eles:

---

<sup>153</sup> *Carta Aberta aos Senhores Senadores e Deputados* (tradução nossa).

<sup>154</sup> O *Le Figaro* é um jornal francês fundado em 1826, no reinado de Carlos X. É, por essa razão, o mais antigo jornal francês que ainda é publicado. *Le Figaro* atualmente é de propriedade do empresário e senador de *Essonne*, Serge Dassault, filiado à *Socpresse*, da qual ele é presidente e único acionista. Segue a linha editorial de Direita/Centro-Direita, segundo o espectro político francês. Disponível em: <[http://www.imec-archives.com/fonds\\_archives\\_fiche.php?i=FIR](http://www.imec-archives.com/fonds_archives_fiche.php?i=FIR)>.

*[...] Donc, le divorce est nécessaire, vous l'avez reconnu. Ce n'est pas un bien, ce n'est pas un mal, c'est un remède. Mais, par la façon dont vos prédécesseurs l'ont remis en usage, il arrive que souvent le remède est pire que le mal, et justifie une part des attaques dont les égoïstes heureux et certains réactionnaires le poursuivent.*<sup>155</sup>

Portanto, para os escritores a maneira pela qual o divórcio estava enquadrado nas leis ainda era arcaica. E uma reforma seria necessária, Já que a França se considerava uma nação moderna e tinha como um dos seus pilares a *Liberté*. Assim, a *Incompatibilité d'humeur*<sup>156</sup> deveria ser uma justa causa para o divórcio, e não somente o flagrante de um adultério. Deste modo a nação francesa então, seria compatível com os novos tempos que chegariam com o século XX.

E os irmãos foram além. Em um estudo, também publicado no dia 1º de dezembro, na *Revue des Revues*,<sup>157</sup> eles defenderam o divórcio por mútuo consentimento, e mesmo pela vontade de somente uma das partes. Este último argumento era desconhecido para a época e tido como subversivo. O divórcio, no final do século XIX, encontrava seus defensores em uma das alas esquerdistas da França. Em razão disso, o chefe de edição do *Le Figaro*, antes da carta de Victor e Paul Margueritte aos senadores e deputados, faz o seguinte comentário:

*A cette heure où plus que jamais les tribunaux et la Société se préoccupent de cette grave question du divorce, le Figaro, qui a toujours été une tribune libre, croit devoir mettre sous les yeux de ses lecteurs la curieuse page suivante de M. Paul et Victor Margueritte.*<sup>158</sup>

O debate em torno da questão acirrou-se em todos os lados. As reações escandalizadas se multiplicaram. Os católicos apelaram para a indissolubilidade do matrimônio, enquanto os moralistas defendiam a integridade e os interesses dos filhos dos casais desmanchados.

<sup>155</sup> MARGUERITTE, Paul; MARGUERITTE, Victor, "Lettre Ouverte a Messieurs les Sénateurs et Députés", *Le Figaro*, 335 (1900):1. *Portanto, o divórcio é necessário, vocês reconheceram. Não se trata de um bem, não se trata de um mal; trata-se de um remédio. Mas a maneira que seus predecessores lhe deram uso fez com que o remédio fosse pior que a doença e justifique uma parte dos ataques com que os egoístas e alguns reacionários prosseguem* (tradução nossa).

<sup>156</sup> *Incompatibilidade de gênios* (tradução nossa).

<sup>157</sup> Revista quinzenal fundada em Paris no ano de 1890 a 1900, tendo como editores chefes Ernest W. Smith e Jean Finot. Possuía artigos científicos, literários e críticas políticas. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6251655d/f3.image.r=Aicard.langFR>>.

<sup>158</sup> RODAYS, F. de. *Le Figaro*, 335 (1900):1. *Nesta altura, em que, mais do que nunca, o tribunal e a sociedade se preocupam dessa grave questão acerca do divórcio, Le Figaro, que sempre foi uma tribuna livre, sente-se no dever de colocar diante os olhos de seus leitores a curiosa página seguinte de M. Paul e M. Victor Margueritte* (tradução nossa).

Os protestos contra o desmanche das uniões de casais fundamentavam-se no argumento de que o divórcio litigioso aumentaria o número de mulheres separadas, o que faria com que ficassem vulneráveis à miséria por não saberem gerir as economias de uma família, causando um grande problema social.

Victor Margueritte não era avesso a essa última afirmativa. Anteriormente, os Margueritte já se tinham empenhado em causas vinculadas às uniões conjugais. Como relatado por Villepin, “*dès 1898, ils revendiquent la protection financière pour la femme mariée et la légitimation des enfants adultérins*”.<sup>159</sup> Uma das propostas no estudo de *La Revues des revues* sugeria a intenção de evitar a conveniência financeira e de legitimar a *volonté du mariage*,<sup>160</sup> por meio da anexação à certidão de casamento de um *contrat de fidélité, des secours et d’assistances réciproques*.<sup>161</sup>

As considerações contrárias a suas ideias fizeram Victor Margueritte enxergar cada vez mais que a educação feminina deveria ser igual à dada aos homens. Instruídas, elas não dependeriam mais de seus maridos ou pais para conduzir suas vidas. Dessa forma, paralelamente às investidas em favor do divórcio, o autor de *La garçonne* se lançava às causas feministas.

Em 1899 Victor Margueritte enviou ao *Journal*<sup>162</sup> seus primeiros artigos sobre o voto feminino. Ele acreditava que “*si elles subissent les mêmes lois et paient autant d’impôts, ne doivent-elles pas bénéficier des mêmes droits?*”<sup>163</sup>

Conforme nos é contado em Villepin, os artigos em questão encontraram uma acolhida entusiasta no *La Fronde*,<sup>164</sup> quotidiano lançado por uma figura legendária do feminismo francês: Marguerite Durand.<sup>165</sup> Sensibilizado pelos

<sup>159</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 92. *Em 1898, eles reivindicam a proteção financeira para a mulher casada e a legitimação dos filhos adulterinos* (tradução nossa).

<sup>160</sup> Compromisso (vontade) do casamento (tradução nossa).

<sup>161</sup> Contrato de fidelidade, de auxílio e assistência recíprocos (tradução nossa).

<sup>162</sup> Jornal francês lançado em 18 de setembro de 1892 pelo jornalista Fernand Xau. Destinado aos pequenos comerciantes, aos operários e trabalhadores, a intenção de seu fundador era produzir um jornal literário que custasse 1 sou (moeda de 1/20 do franco francês). Até a véspera da Primeira Guerra foi considerado um dos quatro maiores jornais da França. Disponível em: <[http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr/chan/chan/AP-pdf/AR\\_etat%20sommaire\\_2011.pdf](http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr/chan/chan/AP-pdf/AR_etat%20sommaire_2011.pdf)>.

<sup>163</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 92. *Se elas se submetem às mesmas leis e pagam os mesmos impostos, não deveriam elas se beneficiarem dos mesmos direitos?* (tradução nossa).

<sup>164</sup> Fundado por Marguerite Durand em 9 de dezembro de 1897, esse quotidiano servia, principalmente, para a publicação de manifestos a favor dos direitos femininos. Deixou de ser publicado em 1905, por problemas financeiros. Disponível em: <<http://clio.revues.org/390>>.

<sup>165</sup> Feminista francesa, nascida em Paris, em 1864. Já era uma renomada atriz e jornalista do *Le Figaro* quando se converteu à defesa das mulheres, ao fazer a cobertura do *Congrès Féministe*

elogios desse jornal, os dois irmãos se aliaram à causa do periódico e tornaram-se amigos das célebres redatoras – Marcelle Tinayre,<sup>166</sup> Andrée Viollis<sup>167</sup> e Clémence Royer.<sup>168</sup> Essa tendência feminista reflete-se em vários dos romances escritos conjuntamente, como: *Le Prisme*<sup>169</sup>, *Les Deux Vies*<sup>170</sup>, *Femmes Nouvelles*<sup>171</sup> e *Vanité*.<sup>172</sup> O tema garantiu o sucesso dos Margueritte. A mensagem literária dos irmãos era apreciada por numerosos leitores. Tidos como divulgadores do feminismo, eles recheiam seus romances de ideias revolucionárias e trilham o caminho de uma literatura de emancipação.

Passado um tempo, temeroso de assinar sozinho suas obras, por receio de não ter suficiente reconhecimento literário e cair aos poucos no esquecimento, Victor Margueritte entrou em pânico. Todavia, o desejo de provar a seus confrades que possuía talento próprio o fez assinar sozinho, em 1907, seu primeiro livro, *Prostituée*.<sup>173</sup> De acordo com Patrick de Villepin, as 544 páginas desse romance *dure et crue*<sup>174</sup> lembram certos romances naturalistas de Émile Zola, por mergulharem o leitor em um combate de classes, em um mundo *d'exploitation de l'ouvrier par le travail et de la femme par l'homme*.<sup>175</sup> O primeiro romance de Victor Margueritte teve a tiragem de 130.000 exemplares; chocou e causou escândalo, porém os críticos da época julgaram-no um *roman hautement moral*.<sup>176</sup>

---

*International* (Congresso Feminista Internacional), em 1886. Disponível em: <<http://clio.revues.org/390>>.

<sup>166</sup> Escritora francesa, nascida em 1870 e falecida em 1948. Autora de numerosos romances de inspiração católica. Foi frequentadora de salões literários, como os de Mme Arman de Caillavet, e engajou-se politicamente contra as revoluções comunistas. Em 1908, recusou a condecoração da *Légion d'Honneur*. Disponível em: <<http://geo.culture-en-limousin.fr/Belle-et-rebelle-Marcelle-Tinayre?lang=fr>>.

<sup>167</sup> Nasceu Françoise-Caroline Claudius Jacquet de La Verrrière, em Paris, no ano de 1870. Foi figura marcante do jornalismo de informação e uma fervorosa militante das grandes causas humanitárias, como o antifascismo e o feminismo. Foi premiada com a *Légion d'Honneur* e casada com o jornalista Gustave Téry, com quem teve dois filhos. Divorciada de Téry, casou-se novamente com o romancista Henri d'Ardenne de Tizac, com quem teve mais dois filhos. Morreu em 10 de outubro de 1950. Disponível em: <<http://www.ajpn.org/personne-Andree-Viollis-2664.html>>.

<sup>168</sup> Nascida em 1830, na cidade de Nantes, Foi filósofa e cientista, fez a primeira tradução para o francês da obra *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin. Morreu em 1902, deixando uma obra abundante de estudos filosóficos, de economia, de política e de história. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k365249t.image.f61.langFR>>.

<sup>169</sup> *O prisma* (tradução nossa).

<sup>170</sup> *As duas vidas* (tradução nossa).

<sup>171</sup> *Novas mulheres* (tradução nossa).

<sup>172</sup> *Vaidade* (tradução nossa).

<sup>173</sup> *Prostituta* (tradução nossa).

<sup>174</sup> *Duro e cru* (tradução nossa).

<sup>175</sup> *De exploração do operário pelo trabalho e da mulher pelo homem* (tradução nossa).

<sup>176</sup> *Romance altamente moral* (tradução nossa).

A trama se concentra no entrecruzamento das vidas de Rose Desbois e de Anette Sorbier. A primeira é uma bela jovem de 18 anos, que deixara sua cidade natal, para trabalhar nos serviços domésticos de uma mansão de Paris, e que engravida de seu patrão, M. Dumès, o qual vem a se recusar a reconhecer a paternidade da criança.

Demitida por Mme Dumès, sem dinheiro, sem lugar para morar, e com a descoberta que contraíra sífilis do ex-patrão, a única solução encontrada por Rose foi tornar-se prostituta, para sobreviver. Anette Sorbier, por sua vez, era uma jovem solteira que trabalhava como manequim de vestidos e se tornou amante de M. Dumès, depois que este rompeu com Rose. Mercier Dumes se envolve com Anette por acreditar que a única maneira de curar a sífilis que o havia contaminado, e transmitido a Rose, era deflorar uma virgem.

No hospital, Anette e Rose se cruzam. Anette se cura, sai do hospital Saint-Lazare e se empenha em estudos autodidatas. Assim que se torna bem instruída, transforma-se em uma prostituta de luxo, como forma de vingança e ódio em relação aos homens burgueses, os seduziam e roubava-lhes suas fortunas. Rose, em contrapartida, é morta brutalmente no depósito de Saint-Lazare, depois de ferir um enfermeiro do hospital.

Margueritte, puni M. Dumès por sua monstruosidade. Este personagem passa por uma crise aguda de sífilis e acaba transmitindo involuntariamente a doença venérea à esposa, que vem a morrer. Todas as fases deste mal que acometeu M. Dumès são descritas de maneira rigorosa: as agonias e sintomas da enfermidade, com suas perdas de memória, vertigens, degenerações físicas, loucura...

Margueritte expõe, assim, os males da burguesia francesa e o quanto essa sociedade do início de século menosprezava as vidas das classes mais miseráveis. E acreditava que estava demonstrando quanta diferença faria a instrução educacional no que tange ao destino de uma mulher. Embora Anette se utilize de subterfúgios pouco morais, seu destino é sem dúvida melhor do que o da pobre e ignorante Rose.

Este romance assinados somente por Victor Margueritte excedeu os limites dos problemas em si, mostrando as consequências sociais desastrosas de atos individuais impensados. Em suma, entendemos que ele havia encarnado a

figura do romancista social. “*Il est un historien et un moraliste*”,<sup>177</sup> sentenciara Guirec.

Margueritte evidenciara os diferentes aspectos de sua época e pesquisara os melhoramentos que, segundo seu ponto de vista, deveriam ocorrer nas leis, nas convenções e nos instintos. Para ele, a escrita tornara-se tanto um pretexto quanto um meio de testemunhar sobre seu tempo e de propor novos valores, que proporcionariam *le bonheur*<sup>178</sup> do Estado francês.

Enquanto Victor Margueritte produziu em parceria com seu irmão, seu campo de observação e de estudos parece não exceder a família e os problemas que resultam do mau matrimônio. A partir da ruptura da colaboração com Paul, em 1907, o mais novo dos Margueritte aplica à definição de *Romancier*<sup>179</sup> o sentido de *Historien des mœurs*.<sup>180</sup> Em sua opinião, a obra de um escritor tinha o dever de ensinar a *morale négative*,<sup>181</sup> isto é, mostrar ao leitor o lado horrível do vício em contraponto com o belo e o bem.

Outras obras se seguiram no mesmo formato, como *L’Imprévu*,<sup>182</sup> *La Rose des ruines*<sup>183</sup> e *Jeunes filles*.<sup>184</sup> Todos, como *Prostituée*, enfocavam a ação feminina perante uma circunstância intrincada de problemas. Porém, os romances mencionados acima não alcançaram muita repercussão, como aconteceu com o romance autônomo primogênito. Somente com *La garçonne*, Victor retornaria às grandes vendas, extrapolando em muito as vendas de *Prostituée* e atingindo um maior número de pessoas com suas ideias “subversivas”.

Monique, a protagonista da “escandalosa” obra, propunha uma nova posição da mulher na sociedade francesa. A *garçonne* de Victor, segundo Bard e Villepin, impôs um novo sentido ao neologismo. “*Le dictionnaire définit en effet la garçonne comme une jeune femme menant une vie indépendante*”.<sup>185</sup>

Apesar dos riscos que correria em consequência das queixas contra seu livro “pornográfico”, e podendo perder sua posição de conselheiro da *Légion*

<sup>177</sup> GUIREC, Jean, *op. cit.*, p. 29-30. *Ele é um historiador e um moralista* (tradução nossa).

<sup>178</sup> *Felicidade, alegria, bons momentos, qualidade de vida* (tradução nossa).

<sup>179</sup> *Romancista* (tradução nossa).

<sup>180</sup> *Historiador dos costumes* (tradução nossa).

<sup>181</sup> *Moral negativa* (tradução nossa).

<sup>182</sup> *O inesperado* (tradução nossa).

<sup>183</sup> *A rosa das ruínas* (tradução nossa).

<sup>184</sup> *Jovens moças* (tradução nossa).

<sup>185</sup> BARD, *op. cit.*, p. 7. *O dicionário define de fato a garçonne como uma jovem mulher que leva a vida de maneira independente* (tradução nossa).

*d'Honneur*, Victor Margueritte, em dezembro de 1922 e em meio ao tumulto causado pelo processo de sua possível erradicação de *la Légion*, publicou, na *Revue Flóreal*,<sup>186</sup> o artigo “*Ce que les Femmes pensent du Vote*”.<sup>187</sup>

Nesse texto, o escritor contesta todos os argumentos contra o sufrágio feminino. Aos radicais para os quais a cédula depositada por mulheres teria a mesma cor que a de um bilhete de confissão, Victor Margueritte rebate dizendo que deveria ser levado em consideração que tal afirmativa valia apenas para uma pequena parcela de senhoras burguesas, e que esse perigo seria largamente contrabalanceado pelo “*bon sens populaire française, plus amoureux encore de justice et de paix sociales, de paix et de justice tout court, dans l’âme des femmes que dans celle des hommes*”.<sup>188</sup>

Já no que toca a algumas das objeções dos senadores, segundo as quais no universo feminino não se encontrava a noção da importância do poder da escolha de seus representantes e, portanto, *les femmes se soucient du vote comme un poisson d’une pomme*,<sup>189</sup> Margueritte não se posicionava de modo tão contestador. Ele reconhecia que havia pouquíssimas mulheres politizadas e que a maioria da população feminina ainda era escrava de uma condição subordinada.

As humildes acorrentadas à servidão de seus empregos gastavam todo o seu tempo trabalhando para o sustento da família, o que não lhes proporcionava oportunidades para refletir sobre as demais questões. As mais ricas eram acomodadas em suas vidas de regalias e não precisariam de transformações, sendo, então, fúteis em relação à política.

Não obstante, para Margueritte tudo isso não seria uma justificativa para a recusa ao sufrágio feminino, e sim mais um motivo para ele ser concedido às senhoras, pois as despertaria para o tema: “*ce qu’aujourd’hui pensent les femmes*,

<sup>186</sup> Revista semanal ilustrada. Publicada em Paris de 1919 a 1923, era dirigida por Joseph Paul-Boncour, membro da SFIO. Abordava o mundo do trabalhador e regularmente trazia relatórios dos congressos do Partido Socialista. Por fornecer, além de política, conteúdos variados, como literatura, esportes e ciências, também atingia o público não filiado ao partido ao qual se vinculava. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/searchInPeriodique?spe=&arkPress=cb32776014f%2Fdate&lang=PT>.

<sup>187</sup> *O que pensam as mulheres do voto* (tradução nossa).

<sup>188</sup> MARGUERITTE, Victor, “*Ce que les Femmes pensent du Vote*”, *Revue Flóreal*, 51 (1922):1260. *O bom senso comum francês, ainda mais ávido de justiça e paz social, da paz e justiça resumidamente, na alma das mulheres do que na dos homens* (tradução nossa).

<sup>189</sup> *Op. cit.* *As mulheres precisam do voto assim como um peixe de uma maçã* (tradução nossa).

*est ce que pensait avant 1848 le troupeau des hommes, avant que l'octroi du suffrage universel en eut fait la troupe des citoyens".*<sup>190</sup>

Logo, o autor de *La garçonne* prognosticara, nesse seu artigo, que as feministas despertariam nas pessoas *le mouvement libérateur*.<sup>191</sup> Elas estariam no caminho de conquistar, gostassem ou não, a igualdade sexual. Em breve, isso seria um costume, e as leis o seguiriam.

Victor Margueritte escreveu vários outros artigos a favor *des droits des femmes*<sup>192</sup> e da igualdade entre os gêneros, até chegar a sua “obra escandalosa”. Como sugerido em Villepin e Guirec, o feminismo de *La garçonne* foi a compilação das certezas que Margueritte adquirira com o passar de sua vida. E, que com esse romance o autor teria atingido o ápice da divulgação de suas convicções, acirrando de maneira inédita os ânimos dos defensores das tradições ao mostrar as modernas necessidades femininas.

Entretanto, o que percebemos é que tal indignação foi gerada não só pela franqueza do autor ao expor as práticas pouco ortodoxas da burguesia francesa. Mas, também pelos motivos anteriores à estréia de *La garçonne*, os quais Victor Margueritte saldou por suas atitudes tomadas durante a Grande Guerra, e que colocou sob ameaça pessoas importantes do cenário político francês.

### 1.3 LA RIVE GAUCHE

Embora sua posição de ex-militar e filho de um renomado general tenha-lhe concedido afagos da *droite française*<sup>193</sup> e oportunidades para colaborações em periódicos associados aos princípios direitistas, dentro do campo ideológico a defesa dos direitos das mulheres acabou por orientar Margueritte até à *rive gauche*.<sup>194</sup> Por frequentar os salões de vanguarda da época, o escritor estabeleceu contato com vários artistas e intelectuais simpatizantes da esquerda francesa, e aí decidiu permanecer.

<sup>190</sup> MARGUERITTE, Victor, “Ce que les Femmes pensent du Vote”, *Revue Flóreal*, 51 (1922):1260. O que atualmente pensam as mulheres é o que pensavam, em 1848, o rebanho de homens antes da concessão do sufrágio universal, fazendo-os de fato uma tropa de cidadãos (tradução nossa).

<sup>191</sup> *Movimento Libertador* (tradução nossa).

<sup>192</sup> *Do direito das mulheres* (tradução nossa).

<sup>193</sup> *Direita francesa* (tradução nossa).

<sup>194</sup> “Margem” esquerda. Conceito genérico que designa partidos políticos de opiniões progressistas na França, que se associam ao socialismo e ao comunismo. Esquerda política (tradução nossa).

Obstinado em revolucionar o mundo, Victor Margueritte, em dezembro de 1906, decidiu lançar-se ao combate político. Com quarenta anos e pertencente à prestigiosa *Société de gens de lettres*,<sup>195</sup> o escritor acreditava que esse seria um momento oportuno para essa nova empreitada.

Decepcionado com o fracasso de seu compromisso com o feminismo e com a inércia do Parlamento relativamente às suas reivindicações sobre o *élargissement du divorce*,<sup>196</sup> Margueritte, como nos mostra Villepin, já estava cansado e acreditava que, como *sénateur*, sua voz teria mais alcance. Uma eleição parcial com vistas a um assento no Senado seria realizada em Ardennes (o titular morreria e o lugar ficaria vago), e isso fez com que Victor Margueritte se lançasse imediatamente à batalha eleitoral. Com total entusiasmo, chegou a vender sua coleção de Cézanne (adquirida com o fruto de seus *copyrights*) para financiar sua candidatura.

Marcada para 3 de fevereiro de 1907, conforme nos conta Patrick Villepin, nessa eleição havia inúmeros candidatos qualificados e experientes para enfrentarem Margueritte.

O escritor era muito jovem para o Senado, muito parisiense, e, apesar de ser um *homme de lettres*, e por isso altamente culto, era principiante em política e não conhecia os problemas da vida rural. Filiado ao partido *radical-socialiste* em um *département* (Ardennes) que ele mal conhecia, Victor se iludira ao acreditar que a simples memória de seu pai, bem fugaz e já distante, contrabalancearia sua inexperiência.

Composto pelas bases *républicaines radicaux* e *radicaux-socialistes*, o partido político ao qual Victor Margueritte pertencia fora criado em 1901 e conheceu uma fulminante ascensão logo após sua criação. Em 1906, possuía 250 *députés* e dominou, até o fim da terceira república, o cenário político francês.

Os Margueritte, nesse período, eram colaboradores do *La Dépêche de Toulouse*,<sup>197</sup> diário radical de extrema influência entre os partidários da ala radical

<sup>195</sup> A *Société de Gens de Lettres de France* (SGDL), fundada em 1838, é uma associação privada, porém reconhecida como estabelecimento de utilidade pública depois de 10 de dezembro de 1891. Seus idealizadores, Honoré de Balzac, Georges Sand, Victor Hugo e Alexandre Dumas (pai), lideravam campanhas em favor da propriedade literária e dos direitos dos autores. A SGDL é, na França, a única associação de autores gerida pelos próprios e que visa à defesa dos direitos dos escritores. Disponível em: <<http://www.sgdl.org/sgdl/presentation/histoire>>.

<sup>196</sup> *Ampliação do divórcio* (tradução nossa).

<sup>197</sup> *La Dépêche de Toulouse* é um diário regional francês distribuído nas regiões dos Midi-Pyrénées (Ariège, Aveyron, Haute-Garonne, Gers, Lot, Hautes-Pyrénées, Tarn, Tarn-et-Garonne), assim

da esquerda. Em virtude disso, Victor não encontrara dificuldades em obter a união dos principais dirigentes do movimento esquerdista e, em seguida, tratou de mobilizar todas as suas relações para aparecer aos olhos do público como o candidato preferido, e único, da *rive gauche*.

Nos últimos dias de dezembro de 1906, Victor endereçou a todos os delegados senatoriais uma pequena brochura sobre sua vida e sua obra. Essa pequena publicação se concentrou principalmente em sublinhar as raízes tão antigas do escritor no *département de Ardennes* e em recordar o legado deixado pela família de sua mãe (Mallarmé) na região. Frisava que “*Nulle candidature n’est plus ardennaise que la sienne.*”<sup>198</sup>

O livreto também enfocou o alto valor moral e intelectual daquele “*patriote éclairé*”<sup>199</sup> e “*véritable éducateur national*”,<sup>200</sup> como forma de rebater a ofensiva ácida dos adversários aos ideais feministas do escritor, sobretudo em relação ao divórcio, que já havia causado a Victor alguns desentendimentos com os conservadores da sociedade parisiense.

No conteúdo dessa peça publicitária eleitoral sobressaía o engajamento de Margueritte à *gauche* e constava todo o seu fervor em defender a laicidade do Estado: “*Notre candidat se félicite de la séparation de l’Église et de l’État.*”<sup>201</sup> Tal frase, no entanto, lhe custou o desapareço de muitos católicos.

Victor, em sua campanha, criticou o elevado custo de vida, o desemprego, o grande número de funcionários do Estado, os impostos excessivos e as especulações financeiras. Apontava, ademais, para a nova solidariedade: o desenvolvimento mutualista, a instauração de um imposto global e progressivo, segundo a renda de cada cidadão.

Conforme afirma Villepin, Victor fez um discurso complacente e demagogo em favor dos operários, dos pequenos comerciantes e pequenos

como nos departamentos de l’Aude e du Lot-et-Garonne. Intitulado “Le journal de la démocratie”, segue a linha editorial da esquerda radical. Fundado em 1870, por iniciativa de operários de uma tipografia de Toulouse, com a finalidade de fornecer informações sobre a Guerra para as mulheres de soldados, teve seu nome mudado, em 1947, para *La Dépêche du Midi* e continua sendo editado até a contemporaneidade. Disponível em: <<http://www.ladepeche.fr/article/2010/11/02/940025-140-ans-en-archives.html>>.

<sup>198</sup> DESPIQUES, Paul apud VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 114. *Nenhuma candidatura é mais ardonesa que a sua* (tradução nossa).

<sup>199</sup> *Op. cit. Patriota iluminado* (tradução nossa).

<sup>200</sup> *Op. cit. Verdadeiro educador nacional* (tradução nossa).

<sup>201</sup> DESPIQUES, Paul apud VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 114. *Nosso candidato se felicita da separação da Igreja e do Estado* (tradução nossa).

proprietários, discurso esse que não era mais que uma reprodução da mensagem *radical* da época. Quanto ao setor militar, o candidato *radical-socialiste* adotara uma posição bem marcada à esquerda; requeria um exército poderoso e respeitoso, mas rejeitava qualquer política de conquista e de agressão aos indícios de revanche armada. Por fim, fazia da educação nacional a prioridade de suas prioridades.

Esse programa de governo, todavia, não seduziu o eleitor das bases. Victor, muito preocupado em obter a nomeação dos diferentes estafes parisienses, acabou por negligenciar as preocupações mais locais dos eleitores. Muito intelectualizado, ele acreditou que poderia ganhar por uma simples batalha de ideias.

Enfim, o escritor foi derrotado pela burguesia rural, que compunha a França republicana da Belle Époque. Em 3 de fevereiro de 1907, Gustave Gobron<sup>202</sup> foi eleito *sénateur* sem contestações. Margueritte, confiando demais no prestígio associado ao seu nome, não reunira mais que 58 votos contra as muitas centenas de seus adversários. Desapontado, ele manteria, daí em diante, um certo rancor contra o mundo da política.

Ainda em Villepin constatamos que, como Margueritte, outros escritores (por exemplo: Maurice Barrès<sup>203</sup>; Léon Daudet<sup>204</sup>, à direita; e Paul Adam<sup>205</sup> e Jules Renard,<sup>206</sup> à esquerda, etc.) desejavam ingressar na briga política.

<sup>202</sup> Antigo deputado que, em 1906, era presidente do *Conseil Général des Ardennes* e conhecedor de todos os eleitores desse *département*. Fora candidato pela *Alliance Républicaine Démocratique*, de tendência esquerdista moderada, com vasta experiência e conhecimento dos problemas locais e dos anseios da população ardonesa. Disponível em: <[http://www.senat.fr/senateur-3eme-republique/gobron\\_gustave0175r3.html](http://www.senat.fr/senateur-3eme-republique/gobron_gustave0175r3.html)>.

<sup>203</sup> Nascido em 1862, em Charmes, foi escritor e político francês. Figura líder do *nationaliste français* entre o período das duas guerras, é autor de diversos romances (*Le Culte du Moi*, *Um homme libre*, *Le jardin de Bérénice*, *L'Appel au soldat...*), de muitos ensaios (*Impressions de voyages*) e escritos políticos (*Scène et Doctrines du Nationalisme*, *Les amitiés française*, *La Grande pitié des églises de France...*). Disponível em: <<http://www.dreyfus.culture.fr/fr/bio/bio-html-maurice-barres.htm>>.

<sup>204</sup> Escritor, jornalista e político francês, nasceu em Paris, em 16 de novembro de 1867. Republicano convertido ao *monarchisme*, foi uma das principais figuras políticas de *l'Action Française* e colaborador do jornal desse movimento. Dono de uma obra vasta, escreveu romances (*Les Morticoles*, *Suzanne*, *Un Amour de Rabelais Médée*), ensaios (*L'Avant-guerre*, *Le Stupide XIXe siècle...*) e memoriais (*La pluie de sang*, *L'Entre Deux Guerre*, *Salons et Journaux...*). Disponível em: <[http://www.actionfrancaise.net/histoire-biographies-leon\\_daudet.htm](http://www.actionfrancaise.net/histoire-biographies-leon_daudet.htm)>.

<sup>205</sup> Nascido Paul Auguste Marie Adam, em 6 dezembro de 1862, na cidade de Paris. Escritor de linha literária simbolista e crítico de Artes, foi igualmente ativista político dos movimentos nacionalistas e tradicionalistas franceses. Escreveu *Les Demoiselles Goubert*, *Mœurs de Paris*, *L'Époque: Robes Rouges* e muitos outros romances, assim como várias peças de teatro (*La Force*, *La Ruse*, *Au soleil de juillet...*). BATILLIAT, Marcel. *Les célébrités d'aujourd'hui*: Paul Adam. Paris: Bibliothèque internationale d'édition, 1903. Disponível em: <<https://archive.org/stream/pauladamportrait00batiuoft#page/2/mode/2up>>.

Tal anseio é um sinal dos tempos pré-Primeira Guerra, em que o homem de letras não se contenta em ser somente artista.

Apesar de seu fracasso eleitoral, Victor continuaria engajando-se na missão da *éducation sociale* como forma de elevação das massas. Na política, ele ainda continuaria a fazer parte do partido *radical-socialiste*, todavia não como elegível aos cargos governamentais, mas como apoio a futuros concorrentes, já que gozava de prestígio entre seus colegas de legenda. Embora efêmera, a “carreira” de candidato de Victor, por exigir a exposição de suas posições ideológicas e políticas, foi suficiente para angariar desafetos.

#### 1.4 Os “ANOS TERRÍVEIS” E O PACIFISMO

Às vésperas da Primeira Guerra, Victor atingira o apogeu de sua influência entre editores, diretores de teatro, escritores e políticos. Em 7 de julho de 1914, o *ministre de l’Instruction Publique et Beaux-Arts* de então, o *député socialiste du Rhône* Victor Augagner, concede ao escritor de *Prostituée* a *cravate de commandeur* da *Légion d’Honneur*. No discurso, o deputado explica que a *distinction* era recompensa para o “*écrivain social*”.<sup>207</sup>

Por tanto tempo sendo adulator, nesse período Victor era o adulado. Seus amigos se atreveram a afirmar que a Academia Francesa deveria recebê-lo, caso ele se apresentasse como candidato. Um dos imortais, Paul Hervieu,<sup>208</sup> até o convidara gentilmente a fazer o pedido de candidatura.

Villepin nos afirma que, quando a guerra eclodiu, em 3 de agosto, o ex-oficial e pai de dois filhos almejava mais a imortalidade literária do que as glórias do exército, com a reconquistas das províncias perdidas. Contudo, o conflito mundial interrompera essa condição.

<sup>206</sup> O escritor francês Pierre-Jules Renard nasceu em *Châlons-du-Maine*, em 22 de fevereiro de 1864. Foi militante republicano anticlericalista e laico, engajou-se na luta contra a ignorância e era a favor da gratuidade escolar. Pulicou *L’Écornifleur*, *Histoires Naturelles*, *Poils de carotte*, entre muitos outros romances. Também escreveu peças de teatro (*Le plaisir de rompre*, *La Bigote*, *Huit jours à la campagne*,...) e foi colaborador do *Journal*. Disponível em: <<http://www.pour-jules-renard.fr/biographie/biographie.html>>.

<sup>207</sup> AUGAGNER, Victor *apud* VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 148.

<sup>208</sup> Autor dramático francês, nascido em Neuilly-sur-Seine, em 2 setembro de 1857. Preocupado com os problemas sociais de sua época, ele os expusera em seus romances psicológicos e mundanos, como *Le Dédale*, *L’Énigme* e *Le Réveil*, entre outros... Colaborou com *Les Grimaces*, jornal satírico que combatia o capitalismo oportunista e que, por consequência, era antissemita. Em 1900, tornou-se um dos imortais da *Académie Française*. Morreu em Paris, em 25 de outubro de 1915. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/paul-hervieu>>.

Já há algum tempo, o escritor vinha defendendo a revanche militar pela Lei, e não pela violência. Inclusive, em março de 1913, em uma conferência em Mulhouse, ele sustentara a ideia de autonomia da Alsácia-Lorena, declaração que lhe valeu muitas inimizades. Victor entendia que a paz consagraria sua boa fama e sua prosperidade; por isso, tentou usar sua influência entre seus amigos políticos do governo francês em campanha anticonflito, o que, ironicamente contradizia sua dissertação sobre a guerra de 1870, seu culto à nação armada, a estratégia militar e o papel do oficial como líder dos homens, educador e moralista.

Assim, depois de iniciadas as batalhas, Victor Margueritte, que não compartilhava nem o entusiasmo, nem a exaltação, nem das cenas de histeria coletiva que acompanhavam a partida dos soldados, decidira, em 12 de outubro de 1914, apresentar-se voluntariamente ao exército.

Reservista modelo, ele acreditava ser capaz de servir à Pátria em tempos de guerra. Porém, aos 47 anos, ele não seria um soldado das frentes de batalha, mas um oficial de *la arrière*.<sup>209</sup> Primeiramente designado ao comando dos depósitos da Cavalaria em Versalhes, o capitão Margueritte julgou esse trabalho muito pequeno em relação à sua capacidade. Rapidamente ele conseguiu ser transferido *au cabinet civil*<sup>210</sup> do *gouverneur* de Paris, onde ficaria responsável por tomar notas, organizar documentação – em suma, por dar testemunho para o futuro. Serviço nada inocente para Victor Margueritte, pois nesse posto ele teve conhecimento de dossiês secretos do governo francês. Assim, quando as posições de guerra se encontraram em uma longa fase de desgaste, o “escritor militar” decide que seu trabalho ali estava terminado e se instala no gabinete do Ministro de Guerra da França, onde exerceria a função de censor da imprensa.

Esse trabalho na censura causou estranhamento a alguns de seus amigos da esquerda francesa, que não entendiam como um defensor da liberdade de ideias poderia exercer tal cargo. Mais tarde, Margueritte “reconheceu” publicamente que não fazia sentido um *hommes des lettres* exercer papel como aquele e deixa seu posto em 1916.

Enquanto serviu às forças armadas no período de março de 1915 e março de 1918, Victor Margueritte paralelamente dirigiu um boletim de todos os tipos de informação, distribuído gratuitamente: o *L'Information Universelle*, o qual

---

<sup>209</sup> Da retaguarda, oficial que fica no QG, cuidando da parte burocrática (tradução nossa).

<sup>210</sup> *Gabinete civil* (tradução nossa).

informava, principalmente, os familiares do exército sobre as questões da guerra e buscava entreter as tropas.

Todavia, a circulação desse pequeno jornal carecia de verbas para ser produzido. Como os parisienses se encontravam em tempos de guerra, o subsídio destinado ao *L'information Universelle* causou indignação entre muitos militares e políticos. Em junho de 1917, à medida que o derrotismo ganha os soldados, o escritor, por ser contrário a esse sentimento coletivo, já não participa tanto da preparação de seu folhetim.

Convertido à ideia de uma paz próxima, Victor Margueritte participou do lançamento do jornal radical intitulado *Pays*,<sup>211</sup> o qual contara com toda a ala republicana anticonformista de Paris. Esta atitude não foi tolerada pelos militares, que educadamente o convidaram a se demitir das forças armadas.

O retorno à vida civil de Margueritte é, portanto, inscrita em uma onda de filiação ao *parti de la paix* de uma boa parte da *gauche* parisiense. Para ele, o ano de 1917 seria um ponto de inflexão no tortuoso caminho que o conduziu ao pacifismo, movimento composto pela elite radical e laica que colaborava com o *Pays* e desejava uma conduta mais democrática em relação à guerra, fundada sobre a Lei e a Liberdade. Entre seus integrantes estavam Anatole France, Ferdinand Buisson (presidente da Liga dos Direitos Humanos), Alphonse Aulard e Victor Basch (vice-presidente da Liga dos Direitos Humanos), entre vários outros... Durante dois anos, de 1917 a 1919, Margueritte colaborara com o *Pays* regularmente, escrevendo crônicas de política estrangeira.

Para Margueritte, o ano de 1919 foi o primeiro da era moderna, da era de paz. Em 15 de fevereiro, ele se rejubila com a criação da *Société des Nations*.<sup>212</sup> A seu ver, aqueles anos de morte e desumano sofrimento, de destruição e de ruínas não haviam servido para nada. Todo o povo sangrara para as honras de alguns poucos generais e o proveito de outros escassos industriais.

O escritor e colaborador do *Pays* lembrava-se muito bem das notas e dos documentos secretos a que tivera acesso no gabinete do *gouverneur* de Paris, em outubro de 1914. O historiador Patrick de Villepin conclui que Victor Margueritte

---

<sup>211</sup> *País* (tradução nossa).

<sup>212</sup> *Sociedade das Nações* (tradução nossa).

entendeu que era hora de responsabilizar os culpados por aquela *carnage*,<sup>213</sup> e a forma por ele encontrada para fazer justiça era escrever sobre tudo o que sabia.

Obviamente, essa atitude, mais do qualquer outra que o autor de *La Garçonne* tenha tomado anteriormente e que tenha irritado muitas pessoas, fez com que Victor Margueritte assinasse sua sentença de morte. Só restava esperar o momento, mesmo que demorasse alguns anos, para ele ser punido por todas as pessoas que suas convicções já haviam incomodado.

---

<sup>213</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 160. *Carnificina* (tradução nossa).

## 2 O ESCÂNDALO DE UMA OBRA SUBVERSIVA

Após a *première*, em 22 de julho de 1922, de *La Garçonne*, e o consequente estrondo de suas vendas, a assaz católica *Ligue des Pères de Familles Nombreuses*<sup>214</sup> solicitou a apreensão ao romance, com o argumento de que se tratava de uma obra indecente, escandalosa, na qual o autor feria a imagem da mulher francesa, por meio das descrições vulgares e libidinosas de suas personagens.

Apesar das queixas, o *Garde des Sceaux*<sup>215</sup> de então bloqueou a petição, temendo o ridículo desse inquérito judicial. Contudo, as acusações da *Ligue* chegaram aos ouvidos do *chancelier* da *Légion d'Honneur*, que, por sua vez, reuniu uma comissão para discutir o “caso Margueritte”.

Conforme noticiou o jornal *Le Figaro* em 22 de dezembro de 1922:

*Le Conseil de l'Ordre de la Légion d'Honneur, sur des plaintes émanant de légionnaires, vient de convoquer M. Victor Margueritte, auteur de La Garçonne, devant une commission d'enquête composée de M. Dumaine, ancien ambassadeur; M. Risler, directeur du Musée Social, et M. Cartier, ancien bâtonnier du barreau de Paris, tous trois commandeurs de la Légion d'Honneur. M. Victor Margueritte a résolu de ne point répondre à la convocation dont il a été l'objet de la part du général Dubail, grand-chancelier [...]*<sup>216</sup>

Também encontramos, na capa de *Le Peuple* do mesmo dia, a manchete: “*Le procès de «La Garçonne» - On veut radier notre collaborateur Victor Margueritte de l'ordre de la Légion d'Honneur - L'écrivain refuse de comparaître devant le Conseil de l'Ordre*”.<sup>217</sup>

Comendador da *Légion d'Honneur* desde julho de 1914, Victor fazia

<sup>214</sup> *Liga dos Pais de Família Numerosa* (tradução nossa). Associação que prestava auxílio a famílias com grande número de filhos. Essa instituição portava projetos de domínio educacional, social e religioso, visando a combater a imoralidade. Os membros de sua direção, no pós-Primeira Guerra, eram oriundos da média e da alta sociedades francesas, principalmente militares. Disponível em: <<http://udaf62.fr/pdf/historique.pdf>>.

<sup>215</sup> *Le Garde des Sceaux*, na França, é o título dado ao Ministro da Justiça.

<sup>216</sup> CLARETIE, Georges. “Au conseil de l'ordre de la Légion d'Honneur: M. Victor Margueritte Cité devant la Commission d'enquête”, *Le Figaro*, Echos, 356 (1922): 2. O Conselho da Ordem da Legião da Honra, sobre queixas que partiram de legionários, convocará o Sr. Victor Margueritte, autor de *La garçonne*, diante de uma comissão de inquérito composta por Sr. Dumaine, antigo embaixador; Sr. Risler, diretor do Museu Social (*Musée Social*), e Sr. Cartier, antigo advogado da Ordem de Paris, todos os três comandantes da Legião da Honra. O Sr. Victor Margueritte está decidido a não cumprir a intimação que lhe foi enviada pelo General Dubail, grand-chanceler [...]

<sup>217</sup> LAURENT, Marcel. “Le procès de La Garçonne”, *Le Peuple*, 716 (1922):1. O Processo de «*La garçonne*». Querem erradicar nosso colaborador Victor Margueritte da Ordem da *Légion d'Honneur*. O escritor recusa-se a comparecer perante o Conselho da Ordem (tradução nossa).

parte do círculo restrito de dez escritores franceses que portavam a “*cravate*”.<sup>218</sup> Para o destinatário, essa alta distinção concedia prestígio, mas também impunha deveres.

Um decreto de 14 de abril de 1874 especificava que seria penalizado com suspensão, repreensão, ou mais severamente, com erradicação, o legionário reconhecido como culpado “*d’actes contre l’honneur*”.<sup>219</sup> Assim, as pessoas que não apreciaram, ou se escandalizaram com o livro *La Garçonne*, encontraram uma maneira de punir Victor. O fluxo de queixas à Grande Chancelaria disparou o processo disciplinar.

Em novembro de 1922, um dos cavaleiros da *Légion*, M. Pourézy, parte em guerra contra aquela “obra de obscenidades”, declarando que “*la grande expérience, le grand talent et les origines de ce littérateur auraient dû le préserver d’une telle défaillance et d’une telle indignité*”.<sup>220</sup>

Tal pronunciamento anunciou uma campanha minuciosamente orquestrada contra Margueritte. Petições padronizadas foram endereçadas à Grande Chancelaria e reuniam oitenta assinaturas, das quais 17 eram de membros da instituição.

Em Villepin, consta que, no processo em questão, levaram-se em consideração as queixas de legionários preocupados com a imagem da própria instituição, como: “*inadmissible que la Légion d’Honneur orne la boutonnière d’un empoisonneur public et d’un mauvais Français*”,<sup>221</sup> bem como dos mais aflitos com a reputação da Pátria, como: “*Du tort si grave que cause à la France cette lamentable propagande à l’étranger de nos romans orduriers et de nos tournées théâtrales immorales ou pornographiques*”<sup>222</sup>, ou: “*Le cynique et sadique écrivassier qui n’hésita pas à faire argent de la pureté de nos sœurs et de nos filles, et de la réputation de la femme française*”.<sup>223</sup> Ao todo, 104 queixas foram registradas.

<sup>218</sup> Símbolo dos integrantes da comissão da Legião da Honra, que selecionavam os condecorados pela instituição, assim como seus integrantes. *Gravata, laço* (tradução nossa).

<sup>219</sup> *De atos contra a honra* (tradução nossa).

<sup>220</sup> *A grande experiência, o grande talento e as origens desse literato deveriam ter-lhe preservado desse fracasso e de tal indignidade* (tradução nossa).

<sup>221</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 203. *Inadmissível que a Legião da Honra adorne a lapela de um envenenador público e de um mau francês* (tradução nossa).

<sup>222</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 203. *Um mal muito grave causa a França esta lamentável propaganda ao estrangeiro de nossos romances imundos e de nossas turnês teatrais imorais ou pornográficas* (tradução nossa).

<sup>223</sup> *Op. cit.* *O cínico e sádico escrevinhador que não hesitou em fazer dinheiro à custa da pureza de nossas irmãs e filhas, e da reputação da mulher francesa* (tradução nossa).

O *Grand Chancelier*,<sup>224</sup> General Dubail,<sup>225</sup> convencido de que uma comissão formada por romancistas absolveria o acusado, recusou-se a transformar o caso disciplinar em processo literário, portanto constituiu uma comissão formada por um embaixador da França, Albert Chillhaud-Dumaine, pelo curador do Musée Social, Georges-Henry Risler e por Ernest Cartier, antigo advogado da ordem de Paris. Acusado de desacreditar a *Légion*, Margueritte seria, no entanto, julgado pelos seus pares legionários, não por escritores.

Em 9 de dezembro de 1922, Victor Margueritte foi destinatário de uma carta da comissão de inquérito da *Légion d'Honneur*, a qual lhe informara que deveria comparecer perante a instituição, para esclarecimentos sobre sua polêmica última publicação literária.

O escritor já sabia dos rumores de que a *Grande Chancellerie* recebera reclamações de figuras importantes do cenário político e intelectual da época, assim como de integrantes da *Légion*, e que estes exigiam uma retaliação, por sua petulância. Evitando expor-se, pois, acreditava ser vítima de uma conspiração, o autor de *La garçonne* decidiu não apresentar-se aos inquiridores.

Margueritte justificou seu não comparecimento diante da comissão de inquérito em correspondência ao General Dubail. Nessa carta, havia a seguinte argumentação:

*Certes, je n'eusse pas hésité, si j'avais pu commettre contre l'honneur un acte quelconque - et qui, ni tombant pas sous le coup de lois, se fût trouvé du ressort de votre juridiction - à me présenter devant la commission d'enquête que vous avez instituée.*

*Mais vous-même spécifiez que la seule raison de votre poursuite est précisément la publication d'une œuvre littéraire qui échappe, d'une manière totale, à votre capacité juridique.*

*Ainsi votre citation constitue, vis-à-vis d'un homme qui, avant d'être commandeur de la Légion d'honneur, est simple citoyen, un acte inexplicable d'arbitraire.*

*Abus d'autorité non seulement illégal, mais injustifié. Aucun précédent, dans vos Annales, ne motive et ne pourrait au surplus motiver ce travestissement du Conseil de l'Ordre en censeur littéraire.*

*Vous ne pourrez donc trouver mauvais qu'après avoir dénoncé, en l'espèce, votre incompétence judiciaire, je récusé votre compétence critique.*<sup>226</sup>

<sup>224</sup> *Grande Chancelier* (tradução nossa).

<sup>225</sup> Augustin Yvon Dubail, nascido em 15 de abril de 1851, dedicou-se às forças armadas na Guerra Franco-prussiana (1870). Foi duas vezes chefe de gabinete do ministro de guerra da França, Chefe *d'État-major de l'armée*, e combateu na Primeira Guerra como membro do Conselho Superior da Guerra. Foi *Grand Chancelier da Légion d'Honneur* de 1918 até sua morte, em 7 de janeiro de 1934. FOURNIER, L. *Général Dubail: Quatre années commandement 1914-1918*. Paris: Première-librairie militaire Universelle, 1920. Disponível em: <<http://www.blamont.info/pdf/dubail-t1.pdf>>.

<sup>226</sup> MARGUERITTE, Victor, "La lettre de Margueritte au General Dubail", *Le Peuple*, 716 (1922):1. *Certamente eu não hesitaria, se eu pudesse cometer contra a honra qualquer ato - e que, mesmo*

Houve protestos solidários a Margueritte, vindos de quatro comendadores e três oficiais da *Légion*. Mas os apelos a favor do escritor foram em vão, pois a decisão de excluí-lo fora unânime entre os legionários da comissão. Consideraram-no culpado, por cometer um ato contra a honra, por violar o lema da ordem, “*Honneur et Patrie*”.<sup>227</sup>

Na manhã do domingo de 31 de dezembro de 1922, vários jornais continham a notícia da decisão da comissão de inquérito tomada na noite de sábado. *Le Figaro* publicou que a comissão “*a décidé de proposer la radiation des cadres de la Légion d’honneur, de M. Victor Margueritte, qui d’ailleurs n’a pas comparu devant la Commission ainsi qu’il avait été invité à le faire*”,<sup>228</sup> e *Le Peuple* divulgou que: “*Notre Collaborateur Victor Margueritte serait radié des cadres de la Légion d’Honneur*”.<sup>229</sup>

Os jornais amplificaram o escândalo. A imprensa francesa, segundo Villepin: “*en neuf mois, du 12 juillet 1922 au 4 mars 1923, une quinzaine de périodiques ne lui consacrent pas moins de 150 articles*”.<sup>230</sup>

Contudo, *La garçonne* produziu julgamentos diferentes. Embora os jornais de direita quase não houvessem dedicado notas de divulgação àquele livro “imoral” (já que “*le valeur littéraire est quasi nulle*”),<sup>231</sup> no que se diz respeito ao processo de seu autor dedicaram um número considerável de notas, pois afirmavam que “*en matière de presse soulève des questions bien plus intéressantes que le livre*

*fora de sua competência de julgar -, a comparecer perante a comissão de inquérito que você instituiu.*

*Mas, o senhor mesmo especificou que a única razão de sua “perseguição é, precisamente, a publicação de uma obra literária que foge, de maneira total, a sua capacidade jurídica.*

*Assim, sua citação é a de um homem que, antes de ser comendador da Legião de Honra, é simples cidadão, ou seja, um ato inexplicável de arbitrariedade.*

*Abuso de autoridade, não apenas ilegal, mas injustificável. Sem precedentes, em seus anais, não motiva e nem poderá motivar essa farsa do Conselho da Ordem em censurar a literatura.*

*O senhor não poderia achar ruim, portanto, depois de expresso, sobre sua incompetência jurídica, que eu recuso a sua competência crítica (tradução nossa).*

<sup>227</sup> *Honra e Pátria* (tradução nossa).

<sup>228</sup> FER, Le Masque de, “La Légion d’Honneur de M. Victor Margueritte”, *Le Figaro*, 365 (1922): 1. *Decidiu propor a erradicação do Senhor Victor Margueritte do quadro da Legião da Honra, que também não compareceu diante à Comissão quando isso lhe foi pedido para ser feito* (tradução nossa).

<sup>229</sup> E.P. “Notre Collaborateur Victor Margueritte serait radié des cadres de la Légion d’Honneur”, *Le Peuple*, 725 (1922): 1. *Nosso colaborador Victor Margueritte será erradicado do quadro da Légion d’Honneur* (tradução nossa).

<sup>230</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 193. *Em 9 meses, de 12 de julho de 1922 a 4 de março de 1923, uma quinzena de jornais lhe dedicou mais de 150 artigos* (tradução nossa).

<sup>231</sup> FER, Le Masque de, *op. cit.* *O valor literário é quase nulo* (tradução nossa).

*qui en est l'occasion*".<sup>232</sup>

Na imprensa da esquerda, as opiniões tomaram duas direções. Da parte mais radical, do mesmo modo que a direta francesa, os jornais se posicionaram contra *La garçonne*. Já entre os esquerdistas mais moderados, houve a defesa da controversa obra, assim como apoio ao autor no caso da exclusão de seu posto na *Légion*.

Um dos exemplos mais acirrados de combate contra Margueritte e seu livro foi o jornal *L'Œuvre*.<sup>233</sup> Gustave Téry, diretor desse periódico, dedicou, em cinco meses, dezessete artigos sobre o "escândalo" causado pela obra subversiva de Margueritte e exigiu publicamente que as autoridades tomassem a atitude de retirar o volume do comércio.

Como vemos em Villepin, o periódico *L'Humanité*<sup>234</sup> igualmente condenou o livro como "*chiennerie pêle-mêle qui donne une triste indication du niveau intellectuel français*".<sup>235</sup>

O *Journal du Peuple*<sup>236</sup> afirmou que "*Monique sent trop le bidet*"<sup>237</sup>, enquanto o semanário *Le Populaire*<sup>238</sup> avaliou como transviados os excessos e vícios, bem como as ideias sobre casamento e poligamia encontrados no livro de Margueritte. *Le Populaire* tinha como dirigente oficial um amigo de escola de Victor, o escritor Léon Blum<sup>239</sup>, o qual escrevera, em 1907, *Du mariage*,<sup>240</sup> obra que incitava

<sup>232</sup> *Op. cit. Em se tratando de imprensa levanta questões bem mais interessantes do que o próprio livro* (tradução nossa).

<sup>233</sup> Jornal lançado pelo jornalista Gustave Téry, em maio de 1904. Durante a Primeira Guerra, foi favorável ao *Cartel des Gauches* e ao *Front Populaire*, associando-se ao socialismo radical e ao pacifismo. Já nos seus últimos 6 anos de veiculação divulgou as teses do *Rassemblement national populaire*, engajando-se no antissemitismo. Em 1940, sua sede mudou de Paris para Saint-Étienne e, depois, para Clermont-Ferrand, até seu fechamento, em 1946. Disponível em: <[http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr/chan/chan/AP-pdf/AR\\_etat%20sommaire\\_2011.pdf](http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr/chan/chan/AP-pdf/AR_etat%20sommaire_2011.pdf)>.

<sup>234</sup> Jornal francês fundado em 1904 por Jean Jaurès. Até 1920 era tido como um jornal socialista; depois dessa data e até os dias de hoje, é considerado um periódico comunista. Disponível em: <<http://www.humanite.fr/node/447909>>.

<sup>235</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 193. *Cachorrada desordenada que nos dá a triste dimensão do nível intelectual francês* (tradução nossa).

<sup>236</sup> Jornal fundado por Henri Fabre em 1916. Sempre tinha problemas com a censura, pois servia como fórum de debates do movimento minoritário socialista. Disponível em: <<http://bianco.ficedl.info/article1253.html>>.

<sup>237</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 193. Expressão pejorativa que insinua que alguém precisou se limpar muito, por estar muito sujo. "*Monique sentou-se muito no bidê*" (tradução nossa).

<sup>238</sup> Jornal socialista francês, fundado em 1916, pelos socialistas hostis à Primeira Guerra. Após a invasão alemã, o jornal parou de ser publicado. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k816584b.langFR>>.

<sup>239</sup> Léon Blum nasceu em Paris em 9 de abril de 1872. Filho de negociantes de tecidos, aos 18 anos entrou para a École normale supérieure onde concluiu seus estudos de Direito e entrou para o Conseil d'État sendo um importante jurista de sua época. Seu gosto pela vida cultural lhe

às experiências sexuais pré-conjugais de mulheres e homens.

O livro de Blum, fora mencionado em *La garçonne*, quando as personagens Monique e Titia Sylvestre visitam o Professor Vignabos e participam da discussão acerca do matrimônio, juntamente com o escritor Boisselot e o professor Georges Blanchet. O filósofo teria utilizado *Du mariage* nas pesquisas de sua tese.

Porém, como Léon também era secretário geral da SFIO<sup>241</sup> e tinha medo de comprometer sua carreira política, fizera, em uma reunião do partido, a seguinte declaração pública: “*Je tiens à dire ici de la manière la plus ferme que je répudie l’héroïne de Victor Margueritte en tant que filleule et disciple*”.<sup>242</sup> Com todas essas ocorrências, Margueritte foi ficando cada vez mais isolado dentro do meio intelectual do qual fazia parte.

Entretanto, como já mencionamos, em algumas poucas manchetes da “esquerda” francesa podemos encontrar declarações apoio a Victor Margueritte. Ainda no artigo de 22 de dezembro do *Le Peuple*, o colaborador Marcel Laurent<sup>243</sup> diz que, se o *Le Peuple* gozava de alguma notoriedade, isso se devia às contribuições do escritor.

Laurent alega que *La garçonne* causara tamanho aborrecimento, porque a heroína do romance era uma moça da burguesia. Segundo ele, Margueritte “*a levé un coin du voile soyeux qui recouvre la pourriture des nos classes dirigeantes*”.<sup>244</sup> Esse, sim, teria sido seu crime. Caso a *garçonne* fosse uma filha do povo, os mais abastados não se importariam com as descrições feitas dos hábitos da *nouvelle femme*. Marcel Laurent lembrou que, quando Victor Margueritte denunciou com o mesmo realismo as condições degradantes da vida de mulheres pobres em seu outro livro, *Prostituée*, ninguém se incomodou com a crueza de sua narração, porque Rose e Anette eram pertencentes às classes pobres da França.

proporcionou ser crítico literário e social de diversos periódicos como o *Revue Blanche*, onde em sua coluna ele popularizou vários nomes da literatura francesa. Disponível em: <<http://www.dreyfus.culture.fr/fr/bio/bio-html-leon-blum.htm>>.

<sup>240</sup> *Do matrimônio* (tradução nossa).

<sup>241</sup> A *Section Française de l’Internationale Ouvrière* era um partido político socialista francês que teve esse nome de 1905 a 1969. Depois, veio a chamar-se *Parti Socialiste* (PS). Disponível em <<http://www.lepeuple-cgt.com/html/hist/>>.

<sup>242</sup> VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 194. *Eu tenho que dizer aqui, da maneira mais firme, que eu repudio a heroína de Victor Margueritte como afilhada e discípula* (tradução nossa).

<sup>243</sup> Nascido em Paris, foi sindicalista, secretário-adjunto da CGT, redator responsável do jornal *La Voix du Peuple* e colaborador do *Le Peuple* no mesmo período das colaborações de Victor Margueritte. Disponível em <<http://www.lepeuple-cgt.com/html/hist/>>.

<sup>244</sup> LAURENT, Marcel, *op. cit.* *Levantou o véu que cobre a podridão de nossas classes dirigentes* (tradução nossa).

Para Laurent, ter “falso pudor” fazia parte do caráter hipócrita da elite francesa. E termina dizendo: “*Nous nous trouvons en présence d’une de ces campagnes dont à toutes les époques, des écrivains indépendantes ont été les victimes [...]*”<sup>245</sup>. Marcel Laurent via na manobra de retirada de Margueritte da *Légion d’Honneur* a semelhança entre o ocorrido entre a mesma entidade e o escritor Émile Zola. Acreditava ele que as medidas tomadas iam além das considerações apresentadas e que, em razão disso, a população francesa não deveria tolerar esse tipo de vilania.

Outra exceção favorável a *La garçonne* foi a posição adotada pelo jornal semanal *Le Canard Enchaîné*.<sup>246</sup> Mesmo declarando não ter conhecido livro mais “*cochon*”,<sup>247</sup> o articulista do mencionado periódico observa que essa obra de Margueritte era forte, evocativa e sintética, portanto merecedora de atenção. *Le Canard*, assim como *Le Crapouillo*<sup>248</sup> (Figura 17), a propósito, dedicou numerosos desenhos ao subversivo romance.

Na mencionada figura, vemos a caricatura feita por André Foy (ilustrador de *Le Crapouillot*), que satiriza o resultado do *Cas Margueritte*.<sup>249</sup> O artista desenhou o General Dubail expulsando Margueritte e Monique do Palais *Salm*, atualmente *Palais de la Légion d’Honneur*, sede da instituição. A insinuação do desenho está relacionada com o artigo dessa mesma edição de Jean Galtier-Boissière, segundo o qual Monique, assim como Eva, fora a pecaminosa responsável pela expulsão do escritor, retratado como um velho Adão, de seu paraíso. O General Dubail, por sua onipotência dentro da República da França, faz as vezes do Deus expulsor. A *cravate* representada como a serpente é símbolo do pecado, mas não o que Victor Margueritte fora acusado de cometer, e sim o que a *Légion* cometera contra o escritor ao puni-lo por sua escrita e ir contra a liberdade de expressão.

<sup>245</sup> *Op. cit.* *Estamos na presença de uma dessas campanhas das quais, em todas as épocas, os escritores independentes foram vítimas* (tradução nossa).

<sup>246</sup> Jornal francês satírico, de publicação semanal (quarta-feira), foi fundado em 1915 por Maurice Maréchal, Jeanne Maréchal e Henri-Paul Deyvaux-Gassier. Ainda em circulação, é tido, por sua forma de jornalismo, como uma mídia impressa singular e única, que denuncia com humor os escândalos públicos. Disponível em: <<http://www.universalis.fr/encyclopedie/le-canard-enchaîné-hebdomadaire/>>.

<sup>247</sup> *Porco, obsceno* (tradução nossa).

<sup>248</sup> Fundado por Jean Galtier-Boissière, em 1915, como um *journal de tranchées* (trincheira) de veia satírica, tinha o intuito de distrair os soldados da realidade da guerra, mas com humor irônico e não negligente. Em 1919, transformou-se em uma revista literária e artística de vanguarda e foi publicada até 1996. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k10407955.image>>.

<sup>249</sup> *Caso Margueritte* (tradução nossa).

Essa imagem circulou por toda Paris e é um bom exemplo de como a citada revista refletia as posições ideológicas de seus colaboradores (na sua maioria, escritores e desenhistas não conformistas, simpatizantes do comunismo e, principalmente, da liberdade de expressão).

**Figure 19** - Charge sobre *Le cas Margueritte*, janeiro de 1923



Fonte: Villepin (1991)

Ainda na tentativa de defesa a Victor, Anatole France<sup>250</sup> também enviou uma carta ao conselho da *Légion d'Honneur*. Nela o crítico literário pedia para que os membros da comissão de inquérito recordassem as experiências problemáticas da história da literatura francesa. Dando os exemplos de *Madame Bovary* (de Gustave Flaubert) e *Les Fleurs du Mal* (de Charles Baudelaire), France comenta que essas obras foram perseguidas em seus tempos de publicação, mas,

<sup>250</sup> Anatole France nasceu em 16 de abril de 1844, em Paris, e faleceu em 12 de outubro de 1924, em *Saint-Cyr-sur-Loire*. Foi um dos escritores franceses mais importantes do período da Terceira República, assim como um dos mais importantes críticos literários. Escreveu *Le dieux ont soif* (Os deuses sedentos), que, por sua vez, é um dos livros incluídos na lista do *Grand Prix des Meilleurs Romans du Demi Siècle* (Grande Prêmio dos Melhores Romances de Meados do Século XX). Anatole France expressava um dos pensamentos mais significativos de seu tempo, engajando-se em favor de numerosas causas sociais e políticas do começo do século passado. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr/les-immortels/anatole-france?fauteuil=38&election=23-01-1896>>.

com o passar dos anos, *les hommes de lettres*<sup>251</sup> as tomaram como clássicos da Literatura Francesa, fazendo com que seus antigos críticos ficassem conhecidos pela posteridade como estúpidos – “*Hommes d’esprit et honnêtes magistrats dont les mémoires restent à jamais ridicules*”.<sup>252</sup>

Assim, Anatole France apelava aos inquiridores para que não ocorresse mesmo com o caso de *La garçonne*. O escritor acreditava que o romance de Margueritte teria, nos anos seguintes, a aceitação por parte da academia francesa, por se tratar de uma obra realista no que se refere às consequências da Grande Guerra.

Anatole France ainda redigira: “*les maux immesurés d’une longue guerre avaient produit des mœurs abominables, que le moraliste devait peindre. C’est ce qu’a fait Margueritte, avec une mesure qui décèle l’homme de goût*”.<sup>253</sup> Para o crítico literário, Margueritte não perdera a maestria de suas obras anteriores; simplesmente escrevera a verdade, mesmo doendo a quem doesse. Apelava, portanto, aos conselheiros da *Légion* para que se abstivessem de tratar de uma questão que não lhes era concernente, pois dessa maneira estariam censurando talentos.

O decreto que riscava Margueritte dos quadros da *Légion d’Honneur* foi assinado pelo presidente da República, Alexandre Millerand, em 1º de janeiro de 1923, e oficializou, assim, a derrota do escritor.

Quando anunciada no “Boletim das Leis” a decisão da instituição, M. Victor Margueritte redigiu à Grande Chancelaria, em 3 de janeiro de 1923, uma emocionada carta. Nela o autor do “*livre immoral*” agradece o apoio recebido de M. Anatole France, que igualmente acreditara que o tempo seria seu redentor. Todavia, também lastimava o servilismo dos conselheiros da *Légion d’Honneur* em relação às hipocrisias da sociedade francesa. Ele se certificara de que muitos dos seus julgadores nem o haviam lido e, aos que o haviam mirado seu livro, dizia que sua crueza na narrativa não passava de denúncia de certos costumes compartilhados pelas classes altas. Quanto à acusação de desmoralizar a mulher francesa, asseverou o seguinte:

<sup>251</sup> *Homens das Letras* (tradução nossa).

<sup>252</sup> FRANCE, Anatole *apud* MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. IX. *Homens de espírito e honestos magistrados cujas memórias permanecem para sempre ridicularizadas* (tradução nossa).

<sup>253</sup> *Op. cit.*, p. X. *O mal imensurável de uma longa guerra produziu valores abomináveis que os moralistas devem pintar. Foi o que fez Margueritte, com tal equilíbrio, assim revelando um homem de gosto* (tradução nossa).

*On m'accuse de desservir notre pays à l'étranger, en calomniant la femme française. Alors que toute mon œuvre, et l'héroïne même de la dernière, jusqu'en ses erreurs désespérées, n'a fait qu'en démontrer la foncière vertu!*<sup>254</sup>

Foi enorme o pesar resultante de sua expulsão. O escritor tinha apreço por seu *status* de Comendador. Observe-se o trecho a seguir:

*J'adresse aux premiers mon respectueux salut, je me sépare des autres avec un soulagement profond, et je range à tout jamais, dans le tiroir aux souvenirs, cette cravate qui a fait couler tant de fiel, et tant d'encre. Elle reposera près de celle qui doit s'en aller un jour, avec les autres reliques paternelles, enrichir le Musée de l'Armée.*<sup>255</sup>

Fica evidente que a *Légion d'Honneur*, para o escritor, além de ser “*la plus haute décoration française*”,<sup>256</sup> significava o elo com seus ancestrais, que tanto admirava. A sua *cravate* era o símbolo da ligação com a família, em que não pode conviver. Seu pai, Jean Margueritte, fora condecorado com a cruz de Cavaleiro quando ainda não tinha vinte anos. Seu avô paterno, Antoine Margueritte, recebera uma cruz da *Légion* por seus atos de bravura contra os nativos da Argélia e por participando da lenta e conturbada pacificação da região. E acima de tudo, era uma notável posição de status dentre os intelectuais da época. Victor Margueritte foi despencando de sua escalada à, tão ambicionada, imortalidade.

Ainda na carta em questão, o autor de *La garçonne* questiona o fato de a arte ter sido deixada de lado, em favor da pornografia, responsável por grandes lucros, “*comme si vous ignoriez que l'exploitation commerciale appartient à l'éditeur propriétaire, et que j'ai derrière moi quarante livres, garants de mon désintéressement*”.<sup>257</sup>

Como já foi dito, o escritor insistia em dizer que as cenas mais “picantes” do livro não tinham a intenção de “pescar” um número maior de leitores,

<sup>254</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. XII. *Acusam-me de desservir o meu país no estrangeiro, caluniando a mulher francesa. Quando toda minha obra, inclusive a heroína mesmo da última, até em seus erros desesperados, demonstra a sua virtude fundamental* (tradução nossa).

<sup>255</sup> *Op. cit.* *Dirijo aos primeiros a minha respeitosa saudação, separo-me dos outros com alívio profundo, e deposito para sempre, na gaveta das recordações, essa gravata que fez correr tanto fel e tanta tinta. Ela repousará junto da que deverá um dia, com as outras relíquias paternas, ir enriquecer o Museu do Exército* (tradução nossa).

<sup>256</sup> Grande Chancellerie de la Légion d'Honneur, *Institution*. Disponível em: <http://www.legiondhonneur.fr/shared/fr/institution/finstitution.html>. “A mais alta condecoração francesa” (tradução nossa).

<sup>257</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. XII. *Como se vocês ignorassem que a exploração comercial pertence ao editor proprietário, e que eu tenho atrás de mim quarenta livros, garantia do meu desinteresse!* (tradução nossa).

mas sim o de relatar com veridicidade as atitudes correntes entre os indivíduos da alta sociedade de Paris. Como um *écrivain de mœurs*, Margueritte acreditava não poder ocultar o mau comportamento do burguês parisiense, cujo corrompimento era decorrência da Grande Guerra. Portanto, ele reforçava que não era um pornógrafo em busca de ganhos, mas sim um autor realista.

Porém, no que se refere à afirmação de Margueritte sobre seus lucros, ficam dúvidas que dificilmente serão sanadas. Ele melhorara consideravelmente seus rendimentos depois de *La garçonne*. Somente com esse livro, ganhara 5 milhões de francos,<sup>258</sup> o que lhe possibilitou construir, em 1922, a “*Clos de la Madrague*”<sup>259</sup> (grande casa de estilo catalão, com vista para a baía de Sainte-Maxime, envolta por sete hectares de parque forrados de árvores frutíferas) e, ao longo dos anos 1920, sustentar um estilo de vida muito luxuoso: dois apartamentos em Paris, carro, chofer e empregados domésticos.

Ao dizer que a exploração comercial pertencia aos editores proprietários, Victor Margueritte fez com que a grande chancelaria da *Légion*, depois de se engajar em seu processo disciplinar, perseguisse seus “comparsas”, Max e Alex Fischer, cavaleiros da instituição. Legionários exigiram sanções contra os patrocinadores do romance. Para eles, os Fischer deveriam devolver seus “*petits rubans*”<sup>260</sup> a M. Dubail, como forma de correção exemplar. Porém, a perseguição aos irmãos cessou em razão do pouco volume de queixas.

Outra polêmica em torno do livro aconteceu em novembro de 1922, quando Marie de Laparcerie<sup>261</sup> moveu contra Margueritte um processo de plágio. A escritora pretendia publicar *Les Amants de Rosine, Femme Honnête*<sup>262</sup>, e acusou Margueritte de lhe roubar as ideias durante um almoço com o próprio, a quem ela teria contado sua pretensa trama.

Segundo Villepin, o processo ficara “empacado” no tribunal de justiça francês (Victor Margueritte seria convocado apenas dez anos depois e recebido a absolvição). Ainda que as narrativas das vidas tanto de Monique quanto de Rosine girem em torno da multiplicidade de parceiros sexuais, os livros contêm

<sup>258</sup> Valor estimado não no preço do franco de 1922, mas sim no valor do ano de 1991.

<sup>259</sup> *Fechadura da armadilha* (tradução nossa).

<sup>260</sup> Símbolo dos cavaleiros da Légion d’Honneur. “*Fitinhas vermelhas*” (tradução nossa).

<sup>261</sup> Escritora francesa feminista. Foi autora de *La fête est finie!*, *La Comédie Douloureuse*, *Isabelle et Beatrix*, *Amour Egale Désir*, *Le sexe fort*, *Confessions de Femmes: Pourquoi j’ai tué* e outros. VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*, p. 201.

<sup>262</sup> *Os amantes de Rosine, uma Mulher Honesta* (tradução nossa).

histórias bem distintas. Conforme o artigo de *La Revue Anarchiste*<sup>263</sup> de setembro de 1922: “*si Rosine ne connaît que quatre hommes en deux volumes, la «Garçonne», elle, en connaît quatre par page et parfois quatre par ligne. La «Garçonne» pratique l’amour plural alternatif ou simultané*”.<sup>264</sup> No entanto, outros jornais fizeram alarde suficiente sobre o suposto roubo de ideias, aumentando o escândalo em torno de Margueritte.

Mme Laparcerie, inclusive, publicara seu livro pela Flammarion e tinha como responsável por seus interesses comerciais (pasmem) o ardiloso e mestre de publicidade editor M. Max Fischer, que com o “suposto plágio” fizera as vendas de *Les Amants de Rosine* aumentarem.

Enfim, concluímos que, durante os *années folles*, poucos livros suscitaram tanto ódio e, ao mesmo tempo, tanta paixão quanto *La garçonne*. Apesar das cenas “picantes”, no entanto, a construção desse romance era linear e clássica; a conclusão, feliz e moral; o estilo, tão sábio quanto convencional. Cada etapa da obra fora programada. Formado na escola do século XIX, Victor exprimira suas novas ideias em um quadro tradicional, capaz de atingir uma grande quantidade de leitores.

O romance, a princípio, se chamaria *Toute Nue*, como a obra de Madeleine Sylvestre Boix.<sup>265</sup> Max Fischer orientara Margueritte a trocar o nome para *La garçonne*, em uma analogia a Isabelle, protagonista da trama de Boix e que era descrita como possuidora de um corpo “*garçonnière*”<sup>266</sup>. Com a troca de título, autor e editor estabeleceram um neologismo cujo sentido veio a tornar-se a “representação” de uma década inteira.

<sup>263</sup> Revista mensal editada pela *Union Anarchiste* de 1922 até 1925. Teve como responsável Sébastien Faure e, depois, André Colomer, Georges Bastien e Pierre Mualdès. Disponível em: <<http://www.la-presse-anarchiste.net/spip.php?rubrique273>>.

<sup>264</sup> Maurice Vandamme, “L’amour dans cinq mille ans”, *La Revue Anarchiste*, n. 9 (setembro 1922). Disponível em: <<http://www.la-presse-anarchiste.net/spip.php?article3297>>. *Se Rosine conhece quatro homens em dois volumes, a “garçonne”, ela, conheceu quatro por página e, às vezes, quatro por linha. A “garçonne” pratica o amor plural alternadamente ou simultaneamente* (tradução nossa).

<sup>265</sup> Nascida em Marselha, em 17 de janeiro de 1879, foi artista cômica, escritora e também a primeira esposa de Victor Margueritte. VILLEPIN, Patrick de, *op. cit.*

<sup>266</sup> “*Pequeno rapaz*” (tradução nossa).

### 3 LITERATURA PROPULSORA DE UMA MODA E CRIADORA DE UM MITO

Toda essa repercussão fez com que, em 1922, a propaganda imprudente e a curiosidade superexcitada criassem uma balbúrdia na juventude francesa. Victor Margueritte fora incriminado por atentar à honra e a pátria, ao enriquecer *La garçonne* de cenas eróticas.

*Un jour où, sans qu'elle s'y attendît, il avait prise brusquement dans les monts sauvages, [...] elle en train de cueillir, sous les pins, les sombres lavandes violettes. A l'improviste, il avait profité de sa croupe baisée, relevé sa jupe, et elle avait senti le dieu brûlant la posséder... Elle avait poussé un gémissement de bête, puis, activement, s'était donnée. En eux se déchaînait librement, à la face du ciel, toute l'énergie de la nature, l'aveugle soulèvement des forces séculaires, qui, sans souci des chastetés apprises, travaillent instinctivement à la perpétuation de l'espèce.*<sup>267</sup>

A narração contém muitas passagens com grande teor de luxúria. Monique tinha uma vida sexual muito ativa ou melhor dizendo, não velada e sem pudores na prática do sexo. Para ela, isto não passava de um exercício de ginástica.

*Sous la légèreté des étoffes, la chaleur du sang brûlait en eux. Un engourdissement la pénétrait. Elle ferma les yeux, et se serra davantage. Bras tendus, ils serpentaient, noués... Leurs doigts joints s'entremêlèrent, paume à paume, et, du coup, l'imagination de leurs nudités...*

*Il avait d'abord affecté un air détaché. Puis, voyant que loin de se défendre elle s'abandonnait, il plaqua fortement à son déhanchement la croupe nerveuse. Il était affolé de sentir remonter de son épaule à son cou, la caresse inconsciente d'une main crispée. Ils roulaient, l'un sur l'autre, puis tanguaient dans un flux et reflux mécaniques, accomplissant, avec lenteur, la répétition du geste héréditaire...*

*Le tango cessa net. Leurs bras se délièrent. Ils se contemplaient avec une espèce de stupeur, comme si, revenus d'un voyage lointain, ils se retrouvaient en face l'un de l'autre après l'absence, sans se reconnaître...*

*Il eut l'esprit de ne faire aucune allusion au coup de folie qui venait de les secouer. Habitué à feindre des sentiments qu'il n'éprouvait pas, il emportait cependant, de l'aventure, celui que ce jeu valait autant que la réalité. L'idée d'avoir trompé Niquette faisait luire, gaiement, son regard...*

*La simplicité de Monique, en le déconcertant, le ramena au bon sens, et l'aguicha, définitivement.*

*Elle constatait :*

*– Vous dansez très bien ! On recommencera.*

*Rouge encore et les yeux brillants, elle ne témoignait, dans sa satisfaction, d'aucune fausse pudeur. Elle se disait : « Après tout, ce n'est qu'un exercice*

<sup>267</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 165. *Um dia, sem que ela o esperasse, ele a segurou bruscamente nas montanhas selvagens, [...] ela estava prestes a apanhar, sob os pinheiros, as escuras lavandas violetas. Aproveitando sua posição curvada, ele levantou-lhe a saia, e ela sentiu o deus ardente possui-la... Ela soltou um gemido de animal e, depois, ativamente, se entregou. Desencadeara-se neles, à face do céu, toda a energia da natureza, o cego levantamento das forças seculares que, sem a preocupação da castidade, aprenderam a trabalhar para a perpetuação da espécie (tradução nossa).*

*de gymnastique... Mais tout de même, bien agréable ! Je ne l'aurais pas cru. »*<sup>268</sup>

Em *La garçonne* há cenas da protagonista relacionando-se sexualmente com seus amantes, descrições de suas amigas praticando brincadeiras sexuais com rapazes ou entre elas, ou cenas de orgias em que Monique e seus amigos da alta sociedade se divertiam nos “*buics*”, juntamente com prostitutas exóticas.

*La grasse beauté d'Irma et l'élégance nerveuse de Carmen, - qui entraient en saluant, désinvoltes dans leurs peignoirs qui aussitôt tombèrent, - furent immédiatement sympathiques, à son œil de connaisseuse. Nues, les filles dépouillaient toute la livre des conditions sociales. Elles revenaient à la simplicité animale, à l'inconscience primitive.*

*Il n'y avait plus dans la chambre turque, - hors Zabeth et Monique, qui avaient gardé leurs robes, - que des bêtes blanches. En même temps que Carmen et Irma, Ginette, Michelle et le beau Max avaient envoyé promener, à travers la pièce, les vêtements superflus. Zabeth, devant leurs jeux s'enflammait.*

*Déjà, sous les baisers dont la Flamande lui parcourait le corps, Ginette, les bras devant les yeux, poussait son habituel roucoulement, tandis qu'à côté d'elles, Carmen et Michelle, lovées en cercle avec Max, nouaient étroitement, de bouche à sexe, une ondulante guirlande.*<sup>269</sup>

<sup>268</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 137-138. *Sob a leveza dos trajés, o sangue efervescia e um entorpecimento se apoderava dela; fechou os olhos e comprimiu-se mais. Braços estendidos, serpenteavam ambos, enovelados... Os dedos enroscavam-se uns nos do outros, e veio-lhes de chofre a imagem da sua nudez...*

*A princípio ele não quisera chegar-se muito, mas vendo que, longe de se defender, ela se abandonava, estreitou-a mais contra si, e quase perdia a cabeça, sentindo passar-lhe do ombro para o pescoço a mão dela crispada. Agora rolavam, por assim dizer, um sobre o outro, pois tangavam num fluxo e refluxo mecânicos, acompanhando, com lentidão a repetição do gesto hereditário...*

*O tango cessou. Desenlaçaram-se-lhes os braços, e ambos se contemplaram com uma espécie de estupor, como se vindos de uma viagem longínqua, se encontrassem diante um do outro, depois da ausência, sem se reconhecerem.*

*Ele teve a delicadeza de não fazer alusão alguma à rajada de loucura que acabava de os sacudir. Habitado a fingir sentimentos que não experimentava, levava, contudo, da aventura, a ideia de que aquilo valia tanto como a realidade. E a ideia de que atraçoara Niquette fazia-lhe brilhar gaiatamente o olhar...*

*A simplicidade de Monique, ao mesmo tempo que o desconcertava, devolve-o ao bom senso, e estimulava-o por fim.*

*– Dança muito bem, Repetiremos!*

*Vermelha ainda, com os olhos brilhantes, não testemunhava na sua satisfação, nenhum falso pudor, e dizia consigo: “No fim é mais que um exercício de ginástica... mas, aliás, bem agradável! Estava longe do o supor! (tradução nossa).*

<sup>269</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 200-201. *A robusta beleza de Irma e a elegância nervosa de Carmem, que entraram cumprimentando, desenvoltas em seus penhoares, que logo deixaram cair, agradaram imediatamente aos seus olhos de boa entendedor. Nuas, as duas mulheres despojavam-se das convenções sociais. Elas retornavam à simplicidade animal, ao inconsciente primitivo.*

*Não havia mais ninguém dentro do quarto turco, - além de Zabeth e Monique, que estavam vestidas, - que não estivesse nu em pelo. Ao mesmo tempo que Carmen e Irma, Ginette, Michelle e o belo Max “mandaram passear” suas peças de roupa supérfluas. Zabeth, diante deles, ardia de excitação.*

Fosse pelo motivo de lucrar, utilizando o erotismo como forma de ganhar seus leitores, fosse na intenção de ser altamente fiel aos costumes dos *années folles*, o romance de Victor Margueritte, ao descrever a mutação de Monique Lebier de doce e pura moça em uma *garçonne*, acabou por nos apresentar variados elementos de moda.

A modificação física e indumentária da heroína de Margueritte é análoga a sua transformação psicológica e social; assim, temos desde os artefatos compositivos dos trajés da Monique enquanto menina:

*Monique a dix ans. C'est une grande personne. Ou plutôt, déclare sa mère haussant les épaules, c'est une enfant insupportable [...]. N'a-t-elle pas déchiré toute sa robe de dentelles, et pris froid l'autre dimanche [...] Du point de Malines ancien, une véritable occasion, à 175 franc le mètre<sup>270</sup> ...*  
*Monique a douze ans. Elle a une natte dans les dos, et des robes à carreaux, d'écolière. [...] Monique demain sera toute en blanc, comme une petite mariée. Demain! Célébration de ses Noces spirituelles.<sup>271</sup>*

A dados da indumentária de quando a protagonista ainda era a noiva apaixonada de Lucien Vigneret: “*Elle achevait de passer une robe de soir, - une de ces amples tuniques qui se drapent d'elles – mêmes, en plis souples, sur la ligne du corps. - J'aime ça! Dit-elle. Ce qu'on est à l'aise! On se croirait nue, et c'est aussi chaste qu'une robe grecque*”.<sup>272</sup> E informações dos artifícios estéticos de Monique em sua fase de *nouvelle femme*:

---

*Já, sob os beijos com que a flamenga lhe cobria o corpo, Ginette, com os braços a cobrir-lhe os olhos, soltava o seu habitual arrulho, enquanto ao lado delas, Carmen, Michelle, erguidas em círculo com Max, estavam atadas firmemente, com a boca nos sexos, como uma guirlanda ondulante (tradução nossa).*

<sup>270</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p.18. *Monique está com dez anos. É uma boa pessoa. Ou como diz sua mãe, dando de ombros, ela é uma criança desagradável [...]. Não teria ela rasgado todinho seu vestido de renda, e se resfriado no domingo [...] de ponto Maline antigo, de ótimo preço, à 175 francos o metro (tradução nossa).*

<sup>271</sup> *Op. cit.*, p.19. *Monique tem doze anos. Ela está de tranças nas costas, e com vestido xadrez de colegial. [...] Monique amanhã estará toda de branco, como uma pequena noiva. Amanhã! Celebrando sua primeira comunhão (tradução nossa).*

<sup>272</sup> *Op. cit.*, p. 49. *Ela acabava de preparar seu vestido para noite. Uma dessas amplas túnicas que se drapejam em plissados soltos, sobre a linha do corpo. - Eu adoro isso! Disse ela. O que é confortável! Parece que estamos nus! Tão casto como um vestido grego (tradução nossa).*

*Une lente, minutieuse toilette, et à onze heures, - vêtue seulement d'une robe-chemise en lamé d'argent, d'où le buste et les bras émergeaient, offerts, tandis que la lourde étoffe sur tout le reste plaquait, - elle était prête<sup>273</sup> ...*

*Elle remit son chapeau, réendossa la jaquette de son tailleur. Elle en avait depuis quelques jours adopté l'uniforme, même le soir, ayant renoncé, - depuis sa dernière expédition, - à la coquetterie de ses toilettes. Elle n'avait ainsi qu'une agrafe à détacher, la jupe tombait.<sup>274</sup>*

Porém, o mais radical símbolo da emancipação da *garçonne* fora os cabelos curtos. A essa nova proposta de penteado feminino Margueritte “dedicara bastante tinta”:

*- Là, à côté du professeur et de la petite anglaise... Ces deux femmes... Elles passent sous le lustre.*

*- Sans les cheveux courts, et acajou, on dirait Monique.*

*- C'est elle! N'est-ce pas? [...]*

*- C'est bien elle. Ce que ça la change par exemple, cette coiffure! Aujourd'hui, pour la femme, c'est le symbole de l'indépendance, sinon de la force. Jadis Dalila émasculait Samson, en lui coupant les cheveux. Aujourd'hui, elle croit se viriliser, en raccourcissant les siens!<sup>275</sup>*

Os cabelos curtos, cortados igual aos dos rapazes da época, compôs uma das maiores discussões da trama. Monique nascera loira, e cultivou as longas madeixas até mudá-las radicalmente. Na terceira parte de *la garçonne*, em uma passagem em que Monique já estava entrando em atrito com seu amante Boisselot, o casal, deitado na cama, começa uma discussão:

<sup>273</sup> *Op. cit.*, p. 155. *Uma lenta, e minuciosa toaleta, e às onze horas, - vestindo apenas um vestido chemise em lamê prata, de onde o busto e os braços emergem, oferecidos, enquanto o material pesado estampa todo o resto - , ela estava pronta (tradução nossa).*

<sup>274</sup> *Op. cit.*, p. 206. *Ela colocou o chapéu e vestiu a jaqueta de seu tailleur. Ela havia desde alguns dias adotado o uniforme, mesmo pela noite; tinha renunciado, - desde sua última expedição, - à coquetaria das toaletes. Ela não precisava assim mais que uma fivela para destacar, e a saia cair (tradução nossa).*

<sup>275</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p.126. – *Lá, ao lado do professor e da inglesinha... Aquelas duas mulheres... Elas estão passando sob o lustre.*

*- Sem os cabelos curtos, e acaju, a gente diria que é Monique.*

*- É ela! Não é? [...]*

*- É ela com certeza. O que mudou foi o corte de cabelo! Hoje, para a mulher, isso é símbolo de independência, senão da força. Antigamente Dalila castrava Sansão, cortando-lhe os cabelos. Hoje, ela julga virilizar-se encurtando os seus (tradução nossa).*

*Lui respirait les cheveux d'or sombre, avec enivrement. Elle leva les yeux, qu'êta la réponse à sa question muette: "Tu m'aimes?" Mais il se borna à déclarer:*

*- Si tu laissais repousser tes cheveux sans les teindre? Leur vraie nuance, à la racine, est ravissante.*

*- Je le ferai, si tu le préfères.*

*Il se tint pour satisfait de la promesse. S'il eût dit toute sa pensée, il eût insisté pour qu'en renonçant au henné, elle modifiât sa coiffure de jeune page. Une femme devait porter les cheveux longs...*

*Bourgeois sous ses apparences de sauvage, il était ainsi choqué par de menus détails. Symbole de l'indépendance d'allure à propos de laquelle il se plaisait, souvent, à taquiner Monique, sans vouloir s'avouer le sentiment dont ces reproches détournés étaient l'indice.*

*Jaloux, pourquoi? Ce serait trop bête? Qu'avaient-ils associé, sinon la sympathie de leur caprice et le plaisir de leurs sens? [...]*

*Elle releva le front, secoua ses boucles drues. Elle avait tant de cheveux que, bien qu'ils ne dépassassent pas la nuque, elle eût pu, si elle l'eût voulu, les masser en chignon.*

*- Au fond, dit-elle, c'est ma coiffure que tu n'aimes pas? Sois franc.*

*- Elle te va très bien.*

*- Mais...*

*Il avoua:*

*- Eh bien! Oui, cela te donne un air masculin, que tout le reste dément.*

*- Ça te choque?*

*- Non... Oui... ça me choque comme un manque d'harmonie, voilà tout [...].*

*- Tyran, qu'est-ce que cela peut te faire que je me coiffe d'une manière ou d'une autre, si celle-ci me va bien?*

*Elle allait mieux à la Monique d'hier.<sup>276</sup>*

Boisselot, mesmo tendo começado seu relacionamento com Monique quando ela já se encontrava transformada em uma *garçonne*, era muito vinculado aos valores católicos e remetia ao "penteado de rapaz" toda a sua

<sup>276</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 231-232. *Ele respirava com delícia os seus cabelos de ouro sombreado. Ela levantou os olhos e procurou resposta a sua pergunta muda: "Você me ama?" Mas ele limitou-se a dizer:*

*- Se você deixasse crescer seus cabelos sem os tingir! A sua verdadeira cor é linda.*

*- Farei isso se você preferir.*

*Ele ficou contente com a promessa; se tivesse exposto todo o seu pensamento, teria insistido para que ela também modificasse seu penteado de pajem. Uma mulher deve portar os cabelos longos...*

*Burguês sob a sua natureza, ele ficava chocado com pequenos detalhes. Símbolo da independência, a propósito da qual ele lastimava, muitas vezes ele, o que fazia com prazer, provocava Monique, sem querer confessar o sentimento de que essa censura era o indício.*

*Ciúmes por quê? Seria tão estúpido? O que associariam, senão a simpatia de seus caprichos e o prazer de seus sentidos? [...]*

*Ela revela a fonte, ela sacode os cabelos de arame. Tinha tanto cabelo que, embora eles não passassem da nuca, ela podia, se quisesse, amassá-los em um coque.*

*- Afinal, o meu penteado não te agrada? Seja franco.*

*- Eles lhe caem muito bem.*

*- Mas...*

*Ele confessa:*

*- Ele te dá um ar masculino que não combina com o resto.*

*- E isso te choca?*

*- Não... Sim... Quer dizer, choca-me só como falta de harmonia. Mais nada [...]*

*- Tirano! O que é que importa que eu me penteie de uma forma ou de outra, se esta me fica bem?*

*- Ficava melhor a Monique de ontem (tradução nossa).*

inquietação em relação à vida que sua mulher havia experimentado antes dele.

Os curtos fios de Monique são afirmados como sinal de sua vida *garçonnière*, principalmente em outro trecho do romance de Margueritte, no qual a protagonista dialoga com sua assistente, que acabara de se casar com o Baron Pomblino, senhor que sustentava uma paixão platônica pela personagem principal:

- *C'est curieux! Il me semble que vous avez quelque chose de... Une transformation!.. Ah! Vos cheveux peut-être? Vous les laissez repousser?*  
 - *Oui.*  
 - *Moi qui allais couper les miens! Une idée du baron... Il tient à ce que je me coiffe comme vous...*  
 - *Alors baronne, restez comme vous êtes! Les cheveux courts, c'est bon pour les garçons.*<sup>277</sup>

Essa passagem de *La garçonne* assinala, as crenças que dizia ter o autor, de que a *garçonne* seria um passo no caminho que a mulher percorreria para chegar à emancipação definitiva. Ou seja, para serem independentes, as mulheres precisavam ter experiências diversas em suas vidas e não ficarem mais confinadas em suas casas. Deveriam ter atividades como as dos homens, tanto no que concerne à sexualidade quanto no que se refere as funções rotineiras (conduzir automóveis, atirar, correr, etc...):

*L'auto filait, au bourdonnement régulier du moteur. Coiffée d'un béret de cuir rouge, le cou nu dans le manteau dégrafe, elle conduisait avec une décision attentive, si joliment garçonnière que Régis ne put s'empêcher, tout maussade qu'il fût, de l'admirer. Oui, tout de même, il y avait là une nouvelle réalisation de grâce féminine! Un être encore singulier, quoique naissant par milliers d'exemplaires, et avec lequel il fallait dorénavant compter, comme avec un égal... Constatation qui, loin de le satisfaire, l'ancrait dans sa répugnance à tout ce qu'il englobait dans ce mot pour lui malsonnant: "féminisme".*<sup>278</sup>

<sup>277</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 303. – *Curioso! Parece-me que você tem alguma coisa de... Uma transformação!.. Ah! Seus cabelos talvez? Você os deixou crescer?*

- *Sim.*

- *Eu, que aliás cortei os meus! Uma ideia do Barão... Ele insiste que eu me penteie como você...*

- *Então, Baronesa, fique como você é! Os cabelos curtos vão bem para os rapazes* (tradução nossa).

<sup>278</sup> *Op. cit.*, p. 254. *O carro rodava, ao ruído regular do motor.*

*Com um gorro de couro vermelho na cabeça, o pescoço nu, no manto desbotado, ela guiava o carro com uma decisão atenta, tão "garçonnière" que Régis não pode deixar, por mais emburrado que estivesse, de admirá-la. Sim, sem dúvida alguma ele tinha ali uma nova realização da graça feminina! Um ser ainda singular, embora nascendo por milhares de exemplares e com o qual, doravante, era preciso contar como igual... Constatação, afinal, que em vez de o satisfazer, o aferrava à sua repugnância por tudo o que ele englobava nesta palavra para ele malsoante: "feminismo" (tradução nossa).*

As definições da *Nouvelle Mode des années folles* insistem sobre o caráter prático do vestuário feminino dessa época, que liberaram a imagem e os gestos da mulher. Sempre em movimento, a *garçonne* caminha, dança, esquia, conduz automóveis, viaja de trem ou barco. Decididamente moderna, ela é diferente das mulheres das épocas anteriores até a *Belle Époque*. Embora, depois, tenha deixado os cabelos voltarem a crescer, Monique continua a se vestir com simplicidade e sem a ostentação que caracterizava as eras precedentes:

*Elle inclina la tête. Sur le cou de neige, au renflement de l'épaule, une ligne rose paraissait, perdue sous le velours noir de la robe, décolletée à peine. Elle avait pour tout bijou, au bout d'un fil d'or, la petite balle de plomb, écrasée au sommet [...]*<sup>279</sup>

Contudo, com a biografia indumentária da personagem de Victor Margueritte, podemos observar que ele retrata sua heroína não apenas como uma mulher que busca a emancipação legal, mas também a social. Para isso, ela precisaria redimir-se de seus pecados, da mesma maneira que faziam os rapazes, e retirar o melhor de suas experiências, deixando a “parte podre” para trás, numa espécie de evolução pelo erro.

Porém, os trechos da trama que causaram *frisson* entre os leitores foram os prevaleceram no imaginário coletivo. Conseqüentemente, a estética que Monique adotou no período “desvirtuado” de sua vida foi a que predominou entre as mulheres.

Sua androginia sugeriu uma nova codificação da feminilidade: joias, maquiagem, maior exibição do corpo, cabelos, obsessão pela magreza e pela juventude. Os cabelos muito curtos, mais práticos que os longos, deviam ser, no entanto, constantemente aparados e tingidos. A mulher tem que ser esportiva, mas ainda elegante. As roupas ficam mais baratas, mas o aumento dos custos da manutenção da beleza demandava muitos gastos.

Mesmo frente às dificuldades causadas pelos paradoxos da *nouvelle mode*<sup>280</sup> no curso da década mais vibrante do século XX, pouco a pouco mulheres parisienses de diversas classes sociais e de quase todas as idades foram aderindo a

<sup>279</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. 306. *Ela inclinou a cabeça. No pescoço de neve, no inchaço do ombro, uma linha rosa aparece, perdida no veludo negro do vestido levemente decotado. Toda joia que usa, no final do fio de ouro, é a pequena bala de chumbo esmagada na parte superior [...]* (tradução nossa).

<sup>280</sup> *Nova moda* (tradução nossa).

esse novo *visual*. Conforme a propaganda do livro de Margueritte aumentava (fosse ela pró ou contra), mais pessoas iam conhecendo o novo tipo social feminino.

Como averiguado em Bard, *La Garçonne* foi rapidamente traduzido para doze línguas europeias. Em 12 de setembro, menos de dois meses depois de seu lançamento, o jornal *Comœdia*<sup>281</sup> divulgava a seguinte nota:

*100.000 exemplaires ont été vendus de cet chef d'œuvre passionnant. C'est le plus grand succès de Librairie de l'année. Tout le monde lit La Garçonne. Tout le monde doit avoir lu La Garçonne. Jamais certaines femmes d'aujourd'hui n'avaient été peintes avec tant de puissance et de hardiesse que dans ce chef-œuvre qui rappelle des meilleures pages de Mirbeau et de Zola. Jamais l'illustre l'auteur de tant maîtres livres s'atteignit à de plus violents raccourcis de sensations et de sentiments dans une plus captivante intrigue. La Garçonne (Flammarion éditeur un volume, 7 franc) est un livre audacieux, oui mais aussi un acte de courage et de foi.*<sup>282</sup>

Na semana seguinte, mais outra nota: “*120.000 exemplaires ont été vendus de ce chef œuvre passionnant. C'est le plus gros succès de Librairie de l'année [...]*”.<sup>283</sup> Igualmente Bard relata que *La garçonne* chegou a 1 milhão de exemplares vendidos até 1929.

Assim, entendemos que, enquanto a moda oferece aos escritores meios para enriquecer seus textos, seja descrevendo a sensualidade de um vestido, seja a textura de uma matéria-prima ou sua cor, a praticidade de um corte ou a funcionalidade de um gorro ao pilotar. No romance de Margueritte foi enfocado, o comprimento das barras das saias como o termômetro das mudanças, do mesmo

<sup>281</sup> *Comœdia* foi um jornal francês impresso, fundado por Henri Desgrange de 1º de outubro de 1907 a 6 de agosto de 1914. Deixou de ser distribuído durante a Primeira Guerra, mas voltou a circular entre 1º de outubro de 1919 e 1º de janeiro de 1937 como quotidiano e, no período de 21 de junho de 1941 a 5 de outubro de 1944, foi publicado de modo semanal. Tratava de assuntos diversos, mas principalmente de cultura e artes. Disponível em: <<http://catalogue.bnf.fr/servlet/RechercheEquation?TexteCollection=HGARSTUVWXYZ1DIECBMJNQLOKP&TexteTypeDoc=DESNFPIBTMCJOV&Equation=IDP%3Dcb32745939d&FormatAffichage=0&host=catalogue>>.

<sup>282</sup> VERRE, Le masque de, “100<sup>e</sup> mille *La Garçonne* par Victor Margueritte”, *Comœdie* 3558 (12 setembro, 1922): 1. *100.000 exemplares foram vendidos dessa obra apaixonante. É esse o maior sucesso de livrarias do ano. Todo mundo leu La Garçonne, todo mundo deve ler La Garçonne. Jamais as mulheres de hoje foram pintadas com tanto poder e tanta ousadia como nessa obra-chefe que lembra as melhores páginas de Mirbeau e de Zola. Jamais o ilustre autor de tantos livros mestres mostrou com tamanha violência esses atalhos de sensações e sentimentos na mais cativante intriga. La Garçonne (Editora Flammarion, um volume, 7 francos) é um livro audacioso, sim, mas também um ato de coragem e de fé* (tradução nossa).

<sup>283</sup> VERRE, Le masque de, “*La Garçonne* par Victor Margueritte”, *Comœdie* 3503 (19 jul. 1922): 1. *120.000 exemplares foram vendidos desta obra-chefe. É ele o maior sucesso das livrarias deste ano* (tradução nossa).

modo que os cabelos curtos e os corpos mais evidentes, constituindo assim elementos poéticos da medida do tempo e fontes ilustrativas de descrições que sugerem o clima da época.

A moda *garçonne* se popularizou e se alargou por causa do romance homônimo. Contudo, entendemos que simultaneamente a elaboração de *La garçonne*, os tempos modernos impunham mudanças nas práticas culturais. O mundo pós Primeira Guerra, infligiu novos valores morais e igualmente novos sentidos aos objetos e bens de consumo. Houve uma grande quantidade de identificação com “*la nouvelle morale*”<sup>284</sup> proposta por Marguerite. Portanto, a repercussão do escândalo dessa obra e o conseqüente aumento das vendas, nos faz concluir que, de maneira contrabalanceada, se deram por estas questões.

---

<sup>284</sup> *A nova moral* (tradução nossa).

## CONCLUSÃO

Como exposto ao longo do presente estudo, elaboramos a problemática desta dissertação ao observarmos a grande mudança nos padrões das formas do vestuário feminino vigentes entre *Belle Époque* e as décadas seguintes do século XX. Nosso estranhamento maior deu-se com relação à transformação ocorrida na moda feminina a partir da década de 1920. E em razão de tal problemática passamos a investigar mais detidamente como ocorreu essa transformação na sociedade parisiense.

Entendemos que a “cultura das aparências”,<sup>285</sup> desde o final da Idade Média até a contemporaneidade, registra esse fenômeno de forma ilustrativa. Tais ilustrações e/ou imagens auxiliam na visualização das mudanças de comportamento e trocas de valores na maioria das sociedades do Ocidente. Ou seja, “a lógica da roupa oferece uma maneira de compreender e um meio de estudar as transformações sociais que ocorrem nos aglomerados urbanos”.<sup>286</sup> Porque, “ela coloca todos os problemas, o que envolve matérias-primas, processos e estruturas de transformação, custos e benefícios, inércias culturais, variações no tempo e no espaço”.<sup>287</sup>

Assim, na busca da resposta à interrogativa deste trabalho, partimos das ideias de que a moda do vestuário é um fenômeno moderno<sup>288</sup> e, portanto, concomitante às mudanças das práticas sociais e culturais modernas.<sup>289</sup> Afinal, os “modismos” foram possíveis somente após o rompimento com as tradições e com a exaltação do “novo” ocorrido a partir do Renascimento. Não temos, porém, a intenção de nos aprofundarmos na discussão historiográfica que indaga: teríamos uma “História Cultural do Social ou História Social da Cultura”?<sup>290</sup> Contudo, aceitamos que “a cultura não é um segmento à parte da vida social, mas uma qualificação (prática, potencial e diferencial), pelo sentido, de todos os segmentos dessa mesma vida”.<sup>291</sup>

<sup>285</sup> ROCHE, Daniel, *A cultura das aparências: uma história de indumentária século XVII-XVIII*. São Paulo: Senac, 2007.

<sup>286</sup> *Op. cit.*, p. 20.

<sup>287</sup> *Op. cit.*

<sup>288</sup> O termo “moderno”, nessa sentença, refere-se à Idade Moderna.

<sup>289</sup> *Ibidem* 288.

<sup>290</sup> CHARTIER, Roger, *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.19.

<sup>291</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de, *op. cit.*, p. 25.

Sendo que este ponto de vista nos possibilita utilizar a Moda como objeto de estudo, já que cremos que ela é também uma prática cultural. Logo, a resposta a essa problematização se orientou por uma perspectiva historiográfica, em que utilizamos diferentes metodologias referentes aos campos da cultura material e visual, além da própria Literatura.

A escolha de tal perspectiva histórica e das fontes utilizadas não foi aleatória e nos baseamos, principalmente, em Lipovetsky, que salienta o seguinte:

A moda não tem conteúdo próprio, forma específica da mudança social, não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva.<sup>292</sup>

Portanto, compreendemos que o vestuário é material, ao passo que a Moda é uma composição visual, passível de mudanças de significação, conforme o correr dos tempos. Assim a Literatura e os jornais nos auxiliaram na busca por uma conjuntura dos fatos do recorte histórico (1919-1929), do mesmo modo como a compreensão de seus sentidos. Isso se deu, porque os objetos, as relações físicas ou humanas que eles criam não podem reduzir-se a uma simples materialidade, nem a simples instrumento de comunicação ou distinção social.<sup>293</sup> O sentido dos objetos, como nos lembra Roche, “se faz nas imbricações de contextos sociais de informações e comunicações que organizam a significação das coisas e dos bens”.<sup>294</sup> Dessa forma, a solução de nossa problemática estaria na relação que a sociedade estabeleceu com essa “moda” da década de 1920 e a valoração e significação que cada elemento compositivo denotou no organização visual total.

A nosso ver, os “anos loucos” foram um período de reivindicação. Nosso recorte histórico trata de um momento pós-Primeira Guerra em que a sociedade ocidental sofrera abalos inéditos. Isso tudo causou, prontamente, mudanças na rotina feminina e, em consequência, na sua maneira de “portar-se”. Em busca da igualdade em relação ao homem, as mulheres dos *années folles* reviraram os costumes vigentes no pré-guerra, deixando de serem *filles* para se tornarem *garçonnes*. Retomando a ideia de que a moda é uma composição visual

<sup>292</sup> LIPOVETSKY, Gilles, *op. cit.*, p. 24.

<sup>293</sup> ROCHE, Daniel, *A história das coisas banais: nascimento do consumo: séc. XVII – XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 13.

<sup>294</sup> *Op.cit.*

que tem o corpo como “suporte de representações visuais”,<sup>295</sup> entendemos então que a manipulação da cultura material possibilitou às *nouvelles femmes* um corpo imaginário, ou seja, uma projeção do que supunham ser um corpo ideal, um corpo melhorado, um corpo não frágil, isto é, igual ao dos homens.

No entanto, fosse por questões práticas (desconforto para esconder as curvas femininas em faixas apertadas ou a dificuldade dos regimes alimentares), fosse por questões legais (como a circular de 27 de outubro de 1892, que proibia o uso de calças pelas francesas), a *garçonne* não copiou na íntegra o vestir dos *garçons*. A solução foi conferir feições tipicamente masculinas aos atributos femininos.

Os artefatos destinados exclusivamente aos rapazes foram inseridos no “visual” feminino, conciliando a ambivalência dos gêneros. O cigarro acompanhava uma indispensável cigareira; as joias efeminaram a silhueta de efebo; o pescoço e nucas evidentes pelos cortes de cabelo curtíssimos, por sua vez, valorizavam os grandes brincos... Sobre os braços desnudos cintilavam numerosos braceletes, e os trajes simplificados e retos foram cobertos com broches e colares que contornam os movimentos dos corpos, em que a sofisticação austera sustenta uma nota de contraste decisiva. Assim, a androginia da *garçonne* originou uma nova feminilidade.

Tais descrições indumentárias são vistas no livro *La garçonne*. Essa fonte histórica apresenta, ou representa, a Moda como um reflexo das mudanças físicas e psicológicas da protagonista da história – e que, conseqüentemente, fora absorvido pelas leitoras como um instrumento de duelo das mulheres contra os costumes e valores da sociedade parisiense daquela temporalidade. As críticas de Victor Margueritte sobre a nova moral do pós-guerra, e as sugestões de novos costumes, que, segundo o autor, seriam mais condizentes aos *temps modernes*,<sup>296</sup> não foram digeridas por alguns grupos da Paris dos “anos loucos”.

Quanto mais a ala parisiense conservadora boicotava seu romance, na tentativa de suprimir os ideais do escritor, por rejeitar a conduta de Monique (ou por temer o conhecimento de Margueritte sobre informações confidenciais do governo), mais frenesi o estilo *garçonne* causava entre as moças. O escândalo de

<sup>295</sup> MENESES, Ulpiano T. B. de, *op. cit.*, p. 27.

<sup>296</sup> *Aos tempos modernos* (tradução nossa). A expressão “moderno” designa o sentido de “novos tempos”. Atualmente faz referência à temporalidade do modernismo, diferentemente do sentido de Idade Moderna (Renascimento), termo que também foi mencionado neste estudo.

*La garçonne*, e toda a polêmica em torno de Victor Margueritte, propagaram *les nouvelles mœurs* propostos pelo autor, disseminando o modo de vestir de Monique. Logo, entendemos que a adesão e a velocidade desses modismos estiveram diretamente relacionadas aos meios de divulgação utilizados (primeiramente, propaganda e, posteriormente, difamação da obra). Contudo, como já mencionamos, o mundo pós Grande Guerra, impôs novos valores morais e também novos sentidos aos objetos e bens de consumo. A grande quantidade de identificação com “*la nouvelle morale*” proposta por Margueritte, nos faz concluir que, de maneira contrabalanceada, a repercussão do escândalo dessa obra e o consequente aumento das vendas se deram também por estas questões. O mundo moderno exigia condutas modernas...

Assim, um dos nossos objetivos nesta pesquisa, portanto, foi apreender para além do que a moda *garçonne* tentou expressar, isto é, o que ela provocou. Pois, mais que um modelo de um modismo que revolucionou as aparências femininas, a protagonista de Margueritte representou um novo tipo social, o da mulher liberta. A *garçonne* fora uma heroína sem igual... Na sua originalidade, inspirou novos *shapes* do trajar, “divulgou” uma nova maneira do vestir feminino e, como afirmam os designers, dotou o vestuário das mulheres de uma “função prática”.

Por conta de todo o alvoroço acerca do romance em foco e, principalmente, pelo alarde que a imprensa da época fizera, as letras do escritor atingiram o público de uma maneira que ele não esperava. Conforme ele próprio afirmava, não era a forma que ele *d’avoir peint*.<sup>297</sup> No entanto, a *nouvelle femme*, interpretada pelos leitores de Margueritte juntamente com o desenrolar dos fatores históricos, terminou por se tornar um símbolo da modernidade e de toda uma época.

Porém, também concluímos fazer parte da composição da imagem da *garçonne* o juízo que se fez das mulheres da época da Grande Guerra, como as enfermeiras de uniformes simples, as operárias em jardineiras e de cabelos curtos nas usinas bélicas, assim como as esportistas em seus trajes versáteis. E até mesmo das “aventureiras” do século XIX, que achavam mais simples adotar os costumes masculinos (na íntegra) para circularem no meio intelectual. Senão, estaríamos prescrevendo, em princípio, o que, na verdade, é o ponto de chegada.

---

<sup>297</sup> MARGUERITTE, Victor, *op. cit.*, p. XII. *Havia pintado* (tradução nossa).

Dessa maneira, entendemos que a Moda é um processo de vários fatores relativos ao desenrolar histórico de uma sociedade e que esses fatores imbricam-se. Podemos tomar variados caminhos até chegarmos a um modismo. Se a efemeridade é a força motriz desse sistema, por sua vez os fatores (econômicos, políticos, tecnológicos, sociais, culturais...) que fazem parte do processo histórico não são imanentes, porém, suas transformações são de duração mais longa. A fugacidade da moda (ou seja, a aquisição e conseqüente renúncia) está diretamente relacionada à quantidade de exposição das formas e volumes. Quanto mais se exhibe um formato, mais seu sentido se transforma, até que chegue mesmo a ser o contrário de seu significado original. Isso quer dizer que, quanto mais visualizamos “o novo”, mais rápido ele se torna obsoleto.

A função primordial da moda dos *années vingt* foi a democratização dos costumes. Contudo, o mimetismo na cultura das aparências é que gera o movimento de adesão e desligamento dos modismos. Paradoxos da moda que precisamos mais cuidadosamente elucidar... Porém, a obsolescência da moda tangencia as questões semióticas da comunicação. Embora muitas das questões aqui levantadas não tenham sido completamente elucidadas, acreditamos que esta dissertação de mestrado possa contribuir para o debate dos temas em questão, principalmente no que toca à relação simbiótica entre (M)moda e História.

## FONTES

### **Livros**

MARGUERITTE, Victor. *La garçonne*. Paris: Flammarion, 1922.

MARGUERITTE, Victor. *La garçonne*. Paris: Flammarion, 1925.

### **Jornais**

AULARD, Alphonse. “Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et éligibilité?”, *Le Peuple*, 650 (16 nov., 1922): 1.

CLARETIE, Georges. “Au Conseil de l’ordre de la Légion d’Honneur: M. Victor Margueritte Cité devant la Comissão d’enquête”, *Le Figaro*, 356 (22 dez., 1922): 2. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

FER, Le Masque de. “La Légion d’Honneur de M. Victor Margueritte”, *Le Figaro*, 365 (31 dez., 192):1. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

H.P. “Notre collaborateur Victor Margueritte serait radié des cadres de la Légion d’Honneur”, *Le Peuple*, 725 (31 dez., 1922): 1.

LAURENT, Marcel. “Le procès de La Garçonne: On veut radier notre collaborateur Victor Margueritte de l’ordre de la Légion d’Honneur”, *Le Peuple*, 716 (22 dezembro, 1922): 1.

MARGUERITTE, Victor. “La Lettre de Margueritte au General Dubai”, *Le Peuple*, 716 (22 dezembro, 1922): 1.

VERRE, Le masque de. “La Garçonne par Victor Margueritte”, *Comœdie*, 3501 (17 julho, 1922): 1.

\_\_\_\_\_. “La Garçonne par Victor Margueritte”, *Comœdie*, 3503 (19 julho, 1922): 1.

\_\_\_\_\_. “100<sup>e</sup> mille La Garçonne par Victor Margueritte”, *Comœdie*, 3558 (12 setembro, 1922): 1.

\_\_\_\_\_. “120<sup>e</sup> mille La Garçonne par Victor Margueritte”, *Comœdie*, 3565 (19 setembro, 1922): 1.

## REFERÊNCIAS

### **Livros**

ARTHUR, Max. *Vozes Esquecidas da Primeira Guerra Mundial: uma nova história contada por homens e mulheres que vivenciaram o primeiro grande conflito do século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BARD, Christine. *Les Garçonnes: modes et fantasmés des années folles*. Paris: Flammarion, 1998.

BARTHES, Roland. *Sistema da Moda*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BATILLIAT, Marcel. *Les célébrités d'aujourd'hui: Paul Adam*. Paris: Bibliothèque internationale d'édition, 1903.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: Eduesc, 2004.

CALLAN, Georgiana O'Hara. *Enciclopédia da Moda: de 1840 à década de 90*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CASTILHO, Kathia; GALVÃO, Diana (Org.). *A moda do corpo o corpo da moda*. São Paulo: Esfera, 2002.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

\_\_\_\_\_. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COURTINE, Jean-Jacques et al. *História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3.

DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

DIÉTERLE, Catherine Join (Org.). *Les années folles: 1919-1929*. Paris: Adagp, 2007.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ECO, Umberto et al. *Psicologia do vestir*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOURNIER, L. *Général Dubail: Quatre années commandement 1914-1918*. Paris: Première-librairie militaire Universelle, 1920.

GUIREC, Jean. *Victor Margueritte: l'homme et l'écrivain*. Paris: Éditeur André Delpeuch, 1927.

GRUMBACH, Didier. *Histoire de La Mode*. Paris: Editions du Regard, 2008.

HEYL, Anke Von. *A Arte Nova*. Tandem Verlag GmbH, 2009.

KÖHLER, Carl. *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Eliane Senise. *O mundo em desordem: 1914 - 1945: Liberdade versus Igualdade*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MARGUERITTE, Victor; MARGUERITTE, Paul. *Femmes Nouvelles*. Paris: Flammarion, 1899.

MARGUERITTE, Victor. *Jeunes filles*. Paris: Flammarion, 1908.

\_\_\_\_\_. *Prostituée*. Paris: Flammarion, 1920.

\_\_\_\_\_. *Le Compagnon*. Paris: Flammarion, 1923.

\_\_\_\_\_. *Le Couple*. Paris: Flammarion, 1924.

MARGUERITTE, Victor. *Les criminels*. Paris: Flammarion, 1925.

MENDES, Valerie; HAYE, Amy de la. *A moda do século XX*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NORMAN, Donald A. *Design Emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia a dia?* Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ORMEN, Catherine, *Comment regarder la Mode: histoire de la silhouette*. Paris: Hazan, 2009.

ORMEN-CORPET, Catherine. *Modes XIX<sup>e</sup> – XX<sup>e</sup> Siècles*. Paris: Hazan, 2000.

PEACOCK, John. *La mode de 1900 à nous jours*. Paris: Thames & Hudson, 2008.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2010.

PIRES, Dorotéia Baduy (Org.). *Design de Moda: olhares diversos*. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008.

ROCHE, Daniel. *A cultura das aparências: uma história de indumentária (século XVII-XVIII)*. São Paulo: Senac, 2007.

\_\_\_\_\_. *A história das coisas banais: nascimento do consumo: séc. XVII - XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

RUPPERT, Jacques at al. *Le Costume Français: guide historique*. Paris: Flammarion, 1996.

VILLEPIN, Patrick de. *Victor Margueritte: la vie scandaleuse de l'auteur de La Garçonne*. Paris: Éditions François Bourin, 1991.

WORSLEY, Harriet. *100 idées qui ont transformé la mode*. Paris: Seuil, 2011.

YAPP, Nick. *1920<sup>s</sup>: decades of the 20th century*. Hagen: Könnemann, 1998.

### **Jornais**

AULARD, Alphonse. "Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et éligibilité?", *Le Peuple*, 650 (16 nov., 1922): 1.

"INTERDICTION de La Garçonne", *Comœdie*, 3908 (30 ago. 1923):1.

INTÉRIM. II. "Le vote des femmes", *L'Action Française*, 309 (5 nov., 1922):1.

"LA GARÇONNE pièce en trois actes et quatre tableaux de M. Victor Margueritte", *Comœdie*, 4942 (8 jul., 1926): 1.

MARGUERITTE, Paul et Victor. "Lettre Ouverte a Messieurs les Sénateurs et Députés", *Le Figaro*, 335 (1<sup>o</sup> dezembro, 1900):1.

VILLAINÉ, Gaudin de. "Le vote des femmes", *La Libre Parole*, 11023 (29 novembro, 1922): 1.

### **Artigos Impressos**

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. "Cultura visual na era da reprodutibilidade técnica da imagem". *Revista d'Obras*. v. 5, n. 11, São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012, p.56-66.

CHEVÉ, Joëlle. "A liberdade é delas". *Grandes temas história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p.31-37.

DICALE, Bertrand. "Josephine ousa tudo". *Grandes temas história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p.38-39.

LECA, Pascal Marchetti. "Bem-vindo a Montparnasse". *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p. 22-27.

MARGUERITTE, Victor. "Ce que les Femmes pensent du Vote?", *Revue Flóreal*, 51, (23 dezembro, 1922): 1260.

MENDES, Marlo. “Paris é uma festa”. *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p.3.

MÉADEL, Cécile. “Os primórdios do rádio”. *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p. 46-53.

MENTHON, Pierre-Henri. “A batalha para salvar o franco”. *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p. 60-67.

NAOUR, Jean-Yves Le. “A construção da França”. *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p.68-73.

PESSIS, Jacques. “Enlouquecer para esquecer”. *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p.15-21.

WALCH, Agnès. “Elogio à maternidade”. *Grandes temas anos 20: história viva*, n. 38, julho, São Paulo: Duetto, 2012, p.40-43.

### **Artigos online**

MENESES, Ulpiano T. B. de. “Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares”. *Revista Brasileira de História*, v.23, 45 (2003):11-36. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>>.

SÁNCHEZ, José Cegarra, Têxteis Inteligentes. *Química Têxtil*, nº 82, (06 março, 2008): 58-77.

<<http://www.ufjf.br/posmoda/files/2008/07/Têxteis-inteligentes.pdf>>.

VANDAMME, Maurice. “L’amour dans cinq mille ans”, *La Revue Anarchiste*, 9 (setembro, 1922). Disponível em: < <http://www.la-presse-anarchiste.net/spip.php?article3297>>.

### **Dicionários**

LAROUSSE, *Lexis de la Langue Française: vocabulaire contemporain, synonymes et contraires langue classique et littéraire*. Paris: Larousse/VEUF, 2002.

CHAZAUD, Henri Bertaud du. *Les Usuels du Robert, Dictionnaire des synonymes*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 2003.

REY, Alain et al. *Le Robert dictionnaire d’aujourd’hui: langue française, histoire, géographie culture générale*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1992.

### **Sites Consultados**

ACADÉMIE française. Disponível em: <<http://www.academie-francaise.fr>>. Acesso em: Nov. 2011.

A F Action Française. Disponível em: <<http://www.actionfrancaise.net/histoireindex.htm>>. Acesso em: 22 nov. 2011.

AJPN. Org. Anonymes, Justes et Persécutés durant la période Nazie dans les communes de France. Disponível em: <<http://www.ajpn.org>>. Acesso em: Mar. 2012.

ARCHIVES Nationales. Disponível em: <<http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr>>. Acesso em: Mai. 2012.

ARKHEIA, Revue d'histoire: Histoire, mémoire du Vingtième siècle en Sud-Ouest. Disponível em: <<http://www.arkheia-revue.org>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

BIANCO: 100 ans de presse anarchiste. Disponível em: <<http://bianco.ficedl.info>>. Acesso em: Out. 2012.

Bibliothèque nationale de France. Disponível em: <<http://www.bnf.fr>>. Acesso em Mai. 2011.

BNF Catalogue general. Disponível em: <[http://catalogue.bnf.fr/jsp/recherchemots\\_simple.jsp?nouvelleRecherche=O&nouveaute=O&host=catalogue](http://catalogue.bnf.fr/jsp/recherchemots_simple.jsp?nouvelleRecherche=O&nouveaute=O&host=catalogue)>. Acesso em: Jul. 2012.

CLIO. Femmes, Genre, Histoire. Disponível em: <<http://clio.revues.org/390>>. Acesso em: Mai. 2012.

CULTURA.FR. “Langues française, langues de France”. Culture française. Disponível em: <<http://www.culture.fr/fr/sections?mt=5>>. Acesso em: Mai. 2012.

CRYPTPAGE. La lettre de George Sand. Disponível em: <<http://www.cryptage.org/lettre-george-sand.html>>. Acesso em: Dez. 2012.

DREYFUS réhabilité. Disponível em: <<http://www.dreyfus.culture.fr/fr/>>. Acesso em: Jan. 2013

ENCYCLOPÆDIA Universalis. Disponível em: <<http://www.universalis.fr>>. Acesso em: Jun. 2011.

FLAMMARION Groupe. Les maisons d'édition. Flammarion. Disponível em: <<http://www.groupe-flammarion.com/content/vindico-hos-singularis-veniam-zelus-singularis-utinam>>. Acesso em: Dez. 2012.

GALLICA Bibliothèque numérique. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/html/editorial/presse-revues>> Acesso em: 16 jul. 2011.

GEO Culture. Disponível em: <<http://geo.culture-en-limousin.fr/?lang=fr>>. Acesso em: Dez. 2011.

GRANDE Chancellerie de la Légion d'honneur. Historique. La Légion d'honneur. Disponível em: <<http://www.legiondhonneur.fr/shared/fr/ordresdecorations/fordredecoration.html>> Acesso em: 22 mai. 2011.

“HISTORIQUE et constitution”. Fédération française de la couture du prêt-à-porter des couturiers et des créateurs de mode. Disponível em: <http://www.modeaparis.com/fr/la-federation/> . Acesso em: 23 fev. 2012.

IMEC. Disponível em: < <http://www.imec-archives.com/index.php>>. Acesso em: Jul. 2011.

INAO. “L’appellation de d’origine contrôlée: les signes d’identification de la qualité et de l’origine”. Institut national de l’origine de la qualité. Disponível em: <[www.inao.gouv.fr](http://www.inao.gouv.fr)>. Acesso em: 22 jul. 2012.

JOURNAUX collabos. Disponível em: <[http://www.contreculture.org/AT\\_Presse\\_Collabo.html](http://www.contreculture.org/AT_Presse_Collabo.html)>. Acesso em: Jul. 2011.

JOURN@UX-COLLECTION.com. “Recherche rapide: Victor Margueritte 1922”. Journaux anciennes. Disponível em: <<http://www.journaux-collection.com/recherche.php>>. Acesso em 5 out. 2011. Acesso em: Jun. 2011.

JULES-RENARD. Disponível em: <<http://www.pour-jules-renard.fr>>. Acesso em: Mar. 2013.

LA DÉPÊCHE.fr. Disponível em: <<http://www.ladepeche.fr>>. Acesso em: Jan. 2012.

LA PRESSE anarchiste. “Revue Anarchiste”. La presse anarchiste. Disponível em: <<http://www.la-presse-anarchiste.net>>. Acesso em: 4 jan. 2012.

LE FIGARO. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr>>. Acesso em: Fev. 2012.

LES COMMÉRAGES de Tybalt. Gendelettes. Notices biographiques disponibles. Disponível em: <<http://tybalt.pagesperso-orange.fr/LesGendelettes/biographies/DieulafoyJ.htm>>. Acesso em: Dez. 2012.

LES COSTUME à Traver Les Siècles. “Années 20. Disponível em: <<http://lecostumeatraverslessiecles.chez-alice.fr>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

LES ARCHIVES de la presse. “Collection Fashion”. Les archives de la presse. Disponível em: <<http://www.lesarchivesdelapresse.com/page.html>>. Acesso em: Out. 2011.

L’HUMANITÉ.fr Envies de changer le monde. Disponível em: <<http://www.humanite.fr>>. Acesso em: Jan. 2013.

ORGANE Officiel de la CGT. "Historique le Peuple". La CGT. Disponível em: <<http://www.lepeuple-cgt.com/html/hist/>>. Acesso em 10 out. 2011.

PERSEE Revues Scientifiques. Revues Scientifiques. Persee. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mcm\\_1146-1225\\_1998\\_num\\_16\\_1\\_1183](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/mcm_1146-1225_1998_num_16_1_1183)>. Acesso em: 12 jan. 2013.

RODHIA. Disponível em: < <http://www.rhodia.com.br>>. Acesso em: Out. 2011.

SÉNAT. Disponível em: <<http://www.senat.fr>>. Acesso em: Ago. 2012.

SGDL Société des gens de lettres de France. Vocation. Disponível em: <<http://www.sgdl.org>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

UDAF62: Union départementale des Associations Familiale du Pas-de-Calais. Disponível em: <<http://udaf62.fr>>. Acesso em: Out. 2012.

## **Filmes**

*Amelia*. Direção de Mira Nair. Produção de Lydia Dean Pilcher, Ted Waitt, Kevin Hyman. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2009. 1 DVD (111 min.), color.

*Coco avant Chanel*. Direção de Anne Fontaine. Produção de Caroline Benjo, Philippe Carcassonne, Carole Scotta. França: Sony Pictures Classics, 2009. 1 DVD (110 min), color.

*Coco Chanel & Igor Stravinsky*. Direção de Jan Kounen. Produção de Albina, Boeckli, Chris Bolzli, Philippe Delest, Kazutaka Kimori, Claudie Ossard, Yoichi Sakai, Veronika Zonabend. França, Japão, Suíça: Imovision, 2009. 1 DVD (119 min), color.

*Midnight in Paris*. Direção de Woody Allen. Produção de Letty Aronson, Stephen Tenenbaum, Jaume Roures. Estados Unidos: Sony Pictures Classics, 2011. 1 DVD (100 min.), color.

*The Artist*. Direção de Michel Hazanavicius. Produção de Thomas Langmann, Emmanuel Montamat. França, Bélgica: Paris Filmes, 2011. 1 DVD (100 min.).

## **Filmes online**

*Josephine Baker -2-* (1927). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=H46uf5-Way0&feature=related>>. Acesso em: 27 maio, 2012.

*Roaring 20s - Josephine Baker Folies Bergere*. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZkPDBaWZzVE&feature=related>>. Acesso em:

27 maio, 2012)

*To Live in the 1920's*. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=684n8FO68LU&feature=related>>. Acesso em 27 maio 2012.

*1920's The Charleston*. Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=ZJC21zzkwoE>>. Acesso em: 27 maio 2012.

*1920's The Charleston (2)*. Videoclipe disponível em: Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=TRvelle4uAs&feature=related>>. Acesso em: 27 maio 2012.

## Áudio

CHARTIER, Roger. "Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 01 - Qu'est-ce qu'un livre?". Collège de France. Disponível em:

<[http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/01 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a](http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes%20Media/iTunes%20U/Ecrit%20et%20cultures%20dans%20l'Europe%20moderne/01%20-%20Qu'est-ce%20qu'un%20livre.m4a)>. Acesso em: 27 fev. 2012.

\_\_\_\_\_. "Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 02 - Qu'est-ce qu'un livre?".

Collège de France. Disponível em:

<[http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/02 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a](http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes%20Media/iTunes%20U/Ecrit%20et%20cultures%20dans%20l'Europe%20moderne/02%20-%20Qu'est-ce%20qu'un%20livre.m4a)>. Acesso em 2 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. "Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 03 - Qu'est-ce qu'un livre?".

Collège de France. Disponível em:

<[http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/03 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a](http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes%20Media/iTunes%20U/Ecrit%20et%20cultures%20dans%20l'Europe%20moderne/03%20-%20Qu'est-ce%20qu'un%20livre.m4a)>. Acesso em: 3 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. "Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 04 - Qu'est-ce qu'un livre?".

Collège de France. Disponível em:

<[http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/04 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a](http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes%20Media/iTunes%20U/Ecrit%20et%20cultures%20dans%20l'Europe%20moderne/04%20-%20Qu'est-ce%20qu'un%20livre.m4a)>. Acesso em 8 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. "Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 05 - Qu'est-ce qu'un livre?".

Collège de France. Disponível em:

<[http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/05 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a](http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes%20Media/iTunes%20U/Ecrit%20et%20cultures%20dans%20l'Europe%20moderne/05%20-%20Qu'est-ce%20qu'un%20livre.m4a)>. Acesso em: 15 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. "Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 06 - Qu'est-ce qu'un livre?".

Collège de France. Disponível em:

<<http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes>

[Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/06 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a](#)>. Acesso em: 16 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. “Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 07 - Qu'est-ce qu'un livre?”.

Collège de France. Disponível em:

<<http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/07 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

\_\_\_\_\_. “Ecrit et cultures dans l'Europe moderne: 08 - Qu'est-ce qu'un livre?”. Collège de France. Disponível em:

<<http://Users/mariaceciliagoncalespimentafilgueiras/Music/iTunes/iTunes Media/iTunes U/Ecrit et cultures dans l'Europe moderne/08 - Qu'est-ce qu'un livre .m4a>>. Acesso em: 25 mar. 2012.

## **ANEXOS**



## ANEXOB

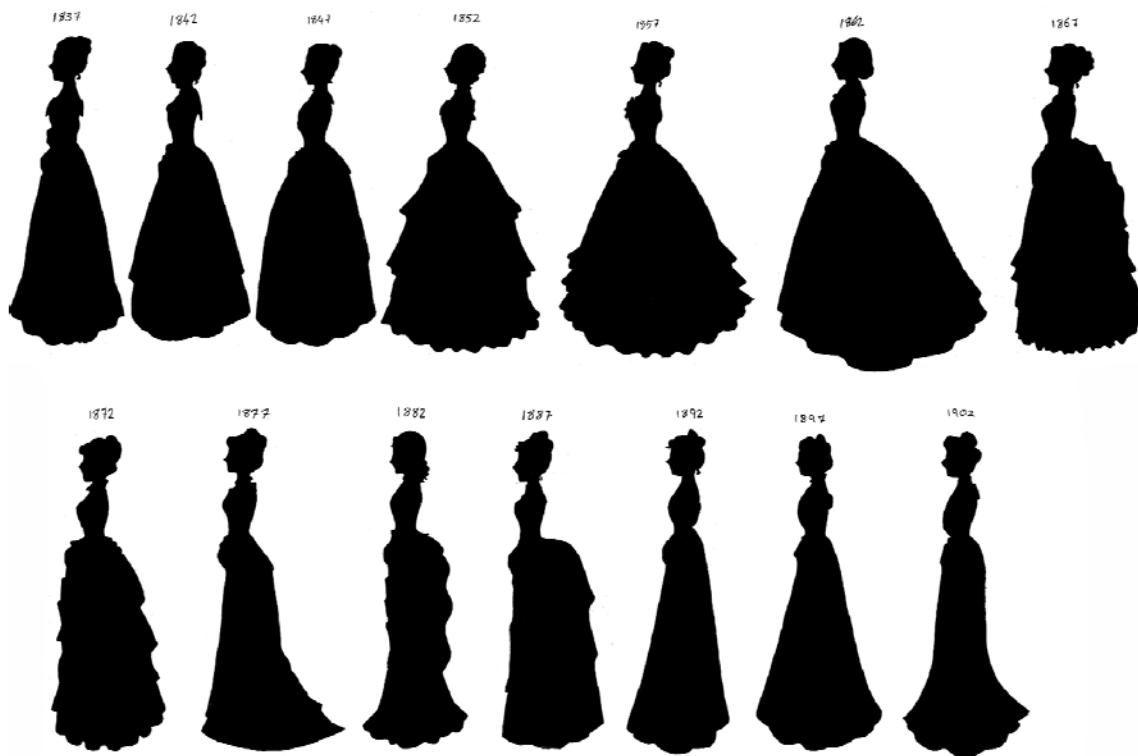
Imagem – Exemplos de Timelines de História da Moda



Exemplo 1



Exemplo 2



Exemplo 3

Fashion Timeline  
1750s - 2000s

©2012 Kent State University Museum



KENT STATE  
UNIVERSITY  
MUSEUM

Exemplo 4

ANEXO C

Image/Journal - L'Action Française, N° 309, dimanche, 05/11/1922 - La Politique «Le vote des femmes»

REVUE ANNUALE - N° 309

DELANEAU 5 NOVEMBRE 1922

**LA LECON DU FASCISME**

« Les fascistes savent l'Italie définitivement... Disons-nous qu'un peuple est grand, qu'un peuple est fort, qui sait ainsi se ressaisir à son heure, sans verser inutilement le sang des siens, mais avec la ferme volonté de défendre son unité d'abord contre les ennemis de l'intérieur, quels qu'ils soient. »

Henry LAHAZE dans le *Renaissant*.

ORGANE DU NATIONALISME INTEGRAL

« Tout ce qui est national est nôtre. »

Le Duc d'ORLÉANS

Directeur: Henri VAUGOIS

Abonnements: 10 fr. en 12 N°s (trimestre) Paris et Colonies. A.B. 351. 13. Travaux. B.B. 43. 22.

DIRECTEURS POLITIQUES: LÉON DAUDET et CHARLES MAURRAS — RÉDACTEUR EN CHEF MAURICE PUJO

La dictature à Rome... autrefois

L'arrivée au pouvoir de M. Mussolini est l'événement, dans les journaux républicains français, d'une telle importance historique, que nous ne pouvons nous empêcher de nous demander si nous n'aurions pas eu, au cours de notre histoire, des exemples de dictature à Rome, autrefois.

Il est évident que nous n'avons pas eu de dictature à Rome, autrefois, dans le sens moderne du terme. Mais nous avons eu, à plusieurs reprises, des régimes qui ont eu certains caractères de la dictature moderne.

Le premier de ces régimes est celui de Napoléon Bonaparte. Napoléon a exercé une dictature sur la France pendant une partie de sa vie. Cette dictature a été exercée dans des circonstances exceptionnelles, et elle a été exercée dans l'intérêt de la France.

Le second de ces régimes est celui de Louis-Napoléon Bonaparte. Louis-Napoléon a exercé une dictature sur la France pendant une partie de sa vie. Cette dictature a été exercée dans des circonstances exceptionnelles, et elle a été exercée dans l'intérêt de la France.

Le troisième de ces régimes est celui de Charles de Gaulle. Charles de Gaulle a exercé une dictature sur la France pendant une partie de sa vie. Cette dictature a été exercée dans des circonstances exceptionnelles, et elle a été exercée dans l'intérêt de la France.

Le gouvernement turc: aujourd'hui et demain

On peut constater à l'effet la décadence de l'empire ottoman, le déclin de son pouvoir, le déclin de son prestige, le déclin de son influence. Mais il est évident que le gouvernement turc a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence.

Le gouvernement turc a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence. Il a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence. Il a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence.

Le gouvernement turc a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence. Il a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence. Il a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence.

Le gouvernement turc a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence. Il a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence. Il a fait de grands efforts pour relever son prestige et son influence.

Les élections américaines

Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922.

Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922.

Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922.

Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922. Les élections américaines ont eu lieu le 2 novembre 1922.

Le vote des femmes

Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. Le vote des femmes est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

La politique

La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps. La politique est un sujet qui a été discuté pendant longtemps.

Les faits du jour

Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée.

Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée.

Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée.

Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée. Les faits du jour sont les événements qui se sont produits pendant la journée.

Echos

Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde.

Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde.

Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde.

Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde. Echos sont les nouvelles et les bruits qui circulent dans le monde.

## ANEXO D

Texto Integral/Jornal - L'Action Française, N° 309, domingo, 05/11/1922 - «Le vote des femmes»

### LA POLITIQUE

#### I. Le vote des femmes

Y remédiera-t-on en appelant les femmes au scrutin? La question se posera après-demain devant, la Haute-Assemblée, où M. Viviani doit, paraît-il, faire ses débuts par une intervention grandiloquente en faveur de cette réforme. Sans doute a-t-il reçu, comme tous ces collègues, une circulaire où Mme Marthe Borély en souligne les dangers? E ferait bien d'y réfléchir. L'auteur du Génie féminin français expose que l'émancipation politique priverait les femmes de la protection qu'elles demandent et qu'on leur doit:

*C'est-à-dire que la législation protectrice qui s'impose de ce fait que la femme n'est plus protégé aujourd'hui par les mœurs leur serait ainsi refusée. Quant à celles qui n'ont pas ou qui n'ont plus les moyens matériels de s'émanciper, les femmes incapables, délicates, malades ou âgées, elles seraient – avec le prolétariat féminin courbé sous la dure loi de égalité dans le travail – les véritables victimes de l'émancipation.*

Car la femme ne peut être à la fois devant la loi, émancipée et protégée. En faisant d'elle une citoyenne égale en droit au citoyen.

Vous décernez à l'homme un certificat d'irresponsabilité qui rendrait illogiques et vaines les lois faites ou à faire sur la séduction et la recherche de la paternité. Vous tranchez le seul en matériel qui attache l'homme à la femme e la femme à l'homme dans le mariage, déjà si affaibli par les actuelles facilités du divorce. Car l'émancipation politique des femmes est inconciliable avec est état de dépendance féminine sur lequel repose le mariage et qui est la condition de la protection et même de la paternité.

Nous sommes sur un terrain brûlant, car il ne manque pas de catholiques et de conservateurs qui aspirent au vote des femmes pour les mêmes motifs qui le font écarter par bien des gens de gauche. Ils sa disent que les femmes de France, en majorité chrétiennes, serviront ta cause de l'ordre, Mme Borély ne pouvait, dans sa lettre aux sénateurs, aborder cette objection, mais elle a répondu dans son *Appel aux françaises*, publié en 1919.

Nos conservateurs, disait-elle, ne seraient excusables d'employer une médecine qui dépasse l'humaine logique que si elle était infaillible. Or, cette transgression de tous les principes qu'ils défendent n'a même pas l'excuse d'une claire vision des circonstances spéciales dans lesquelles le vote féminin se produirait en France: «Il serait assez inattendu de voir le féminisme politique se retourner contre l'idée démocratique dont il émane pour faire la fortune de l'esprit d'autorité, de hiérarchie, de soumission aux lois humaines et sociales».

On attend de la femme la régénération de l'État? Le vote féminin n'a rien donné en Amérique, en Australie, en Nouvelle-Zélande. Pourquoi procurerait à la France plus de bénéfices? Essayons toujours, disent quelques-uns, et, puisqu'il existe ailleurs, ne demeurons pas en arrière. Ici, *l'Appel aux française* contient des pages admirables, d'autant plus dignes d'attention que Mme Borély est de pure souche huguenote. Elle dénonce le caractère éminemment protestant du féminisme. D'où le

succès qu'il a remporté dans les contrées d'Europe et d'Amérique où fleurit la religion de Luther et de Calvin. L'inexplicable, c'est qu'on la veuille importer en pays catholique de tradition classique:

Comment le catholicisme qui dit respect, autorité, subordination, favoriserait-il ce nouvel aspect de la réforme qui menace, non pas l'ordre religieux, mais l'ordre social, son inséparable? Comment favoriserait-il l'anarchie féministe, lui, le défenseur de l'ordre?

Il semble que le triomphe du féminisme devrait être, pour le catholicisme français, un échec personnel par la faillite des principes sociaux dont il se fait le défenseur, que la doctrine ne puisse reconnaître les droits de la femme sous peine de se protestantiser. L'intérêt national concorde ici avec la pure tradition romaine. Pour elle comme pour le politique, l'individu n'existe pas, mais la société dont la famille est l'unité.

Au surplus, nous n'avons pas à subir l'infiltration étrangère, et Mme Borély déplore la défaillance croissante de l'esprit national sous la pression de cette vague d'internationalisme égalitaire qui veut une seule loi ici pour le monde et que la vérité américaine, anglaise ou allemande soit la vérité française. Ces observations seront méditées avec fruit, à la veille de la discussion du Sénat. On assure que les avis sont partagés même à droite. Mais il n'est pas possible de méconnaître la solidité des arguments de Mme Borély.

**Intérim**

ANEXO E

Imagem/Jornal - Le Peuple, N° 680, quinta-feira, 16/11/1922 - Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et l'éligibilité?

LE PEUPLE

JEUDI 16 NOVEMBRE 1922 - N° 680. 45 CENTIMES

Quotidien du Syndicalisme

161, rue de Valenciennes (D. 1) - AL. M. MALPEU-PARIS-BOUL. - Tél. Nord 53-22. Après 20 h. 43-83 - La publication sur ordre de l'ADMINISTRATEUR DE LA REVUE, 161, rue de Valenciennes, Paris

M. de Lubersac, sénateur patriote, a-t-il négocié avec M. Stinnes l'évacuation de la rive gauche du Rhin?

NOUS POSONS LA QUESTION, SIMPLEMENT

Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et l'éligibilité?

LES AVIS SONT PARTAGÉS, AUSSI BIEN DANS LE PUBLIC QU'AU PARLEMENT, OU LA QUESTION SE TROUVE POSÉE

Voici l'opinion de notre collaborateur A. Aulard qui se prononce en faveur de la thèse féministe



M. AULARD

Voilà que l'émancipation, par la limitation de son droit de suffrage au premier tour des élections de l'école communale, et d'y assentir à voter qu'elle ne soit active les candidats de son canton.

C'est une question très délicate, mais le droit de vote et d'éligibilité, c'est une question de principe, et non de détail. C'est une question de principe, et non de détail. C'est une question de principe, et non de détail.

La crise allemande

Ce qui domine la scène gouvernementale allemande, c'est la crise de confiance qui a éclaté au sein du cabinet de Brüning.

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LA C. D. R. attendra la constitution du Cabinet allemand

La Commission des Républicains attendra la constitution du Cabinet allemand avant de se prononcer sur la question de la reconnaissance de la République allemande.

UNE CONFÉRENCE DE M. DE LUBERSAC

M. de Lubersac, sénateur de l'Aube, a tenu une conférence avec les membres du gouvernement français pour discuter de la situation internationale.

LE MEETING du Cartel des Services publics

Le Cartel des Services publics a organisé un meeting à Paris pour discuter de la situation économique et sociale.

La crise allemande

La crise allemande s'aggrave, et les tensions politiques et économiques continuent de s'accroître.

Les tensions politiques et économiques en Allemagne continuent de s'accroître, et la situation reste très délicate.

La situation internationale reste très délicate, et les tensions continuent de s'accroître.

Les tensions politiques et économiques en Allemagne continuent de s'accroître, et la situation reste très délicate.

La situation internationale reste très délicate, et les tensions continuent de s'accroître.

Les tensions politiques et économiques en Allemagne continuent de s'accroître, et la situation reste très délicate.

AVANT LA CONFÉRENCE DE LAUSANNE Le memorandum britannique a été remis au Quai d'Orsay

ISMET PACHA A CONFÉRÉ AVEC M. POINCARÉ



ISMET PACHA ET FERID BEY, à l'ambassade de Turquie

Le memorandum britannique a été remis au Quai d'Orsay avant la conférence de Lausanne.

ISMET PACHA A CONFÉRÉ AVEC M. POINCARÉ

Ismet Pacha a conféré avec M. Poincaré à l'ambassade de Turquie.

LA RUSSIE SERA-T-ELLE A LAUSANNE?

La question de la participation de la Russie à la conférence de Lausanne reste encore ouverte.

Declarations d'Ismet pacha

Ismet Pacha a déclaré que la Turquie était prête à participer à la conférence de Lausanne.

Fâcheuse histoire

Une fâcheuse histoire s'est déroulée à la conférence de Lausanne.

Le relèvement de l'Autriche

Le relèvement de l'Autriche est une question d'importance internationale.

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LES DÉPARTS DE NOUS

La terre a tremblé de nouveau lundi

EL Y A LAIS MORTE DE PLUS

LA QUESTION DU PAIN

La commission municipale se réunit aujourd'hui

Plusieurs conseillers sont décidés à combattre toute augmentation

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

LA QUESTION DU PAIN

La commission municipale se réunit aujourd'hui

Plusieurs conseillers sont décidés à combattre toute augmentation

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

La commission municipale se réunit aujourd'hui pour discuter de la question du pain.

Plusieurs conseillers municipaux sont décidés à combattre toute augmentation de la taxe sur le pain.

## ANEXO F

Texto Integral/Jornal – Le Peuple, N° 680, quinta-feira, 16/11/1922 –

Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et l'éligibilité?

### Doit-on accorder aux femmes le droit de vote et l'éligibilité?

**LES AVIS SONT PARTAGÉS, AUSII BIEN DANS LE PUBLIC QU'AU PARLEMENT, OU LA QUESTION SE TROUVE POSÉE**

*Voici l'Opinion de notre collaborateur A. Aulard qui se prononce en faveur de la thèse féministe*

Le débat sur l'admission des femmes au droit de suffrage se poursuit au Sénat sans que l'opinion se passionne pour ce débat et, pour ainsi dire, au milieu d'un silence général.

Ce n'est pas de l'indifférence. C'est, d'une part, que les arguments pour ou contre les femmes sont trop connus, ont été trop ressassés pour qu'on ne soit pas un peu las de l'éloquence féministe comme de l'éloquence antiféministe. C'est aussi, et peut-être surtout, que, doctrinalement, les partisans du droit des femmes ont cause gagnée.

Ce qui leur fait gagner leur cause en principe devant l'opinion, c'est moins leur éloquence d'orateur ou d'écrivains qu'une double leçon de choses.

On a pendant la guerre, vu les femmes, à la ville, à la campagne, à l'atelier, à la charrue, remplacer les hommes mobilisés, et les remplacer avec un courage et un succès dont on a été surpris. Par un bel effort de volonté, leur force physique a été haussée au niveau de leur force morale, et la plupart d'être elles ont fait gaiement ce dur effort gaiement quand le mari ou le fils n'était pas tué, héroïquement dans le deuil.

Il a donc été visible, et visible à tous les yeux, même aux plus distraits, qu'à l'occasion, les femmes valaient les hommes.

L'autre leçon de choses, c'est que les femmes ont obtenu le droit de vote chez presque tous les peuples du Nord, notamment en Allemagne, en Angleterre, en Belgique. La France est comme encerclée par le triomphe de ce droit nouveau, et le pays des droits de l'homme (qui ne sont pas seulement les droits du mâle) ne peut pas résister bien longtemps à la contagion d'égalité.

Je voudrais alléguer aussi, mon expérience personnelle, mon expérience de professeur à la Sorbonne.

Nous y avons depuis longtemps déjà des étudiantes, et en grande quantité, qui travaillent au milieu des étudiants, en rivalité et concurrence avec eux. Jadis, quand l'entrée des jeunes filles et des jeunes femmes à la Faculté des Lettres ne faisait que s'annoncer, nous nous disions tous, par avance, qu'elles seraient inférieures aux jeunes gens en vigueur cérébrale, qu'elles ne pourraient soutenir la comparaison. Ce n'était qu'un préjugé de l'orgueil masculin. Les étudiantes, dans la réalité, se sont montrées, se montrent égales aux étudiants par l'intelligence, et elles les dépassent

souvent par la volonté de travailler. À la licence d'histoire notamment, où j'ai si souvent fait partie de jury, elles réussissent aussi bien que les étudiants.

On disait qu'elles auraient moins d'initiative, qu'elles seraient trop dociles, qu'il n'y aurait pas en elles d'originalité. Je le croyais. Suis-je trop bien tombé «Ai-je, par hasard eu affaire à une élite» Je ne les ai pas trouvées tellement dociles, ces étudiantes, tellement imitatrices. Ainsi, j'en pourrais citer une qui fait avec moi une thèse de doctorat sur la politique de Marie-Antoinette, et qui, bien que mon élève, adopte un point de vue tout à fait opposé au mieux.

Je crois donc, comme je le disais, que les femmes ont cause gagnée en principe. Elles ont prouvé, par l'action que si elles sont physiquement plus faibles que les hommes, si leur santé est moins soutenues, elles sont, quand il le faut, capables d'un effort qui leur permet de prendre au besoin la place des hommes, et surtout elles ont bien prouvé qu'elles leur sont égales pour l'intelligence.

Cela veut-il dire que, si j'étais sénateur, je voterais pour que l'électorat politique fût tout de suite accordé aux femmes, à toutes les femmes J'avoue que j'hésiterais beaucoup à faire un tel saut dans l'inconnu.

Je le dis franchement: je craindrais que la brusque et brutale accession des femmes au droit de voter pour l'élection des députés n'amènait en France une réaction générale, et que le rehaussement trop rapide d'une injustice partielle ne déchainait, si je puis dire, une injustice générale dans la société française.

Si, en France, la femme est l'égale de l'homme par son intelligence, elle n'est point son égale par l'instruction, par la formation de sa raison

La femme française est encore trop sous l'influence de l'Eglise catholique, et il y aurait à craindre qu'elle ne votât selon les conseils de son confesseur.

Ce sont les pays protestants qui ont les premiers donné le droit de suffrage aux femmes. Encore que je sois personnellement étranger aux conceptions chrétiennes de la vie et de la morale, c'est un fait que les nations protestantes se sont élevées à un plus haut degré de moralité que les nations catholiques, je veux dire qu'elles fondent la notion de devoir sur la liberté et sur la science, tandis que l'Eglise romaine la fonde sur l'obéissance et la résignation.

L'homme, en France, est généralement à peu près décatholicisé: la femme ne l'est pas. Il y aurait à craindre que la femme votât pour les forces du passé, pour la réaction, tant qu'elle ne sera pas mieux émancipée intellectuellement.

On me dira qu'on n'a pas attendu que tous les mâles fussent instruits raisonnablement pour leur donner le droit de suffrage. Il est vrai, mais ce n'est peut-être pas ce qu'on a fait de mieux, et, s'il n'y avait pas d'électeurs illettrés, le progrès serait peut-être moins lent, il y aurait, peut-être moins d'injustice dans notre état social.

Ma conclusion est qu'il faut procéder, comme on dit, par étapes, donner d'abord aux femmes le droits d'élire les conseillers municipaux, ne leur donner le droit d'élire les députés que lorsqu'elles se seront exercées au vote municipal, et puis, quand on leur accordera la totalité du droit de vote politique, n'y admettre d'abord que celles qui auront donné des preuves d'instruction.

C'est une conclusion très modeste, mais je crois que c'est la seule pratique, la seule prudente.

**A. Aulard**

ANEXO G

Imagem/Jornal - La Libre Parole, N° 11.623, quarta-feira, 29/11/1922 - La Politique

«Le vote des femmes»

Fondée en 1892 par Édouard DREMONT

Le Numéro : 15 Centimes

N° 11623. — MARDI 29 NOVEMBRE 1922

ABONNEMENTS : 1 an 10 fr. 6 mois 5 fr. 3 mois 3 fr. 15 jours 1 fr. 50

DIRECTEUR : CHARLES PÉLISSIER

REDACTEUR ET ADMINISTRATEUR : E. Du La Pétrie, PARIS

LA LIBRE PAROLE

La France aux Français !

Le Traité de Versailles a prescrit que les contribuables devaient supporter charge égale. Or, l'Allemagne paie 15 milliards et les Français 45.

ÉDITEUR PRINCIPAL : JOSEPH DENAIS, JEAN LEROLLE

LE VOTE DES FEMMES

En parlant même, toutes les opinions convergent sur le fait que, si on veut, on peut, on doit donner le droit de vote aux femmes.

Les ministres grecs condamnés à mort et exécutés sans délai

Athènes, 28 novembre. — Les procès des ministres d'État et généraux grecs tentés ces jours-ci, ont été une véritable catastrophe.

Si l'Allemagne se dérobe comment la France agira-t-elle sur le Rhin ?

Une agence à Cologne a publié une note sur la situation de la France sur le Rhin. Elle avertit que si l'Allemagne ne se conforme pas à ses obligations, la France sera obligée de prendre des mesures énergiques.

La Conférence de Lausanne Les Russes ne sont admis à la Conférence que pour la question des Détroits

Lausanne, 28 novembre. — Des nouvelles reçues d'Ankara indiquent que les Russes ne sont admis à la Conférence de Lausanne que pour la question des Détroits.

Le ministre des finances prend la défense des titres au porteur

M. de Lasteyrie a répondu à la Commission des Titres au Porteur. Il a déclaré que le gouvernement ne se désolait pas de la situation des titres au porteur.

Les agents louches

Lausanne, 27 novembre. — Des agents louches ont été découverts à Lausanne. Ils étaient en train de vendre des titres au porteur.

L'indivisibilité Tchécoslovaque

La délimitation des frontières de la Tchécoslovaquie est un sujet qui suscite de vives discussions. On craint que l'indivisibilité territoriale ne soit compromise.

Les crédits pendant la guerre

Les crédits pendant la guerre ont été considérablement réduits. On craint que cela ne provoque de graves conséquences économiques.

L'UNION SACRÉE s'impose aux Polonais

Un meeting en France a été organisé pour soutenir l'union sacrée en Pologne. On a appelé à l'union de tous les Polonais.

BILLET DU MATIN

La critique de l'impôt personnel

Le Conseil municipal de Paris a entretenu une discussion sur l'impôt personnel. On a critiqué la manière dont cet impôt est réparti.

LE MINISTRE DE LA GRANDE-BRETAGNE AURAIT QUITTÉ ATHÈNES

Il est dit que le ministre britannique a quitté Athènes. On ne sait pas encore pourquoi.

M. CLEMENCEAU reçu par Pershing à Chicago

M. Clemenceau a été reçu par le général Pershing à Chicago. Ils ont discuté de la situation internationale.

GAUDIN DE VILLAIN

Le député Gaudin de Villain a été élu député. On a félicité son succès.

Conseil des Ministres

Le conseil des ministres s'est réuni hier. On a discuté de la situation économique et politique.

Pour la vente de la "Libre Parole" devant les églises de France

On a organisé une vente de la Libre Parole devant les églises de France. On a recueilli de nombreuses contributions.

Relégués ! Relégués !

C'en est assez de l'encouragement au crime

Il faut reléguer les criminels au lieu de les encourager. On a critiqué la manière dont les criminels sont traités.

La spéculation sur les changes

La spéculation sur les changes a augmenté. On craint que cela ne provoque de graves conséquences économiques.

Lire en 2 page : LES DEUX RÉGLEMENTS Lire en 3 page : L'ÉCONOMIQUE À LA CHANGING

## ANEXO H

Texto Integral/Jornal - La Libre Parole, N° 11.623, quarta-feira, 29/11/1922 - La  
Politique «Le vote des femmes»

### LE VOTES DES FEMMES

En pareille matière les opinions peuvent se légitimer! – bien, qu'à nos yeux, les votes des femmes s'imposent au législateur comme un acte de loyauté sociale et un geste de gratitude envers celles qui, – (à de rares exceptions près!) – firent, pendant la guerre, tout leur devoir d'héroïsme et de charité...

Certes, nous avons dit, que nous ne sommes pas partisans de l'éligibilité des femmes! – parce qu'il y aurait là, entre autres inconvénients, une grave lézarde ouverte au foyer familial; – mais l'électorat, c'est-à-dire, le devoir pour la femme d'aller voter, tous les 2, 3 ou 4 ans, à la mairie de son domicile, ne saurait sérieusement présenter les mêmes inconvénients...

Le 21 de novembre 1922, des Françaises frappèrent en vain aux portes du Luxembourg!

Or, tous les hommes de cœur, avaient valu avec émotion, le rôle admirable de la femme française pendant la grande guerre: – surtout de la paysanne penchée inlassablement sur le sillon de cette terre de France, – que, là-bas, sur le front, le frère, l'époux, le fils, arrosaient de leur sang...

Est-ce que, les femmes de France, – qui furent peut-être, entre toutes, les plus admirables au cours du terrible drame mondial: – (et alors, que partout ailleurs, où presque vous trouvez la femme dans l'arène politique) – seraient, seules, traitées en disgraciées?

Peut-on raisonnablement admettre en outre – que la famille, cette « cellule sociale » par excellence, – se trouve indéfiniment, ou tout au moins, pour de longues années, jusqu'à la majorité d'un fils, appauvrie et condamnée à n'avoir aucune influence sur la vie du pays?

Pourquoi, la veuve, mère de famille nombreuse, – et dont l'époux, est peut-être tombé au champ d'honneur! – restait-elle frappée d'une sorte d'incapacité politique, et quels que soient les intérêts, parfois considérables, dont elle est dépositaire...

En toute équité, si la femme demeure un « néant politiquement parlant » – proclamez-la aussi un « néant économique » , et dégrevez-la des charges fiscales qui pèsent sur elle...!

Certes, si on voulait refondre complètement les cadres généraux de la vie sociale, il y aurait d'autres réformes à envisager, – tels le vote familial et le vote professionnel! – mais, encore une fois, le vote féminin, première étape, est à la base de tout cela...

Aux croyants, je demande si une des plus belles conquêtes du christianisme, ne fut pas de libérer la femme du servage plein! – Aux Français de pure race et de tradition, si l'honneur, au long de notre histoire, n'était pas de défendre la femme? et si chaque chevalier ne s'honorait pas de porter les couleurs de sa dame?

Est-ce que, cette diplomatie d'amour, – qui fut, le meilleur charme de l'ancienne France, serait définitivement morte?

Est-ce que, notre pays seul, – en ce siècle – parmi les peuples civilisés, – qui, dernier reflet des influences d'antan, lui empruntent encore ses modes et ses

élégances! – révélerait, dans une enceinte privilégiée, la mentalité désuète de vieux garçons, insociables et hargneux!

Et tout cela, afin de satisfaire à des préjugés enfantins: – la crainte de la femme cléricale ou socialiste! – empêchant le Sénat de regarder vers toutes des admirables femmes de France dont la Foi, dans la Charité est précisément la plus touchante et délicate parure: – meneuses de force et de bonté, l'honneur et la douceur de nos foyers...

Oui, refuser à nos femmes, si nobles toujours, si douloureuses hier, de cueillir les fleurs de ce champ d'honneur, arrosé du sang de nos enfants! – ce fut, de la part du Sénat française, un geste profondément regrettable, et d'ailleurs sans lendemain, car on ne saurait s'opposer longtemps et victorieusement à une œuvre d'affranchissement et de fraternité humaine...

**GAUDIN DE VILLAINÉ**  
*Sénateur de la Manche*

## ANEXO I

Texto Integral - NOTE DE L'AUTEUR - Livre La Garçonne - 15/10/1922

## NOTE DE L'AUTEUR

- Une préface, au 150e mille?

- Une postface, si vous voulez

- Trois mois après que le livre a paru!

- Eh! Oui, le temps que les « chers confrères » aient jeté, à droite et à gauche, leur venin ... Pudeurs à retardement dont la bombe attendait, pour fulminer, l'éclat de l'offensant succès !... Et le temps aussi que s'apaisât le concert des indignations plus ou moins feintes, le *tolle* des hypocrisies, la rage des reines politiques ou confessionnelles qui ont accueilli ce livre, le trente-septième que j'ai l'honneur de signer, et où, sous l'historien, quelques bonnes âmes ont affirmé ne voir qu'un pornographe, œuvrant par lucre... Coup classique, et qui ne fut pas épargné à Zola.

- Mais si, pour une raison ou une autre, on n'a pas suffisamment compris ce que vous souhaitiez faire entendre, la faute ne vous incombe-t-elle pas en quelque mesure ?

Sans doute. Encore que je ne me flatte pas de désarmer, jamais, certains partis pris ! Mais peut-être aussi aurais-je dû, par quelque avant-propos, avertir de mes intentions le lecteur pressé. Le cinéma l'a gâté. C'est un fait : la trépidation, la dispersion de l'existence quotidienne nuisent au recueillement et à la méditation sans lesquelles il est impossible qu'un jugement motivé se forme. On ne lit plus, on parcourt. Que dis-je, on court, d'une page à l'autre ! Le cent à l'heure... Souffrez donc, cher lecteur, que je passe à l'écran quelques éclaircissements complémentaires...

Tout d'abord, et comme vous, je sais parbleu bien qu'il y a chez nous des mères et des filles admirables, toute une société féminine qui travaille et qui peine. Je l'ai peinte déjà, et la peindrai encore.

Ai-je besoin d'affirmer, au surplus, que jamais je n'ai prétendu proposer Monique Leblanc comme le type actuel de la jeune fille, de la jeune femme française ? Et suis-je responsable si des critiques hostiles généralisent ?

Non. J'ai peint, avec ce tout petit monde de lucre et de vanité qu'on est convenu d'appeler « le monde », - peut-être parce qu'hélas ! il en fait encore la loi ? - quelques types de ces émancipées dont la guerre a précipité le foisonnement dans tous les pays.

C'est, en revanche, de parti-pris, que j'ai situé ma garçonne dans le milieu de débauche et d'affaires qu'on voit à Paris, parce que ce microcosme est le plus représentatif de l'amoralité ou, si vous préférez, de la pourriture contemporaine.

- Soit ! Mais quelle nécessité de vous étendre sur des tableaux de dégradation et de vice ? C'est donner prétexte à dire que vous vous y êtes complu.

- À dire, ou à médire ? Ce n'est pas seulement pour le peindre de mœurs un droit, c'est un devoir que retracer, - jusqu'à en donner le dégoût, comme à Monique, - le spectacle des pires turpitudes. Oui, je sais, il y a l'objection : « - Prenez garde à l'attirance du danger. On ne tombe pas dans un mal qu'on ignore ». Je réponds qu'il vaut mieux, puisque le mal existe, le révéler que le cacher. Son étalage ne fera que rebuter d'avance toute jeune âme, pour peu qu'elle soit saine. C'est le fanal sur l'écueil. Monique, pour y avoir touché, n'a gardé que l'horreur de ces mornes plaisirs,

un élan vers le bonheur salubre ... Exemple préservateur. Quant aux perverses !...

- Pauvre et pure, votre héroïne n'eût-elle pas mieux démontré cependant, par une laborieuse existence, ces droits à l'indépendance que conquièrent journallement tant d'autres garçonnnes, - moins fortunées et plus courageuses ?

- Il est vrai. Mais que voulez-vous ? C'est de parti-pris, encore, que j'ai fait de celle-ci une fille de riches, riche elle-même. Pourquoi ? Parce que sa fortune, comme son éducation, est une des conditions de sa chute. Moins préparée aux vertus du travail que ses sœurs ouvrières ou de petite bourgeoisie, elle est la première victime d'une liberté révolutionnairement conquise. Morale : À la classe soi-disant dirigeante, d'élever mieux ses filles. *Et surtout ses fils* ! Ce sera tout bénéfique pour l'évolution, - qu'elle soit morale, politique ou sociale ? – Je l'ai dit d'ailleurs :

*Une réaction de l'énergie contre l'oppression d'injustes forces. La femme, prisonnière depuis des siècles, esclave habituée à la résignation et à l'ombre, titube au seuil brusquement ouvert de la lumière et de la liberté. Conséquence des affranchissements soudains... Le lui reprocher ? Ce serait de la part de l'homme un singulier abus. L'indépendance est une habitude comme une autre. On ne s'y adapte qu'à la longue... Le progrès ? Un perpétuel apprentissage !*

Quant à la crudité de ma manière, - qu'elle soit de la photographie ou l'art, - je maintiens qu'elle demeure, - d'un et même de plusieurs tons, - *au-dessous de la vérité*.

Nous sommes loin du temps où l'on poursuivait Flaubert pour l'audace de *Madame Bovary*, - le roman le plus moral peut-être du dernier siècle. Loin même du scandale soulevé par les héroïnes de Zola ! Que sera, dans vingt ans, une Monique Leblanc, au regard des garçonnnes que la génération des *dancings* nous promet ? Je plains, s'il est comme moi sincère, et pour peu que la corruption des mœurs continue, le romancier qui peindra la bourgeoisie future.

La vérité ! Aussi bien est-ce qui paraît si choquant, d'ailleurs, à quelques-uns. On ne la supporte point toute nue. On préfère des gants et mains sales. Et puis « la tranche de vie » aujourd'hui répugne. Le naturalisme est passé de mode. Vive le néo-classicisme ! Toute une jeunesse est cérébrale, jusqu'à l'onanisme et à l'inversion.

Ce n'empêche pas nos romanciers de voiler la plaie sociale de jolis linges bien blancs. Un peu d'eau de rose patriotico-familiale, un « mélange » d'aventures vaporisé là-dessus ! Et snob de se pâmer...

Je le répète... *Je suis pour le bistouri brutal, et qui débride. L'immoralité n'est pas dans les mots, mais dans les mœurs. Au lieu de couvrir celles-ci du manteau de Noé, - lequel n'est trop souvent que le voile d'Arsinoé, - donnons à nos filles et à nos femmes, dans l'usage comme dans la loi, donnons à toutes les mères (filles-mères comprises) les libertés dont on ne conçoit plus que l'homme se réserve, despotiquement, le monopole. Il y aura du coup moins de licence.*

L'instinct de sagesse, de fidélité, de bonté, la soif de justice qui sont innés dans la plupart des âmes féminines s'épanouiront ainsi, avec moins de heurts, pour le plus grand profit de la morale sexuelle, inséparable de la moralité humaine.

Je me résume :

J'ai dénoncé un péril. Et j'ai fait entrevoir, par-delà le fossé, la grande route de l'égalité, de l'équivalence (si le terme vous semble plus adéquat) où les deux sexes finiront bien un jour par avancer côte à côte, harmonieusement.

« *Its a long way to Tipperary !...* » *La Garçonne* n'est qu'une étape dans cette marche inévitable du Féminisme, vers le but magnifique qu'il atteindra. Je tenterai dans mon prochain roman, de l'approcher, - persuade, comme l'un des personnages

du livre que voici, qu'il ne faut pas juger de l'avenir sur l'un des aspects du présent, et que « *dans l'anarchie même, un ordre nouveau s'élabore.* »

V. M.  
15 octobre 1922.

## ANEXO J

Texto Integral - Lettre ouverte de Monsier Anatole France à la Légion d'Honneur -  
Livre La Garçonne...

Messieurs,

Permettez-moi de vous représenter très respectueusement les dangers où vous vous exposeriez en jugeant une cause qui ne peut être vraiment discernée que par la conscience publique, dans la paix du temps.

Des affaires semblables ont été déjà portées devant certaines juridictions, et la justice n'eut point à se féliciter de les avoir évoquées. Deux chefs-d'œuvre qui honorent la France et charment le monde, *Madame Bovary* et *Les Fleurs du Mal*, ont été poursuivis. Un très noble poète, dont s'honore l'Académie Française, Jean Richepin, a été condamné pour une œuvre que tous les lettrés admirent aujourd'hui. Que votre tribunal, Messieurs, instruit par ces exemples et inspiré par votre sagesse, n'ajoute pas « La Garçonne » à la liste déjà longue des livres qui condamnent aujourd'hui, et pour les siècles, les juges qui les ont condamnés à leurs apparitions.

Messieurs, Victor Margueritte est connu par un grand nombre de livres qui témoignent d'un noble talent et d'une haute moralité. Comment serai-il devenu tout à coup l'auteur d'un ouvrage infâme ? Cela ne peut être, et cela n'est pas. On retrouve dans ce livre, qui souleva tant de feintes fureurs, les idées généreuses qui ont toujours inspiré l'auteur. Jugez-en par le sujet. Une jeune fille, bien douée et d'un caractère énergique, trouve avec raison le monde bien laid. Par une erreur que Victor Margueritte n'approuve nullement, cette jeune fille désespérée s'égaré dans des vices pour lesquelles elle n'était point faite. Après quelques années d'erreur, qu'elle aime trop peu elle même pour les faire aimer, elle rentre dans une vie honnête et régulière où elle trouve la paix du cœur et le contentement qu'elle cherchait vainement ailleurs. Voilà, en substance, la fable de « La Garçonne ». Elle est vertueuse, et il se peut tels auteurs que ce livre fait crier d'indignation pourraient bien, dans les leurs, développer des thèmes moins moraux.

A vrai dire, ce sont certains détails qui ont le plus choqué, me dit-on, dans l'ouvrage incriminé. Il serait bien surprenant qu'un écrivain aussi sûr de sa forme que l'est Victor Margueritte ait perdu tout à coup sa maîtrise. N'a-t-on pas méconnu, à son préjudice, les droits de l'art, les justes libertés de la pensée et les exigences d'un sujet qui traite d'une société telle qu'il n'y en eut jamais de pareille en France ? Victor Margueritte a peint, dans « La Garçonne », la société que la guerre a faite ; il a montré la dépravation qui avait atteint, chez les nouveaux riches, une outrance inouïe. Tout le monde sait, puisque, en ces temps éhontés, la débouche débordait jusque dans la rue. A mon sentiment, le peintre est resté, dans ses tableaux, bien en deçà de la réalité. Les maux immesurés d'une guerre avaient produit des mœurs abominables, que le moraliste devait peindre. C'est ce qu'a fait Margueritte, avec une mesure qui décèle l'homme de goût. Avant de le condamner, voyez de quel crayon vigoureux d'Aubigné peint en son temps ceux qu'il nomme les Hermaphrodites. Est-ce donc à Juvénal qu'il faut reprocher les fureurs de Messaline ?

Ah ! Messieurs, vous avez le bonheur de vivre dans des régions sereines où vous n'avez pu voir se former les jalousies et les haines qu'on vous de

sanctionner.

Je vous en prie, dans votre intérêt, ne faites point ce qu'il ne vous convient pas de faire. Abstenez-vous dans une affaire qui passe infiniment votre compétence.

Craignez de censurer le talent. C'est ce que fit, à l'endroit de Gustave Flaubert, Monsieur Pinard, qui passait pour homme d'esprit et honnête magistrat et dont la mémoire reste à jamais ridicule. Respectons les droits sacrés de la Pensée qui trouvent dans l'avenir des vengeurs implacables.

Voilà, Messieurs, les observations que j'ai cru pouvoir vous présenter respectueusement, à la faveur de mon âge et des occupations qui ont rempli ma vie.

Agréez, Messieurs...

ANATOLE FRANCE

## ANEXO K

### Texto Integral - Lettre à Légion d'Honneur

M. VICTOR MARGUERITTE  
ET LA LEGION D'HONNEUR

Le décret qui le raye des cadres de la Légion d'Honneur ayant été signé de 1<sup>er</sup> Janvier par le Président de la République et ayant paru au *Bulletin des Lois*, M. Victor Margueritte vient d'adresser à la Grande Chancellerie la lettre suivante :

Le 3 janvier 1923.

*A Messieurs les Membres du Conseil de l'Ordre de la Légion d'Honneur.*

Messieurs,

Je voudrais remercier du surcroît d'honneur que me confère, après le jugement suprême d'Anatole France, la vindicte dont je suis l'objet.

Voilà désormais tous les écrivains légionnaires soumis au sabre à la fêrule. Ils sauront à l'avenir ce que coûte la liberté de pensée, dorénavant morte si elle n'a licence de tout dire, sous la réserve comme sous la garantie des lois.

Vous avez eu beau, à l'applaudissement servile de quelques-uns et à l'indignation de l'opinion publique (les témoignages que je reçois de toutes parts en font foi), exhumer la Censure littéraire. Mesure que justifiait la discipline nationale quand sur tous pesait la guerre, avec ses lois d'airain. Mais tâche odieuse en temps de paix, et où ce ne serait point trop, sans doute, que toute la compétence professionnelle... En l'acceptant, vous n'avez été, derrière un général qu'on sait obéissant, que des juges politiques.

...Et partiaux ! Car plusieurs d'entre vous, qui m'avez condamné ne m'ont pas lu. Vous en avez été réduits, dans votre recherche de griefs, à cette trouvaille : des tableaux dont la crudité vous a paru choquante, de la part d'un Commandeur, et où je ne saurais, dites-vous, me prévaloir d'art, le but de lucre vous semblant démontré par l'éclat de la publicité. Comme si vous ignoriez que l'exploitation commerciale appartient à l'éditeur propriétaire, et que j'ai derrière moi quarante livres, garants de mon désintéressement !

Est-ce tout ? Non. On m'accuse de desservir notre pays à l'étranger, en l'étranger, en calomniant la femme française. Alors que toute mon œuvre, et l'héroïne même de la dernière, jusqu'en ses erreurs désespérées, n'a fait qu'en démontrer la foncière vertu !

Misérable prétexte. Ce qu'on ne me pardonne pas, c'est d'avoir peint telles sont certaines mœurs des haute classes. C'est aussi d'avoir dénoncé, au lendemain de la guerre, les responsables de nos premiers désastres. Ce n'est pas seulement le romancier social, c'est l'historien *d'Au Bord du Gouffre*, que frappe en ma personne le nouvel Ordre Moral.

Je n'ai sollicité aucun des honneurs qui jusqu'en 1914 me sont échus. Et, je

vous l'ai dit, je ne les ai acceptés que parce que j'ai pensé qu'ils pouvaient alors m'aider à servir, plus efficacement, mes idées.

Depuis, dix-sept cent mille hommes sont tombés, qui croyaient, en mourant, tuer la guerre et par leur sacrifice hâter une ère nouvelle. Et dans le monde rien de changé. Si !... A côté de la phalange des héros qui ont teint de leur sang l'insigne qu'ils portent, votre légion s'est enflée de recrues dont le moins qu'on puisse dire est que leur voisinage scandalise.

J'adresse aux premiers mon respectueux salut, je me sépare des autres avec un soulagement profond, et je range à toute jamais, dans le tiroir aux souvenirs, cette cravate qui a fait couler tant fiel, et tant d'encre. Elle reposera près de celle qui doit s'en aller un jour, avec les autres reliques paternelles, enrichir le Musée de l'Armée.

Je pourrais me pourvoir en cassation devant le Conseil d'Etat, ne doutant pas qu'il n'y ait encore en France, contre l'illégalité et l'iniquité, le recours de juges qui s'élèvent au-dessus des préventions et des haines.

Mais je n'entends pas vous disputer le hochet qu'au cours du change gouvernemental, ou au déclin de l'ancienneté, votre palmarès distribue, et que vous m'avez repris, pour faute contre *votre honneur*.

Je vous en laisse le ridicule ineffaçable. Et je me remets au travail, confiant dans l'avenir réparateur, avec la pleine et fière conscience de n'avoir jamais manqué à mon devoir d'homme, ni à ma probité d'écrivain.

VICTOR MARGUERITTE.

## ANEXO L

Imagem/ Capa Floréal - Ce que les femmes pensent du Vote, par Victor Margueritte, Revue Flóreal, N° 51, página 1.260, 23 de dezembro de 1922.

3<sup>e</sup> Année. 23 Décembre 1922.

# FLORÉAL

N° 51	Édition Hebdomadaire	75 cent.
-------	----------------------	----------



## L'Actualité Illustrée

Le Travail - La Science  
Les Lettres - Les Arts



---

NOS CHRONIQUES :

CE QUE LES FEMMES PENSENT DU VOTE, PAR VICTOR MARGUERITTE ; LES JOUETS DES PETITS, PAR MARIUS RENARD ; SUCCULENCES DE NOEL, PAR ALBERT DE BERSAUCOURT ; ETC., ETC. + + + + +

ÉDITORIAL : PAUL BONCOUR

---

**ÉDITIONS FLOREAL**

SOCIÉTÉ ANONYME

95, BOULEVARD RASPAIL - PARIS

NOS DESSINS ET NOS PHOTOS :

LE PÈRE NOEL EST EN ROUTE, PAR ROBERT LENOIR ; CROQUIS DE CAZANAVE, JEAN BRAY, DE LA NOE, ETC. ; L'ACTU-LITÉ PAR LA CARICATURE ÉTRANGÈRE ; ETC., ETC.

## ANEXO M

Texto Integral - Ce que les femmes pensent du Vote, par Victor Margueritte, Revue Flóreal, N° 51, página 1.260, 23 de dezembro de 1922.

### *Nos Leaders* **Ce que les Femmes pensent du Vote**

Le sénat a enterré, sous les fleurs, la question capitale du vote des femmes.

A l'amas des couronnes funéraires on a joint, en compensation, la dérisoire possibilité, pour les négociantes, de faire partie des Chambres de Commerce, en même temps que des Tribunaux de même nom.

Je dis dérisoire, – encore que la décision en soi soit des plus justes, mais qu'est-ce, rien, au regard de la grande injustice qui vient d'être commise!

Injustice dont il est triste que la responsabilité ne soit pas endossée seulement par les réactionnaires invétérés, montant leur garde têtue autour du privilège masculin, mais aussi par la pusillanimité des radicaux.

J'en demande bien pardon à mon vieil ami Alexandre Bérard, et au grand, à l'excellent, au généreux Ponsot, dont j'admire le bon sens et le courage, autant que le talent, – mais, l'un par son rapport, et l'autre par ses déclarations, ils ont accommodé ici leur foi républicaine à la sauce de l'antique préjugé.

La femme dans la main du prêtre, la République menacée parce que le bulletin de vote féminin serait de la même couleur que le billet de confession? Danger certain, dans une certaine bourgeoisie, mais danger largement contrebalancé par le bon sens populaire et français, plus amoureux encore de justice et de paix sociales, de paix et de justice tout court, dans l'âme des femmes que dans celle des hommes!... La République renversée par le vote de nos compagnes, de nos sœurs, des nous filles? Epouvantail pour moineaux.

Non, que MM. les Sénateurs aient, comme Alexandre Bérard implicitement, et comme Georges Ponsot explicitement, la franchise de l'avouer; s'ils repoussent le vote des femmes, ce n'est pas seulement parce qu'ils les craignent dans la main du prêtre, c'est parce qu'ils les veulent garder, tout simplement, *in manu*. Oui, en main, comme les servantes de leur bon plaisir, bonnes à tout faire, excepté les lois grâce auxquelles plus de douceur, de bien-être, de santé entreraient dans l'ergastule, en même temps qu'en serait bannis les vieux monstres: Guerre, Alcoolisme, Tuberculose...

« — Mais, dira-t-on, voyez l'indifférence avec laquelle les intéressées elles-mêmes ont accueilli la narquoise insolence de ce refus. Hors Maria Vérone, qui du haut des tribunes publiques, osa crier: « Vive la République quand même! » c'est-à-dire: « A bas le sénateurs rétrogrades! » – qui a manifesté? Qui s'est ému? Personne. Les femmes se soucient du vote comme un poisson d'une pomme... A quoi bon leur octroyer une charte qu'elles ne réclament pas? Elles sont, en grande majorité, contentes de leur sort, même quand leur sort est celui de bêtes de somme. Alors? »

La réponse est facile: Est-ce une raison parce que quelques bourgeoises plus ou moins bornées sont satisfaites de leurs vie médiocre, et parce que quantité de paysannes et d'ouvrières, écrasées par la meule du labeur quotidien, se résignent à

leur chaîne dorée, – est-ce une raison pour prétexter, au nom de toutes: le vote, vous êtes témoin qu'elles n'en veulent pas!

De l'incurie qui enlise et de la misère qui abrutit, allez-vous faire des armes contre l'intérêt national et le progrès humain? C'est comme si vous disiez:

« L'ivrogne aime son poison. A quoi bon l'en priver?... » « Les familles entassées dans un taudis et qui y crèvent demandent-elles à cor et à cris un logis plus salubre... Non! Qu'elles continuent donc d'y pourrir! » A ce compte on ne travaillerait au progrès que sous le fouet des révolutions.

Un tel raisonnement condamne, dans son principe, toute initiative intelligente. Règne de la veulerie et du pis-aller.

Je lisais, ces jours-ci, un très beau livre, l'Ephémère de Mme Marcelle Vioux, où est peinte la morne existence d'ouvrières tisseuses, dans une filature de petite ville. Après le dur travail, et la brève évasion des heures du soir vers leurs pauvres amours, elles se retrouvent parquées dans le dortoir plein de crasse et de vermine où continue à les exploiter la féodalité patronale...

Elles causent entre elles, la nuit venue, trompant l'affreuse promiscuité où heure à heure elles se dégradent, bétail marqué pour la prostitution ou la mort.

Qu'est-ce que cela prouve? Quelle conclusion tirer des pages dramatiques où Marcelle Vioux a si puissamment résumé ce que pense du vote une humble foule d'éphémères?

Et parce que leur ardente et confuse soif de justice ne leur laisse aux lèvres qu'amertume et doute, allons-nous prendre leur pessimisme désolé pour argument valable?

Ce qu'aujourd'hui pensent les femmes est ce que pensait avant 1848 le troupeau des hommes, avant que l'octroi du suffrage universel en eut fait la troupe des citoyens.

Aux « féminisses », comme disent, dans leurs ténèbres, les enlisées de Marcelle Vioux, oui, aux féministes de France, d'éveiller, chez le peuple le plus spirituel peut-être hier, mais aujourd'hui le plus routinier de la terre, le mouvement libérateur. Aussi bien les femmes sont-elles en train de conquérir, chez nous, que nous le voulions ou non, l'égalité sexuelle. Elle sera bientôt dans les mœurs. Les lois suivront, et plus vite sans doute que nous ne croyons!...

La Française votera demain, comme l'Américaine. Une nation ne peut se soustraire désormais, sans risque de suicide, au rythme international.

**VICTOR MARGUERITTE**

ANEXO N
Imagem/Jornal - Comedia, N° 3.501, segunda-feira, 17/07/1922 -
Échos «La Garçonne par Victor Marguerite»



LE ANNÉE - N° 3501 - Doublet
17 Juillet 1922
Le Numéro: 1 Paris, 0 fr. 25
Hors Paris, 0 fr. 30

Paraitra chaque jour 6 et 8 Pages
IMPRIMÉ sur papier et beau papier;
COMPOSÉ en caractères élégants et agréables à lire;
ENRICHIE d'une abondante collaboration théâtrale, musicale,
cinématographique, artistique, littéraire, universitaire, acadé-
mique, sportive, éditoriale et mondaine;
PARÉ d'illustrations photographiques et de dessins humoris-
tiques, poétiques et publiés dans le souci de l'exacti-
tude et par l'application des méthodes d'exploitation technique
et par l'application d'un programme qui nous a permis d'administrer
notre journal au point en ce moment avec le plus
grand succès.

La liste complète de nos collaborateurs sera publiée
dès le mois d'Août

Le génie féminin
de Gabriel
d'Annunzio

Les reproductions érudites et somptueuses de l'œuvre de Gabriel d'Annunzio, dont le génie féminin, recueillies dans les fascicules de l'œuvre, sont destinées à être publiées par les soins de la Librairie d'Annunzio, dont l'œuvre multiple, recueillie dans les fascicules de l'œuvre, sont destinées à être publiées par les soins de la Librairie d'Annunzio, dont l'œuvre multiple, recueillie dans les fascicules de l'œuvre, sont destinées à être publiées par les soins de la Librairie d'Annunzio...

Échos

Le grand succès de la Garçonne par Victor Marguerite...
L'Association Générale des Écrivains...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Les Étudiants se rebellent
contre le fisc

Avant tout, nous ne sommes pas des étudiants...
L'Association Générale des Étudiants...
Le Congrès de l'Alliance Française...

L'Éducation littéraire
et dramatique
des Annamites

Il faut avoir regardé les Annamites...
L'Association Générale des Annamites...
Le Congrès de l'Alliance Française...

ENCORE DES TAXES!

Le grand succès de la Garçonne par Victor Marguerite...
L'Association Générale des Étudiants...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

Le Congrès de l'Alliance Française

M. de la Motte, le général de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...
Le Congrès de l'Alliance Française...

## ANEXO O

Texto Integral/Jornal - Comoedia, N° 3.501, segunda-feira, 17/07/1922 - Échos «La Garçonne par Victor Margueritte»

### Échos

#### La Garçonne par Victor Margueritte

Victor Margueritte, pour peindre ce type nouveau de la jeune fille trop émancipée, a dû inventer un terme nouveau: *La Garçonne*.

*La Garçonne*, comme son nom l'indique, veut mener la même vie que l'homme, connaître tous sexe, plaisirs et frénétiques créature emportés moins par ses sexes que par une insatiable curiosité partage tous ses vices.

Jamais l'illustre auteur de tant de chefs d'œuvre, n'a écrit une œuvre plus brûlante, plus violente. Jamais il n'a peint avec des couleurs plus crûes et une plus grande sincérité la vie et ses turpitudes.

Mais, quand vous aurez lu ce roman passionnant, captivant, *La Garçonne* (Flammarion, éditeur, un volume: 7 franc) qui en bien des endroits vous scandalisera peut-être, vous vous apercevrez que tant de bassesse se dégage une pure et exaltante beauté.



## ANEXO Q

Texto Integral/Jornal - Comoedia, N° 3.503, quarta-feira, 19/07/1922 - Échos «La Garçonne par Victor Margueritte»

### Échos

#### La Garçonne par Victor Margueritte

Roman terriblement audacieux et qui scandalisera tous ceux qui ont horreur de la vérité. La Garçonne (Flammarion, éditeur, un volume: 7 franc) est le chef-œuvre de Victor Margueritte.

Lisez ce roman qui peint le vice pour le faire haïr et l'amour pour le faire aimer. Jamais l'auteur de tant maîtres livres s'atteignit à de plus violents raccourcis de sensations et de sentiments dans une plus captivante intrigue.

C'est la passion de ces émancipées qui, après des errements lamentables, finissent par obéir à la loi éternelle de la nature: l'amour et à sa grande leçon, l'indulgente pitié.



## ANEXO S

Texto Integral/Jornal – Comoedia, N° 3.558, terça-feira, 12/09/1922 - Échos «100e mille La Garçonne par Victor Margueritte»

### Échos

#### **100e MILLE - LA GARÇONNE par Victor Margueritte**

100.000 exemplaires ont été vendus de cet chef d'œuvre passionnant. C'est le plus grand succès de Librairie de l'année. Tout le monde lit La Garçonne. Tout le monde doit avoir lu La Garçonne.

Jamais certaines femmes d'aujourd'hui n'avaient été peintes avec tant et de puissance et de hardiesse que dans ce chef-œuvre qui rappelle des meilleures pages de Mirbeau et de Zola.

Jamais l'illustre l'auteur de tant maîtres livres s'atteignit à de plus violents raccourcis de sensations et de sentiments dans une plus captivante intrigue.

La Garçonne (Flammarion éditeur un volume, 7 franc) est un livre audacieux, oui mais aussi un acte de courage et de foi.

ANEXO T

Imagem/Jornal - Comodia, N° 3.565, terça-feira, 19/09/1922 - Échos «120e mille La Garçonne par Victor Marguerite»

7e ANNÉE - N° 3565 - QUINZIÈME
Ce Numéro contient trois pièces complètes
LA RÉCEPTION GALANTE
BRIDGE A TROIS
CHAPEAUX!

COMODIA
Le Numéro, Paris 6 fr. 20; Hors Paris 6 fr. 25

MARDI 19 SEPTEMBRE 1922
Ce Numéro contient trois pièces complètes
LA RÉCEPTION GALANTE
BRIDGE A TROIS
CHAPEAUX!

Le film qui parle

C'est une merveille qui nous est parvenue...
C'est un film qui nous est parvenu...
C'est un film qui nous est parvenu...

D'ailleurs, dans tous les domaines...
D'ailleurs, dans tous les domaines...
D'ailleurs, dans tous les domaines...

AUTOUR DE L'ARTICLE 17



Préciser dans les deux mois...
Préciser dans les deux mois...
Préciser dans les deux mois...

"L'Heure du Berger" au Théâtre Femina

"L'Heure du Berger" qui reprend le Théâtre Femina...
"L'Heure du Berger" qui reprend le Théâtre Femina...
"L'Heure du Berger" qui reprend le Théâtre Femina...

"Le Lasso" à la Maison de l'Œuvre

Pour la réouverture de l'Œuvre...
"Le Lasso" à la Maison de l'Œuvre...
"Le Lasso" à la Maison de l'Œuvre...

LES AVANT-PRÉMIÈRES

Blancs de deux civilisations si différentes...
Blancs de deux civilisations si différentes...
Blancs de deux civilisations si différentes...

Le Lasso...
Le Lasso...
Le Lasso...

Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...

Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...

Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...

Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...
Leurs rôles préférés...

Échos

Nous sommes en ce moment...
Nous sommes en ce moment...
Nous sommes en ce moment...

Le grand événement...
Le grand événement...
Le grand événement...

Le grand événement...
Le grand événement...
Le grand événement...

Le grand événement...
Le grand événement...
Le grand événement...

Le grand événement...
Le grand événement...
Le grand événement...

Le grand événement...
Le grand événement...
Le grand événement...

ISO-DELLE

La Garçonne...
La Garçonne...
La Garçonne...

UN GESTE DE M. HENRI BERNSTEIN

Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...

ISO-DELLE

La Garçonne...
La Garçonne...
La Garçonne...

UN GESTE DE M. HENRI BERNSTEIN

Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...

ISO-DELLE

La Garçonne...
La Garçonne...
La Garçonne...

UN GESTE DE M. HENRI BERNSTEIN

Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...

ISO-DELLE

La Garçonne...
La Garçonne...
La Garçonne...

UN GESTE DE M. HENRI BERNSTEIN

Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...

ISO-DELLE

La Garçonne...
La Garçonne...
La Garçonne...

UN GESTE DE M. HENRI BERNSTEIN

Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...

ISO-DELLE

La Garçonne...
La Garçonne...
La Garçonne...

UN GESTE DE M. HENRI BERNSTEIN

Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...
Une Représentation de Judith au bénéfice de la Science française...

## ANEXO U

Texto Integral/Jornal - Comoedia, N° 3.565, terça-feira, 19/09/1922 - Échos «120e mille La Garçonne par Victor Margueritte»

### Échos

#### **120e MILLE - LA GARÇONNE par Victor Margueritte**

120.000 exemplaires ont été vendus de ce chef-œuvre passionnant. C'est le plus gros succès de Librairie de l'année. Tout le monde lit La Garçonne. Tout le monde doit avoir lu La Garçonne.

Jamais certaines femmes d'aujourd'hui n'avaient été peintes avec tant et de puissance et de hardiesse que dans ce chef-œuvre qui rappelle des meilleures pages de Mirbeau et de Zola.

Jamais l'illustre l'auteur de tant maîtres livres s'atteignit à de plus violents raccourcis de sensations et de sentiments dans une plus captivante intrigue.

La Garçonne (Flammarion éditeur un volume, 7 franc) est un livre audacieux, oui mais aussi un acte de courage et de foi.



## ANEXO W

Texto Integral/Jornal - Comoedia, N° 3.908, sexta-feira, 30/08/1923 - Interdiction de  
“La Garçonne”

### **Interdiction de “La Garçonne”**

Le comité de censure cinématographique vient de donner un avis défavorable, entraînant interdiction, à la projection du film tiré du roman *La Garçonne*, de M. Victor Margueritte.

Cette interdiction est motivée par «déformation déplorable donnée dans cette œuvre au caractère de la jeune fille française».

Tous nos agents diplomatiques à l'étranger ont été avisés de cette interdiction.

ANEXO X

Imagem/Jornal - Le Peuple, N° 716, sexta-feira, 22/12/1922

**Quotidien du Syndicalisme**  
 87, quai de Valmy, Paris (2<sup>e</sup>) - Ad. 10, MALPELLE-PAIS - Tél. N° 52-12, 49 23 à 49 33 - La publicité est reçue à l'AGENCE PARISIENNE DE PUBLICITE, 78, rue de Richelieu, Paris

45 CENTIMES  
**A TOUS NOS ABONNES ET LECTEURS !**  
 Jusque à la fin de l'année, chaque jour faites-nous un nouvel abonné  
**ET LA VIE DU "PEUPLE" SERA ASSUREE**

**Le procès de «La Garçonne»**  
 On veut radier notre collaborateur Victor Margueritte de l'ordre de la Légion d'Honneur

Tous les lecteurs du Peuple connaissent Victor Margueritte. Chaque fois qu'il écrit à notre journal, avec un dynamisme dont nous sommes jaloux, nous lui donnons une place de choix dans nos colonnes. C'est pourquoi, place Le Peuple au premier rang. L'année dernière, nous avons eu le plaisir de publier une œuvre de Victor Margueritte, intitulée "L'Inconnu", qui nous a permis de connaître un peu plus de son talent et de sa personnalité. Victor Margueritte est un homme de lettres, un homme de bien, un homme de cœur. C'est pourquoi, nous avons voulu lui rendre hommage en lui attribuant le titre de "Légionnaire".



Victor Margueritte a été nommé "Légionnaire" par décret du 15 décembre 1921. C'est une reconnaissance de son talent et de son œuvre. Mais, malheureusement, on veut maintenant le radier de l'ordre de la Légion d'Honneur. Pourquoi ? Parce qu'il a écrit "La Garçonne", un roman qui a été jugé "immoral" et "obscène".

Victor Margueritte a répondu à ces accusations en publiant un livre intitulé "L'Inconnu". Dans ce livre, il explique que "La Garçonne" n'est qu'un roman qui a été écrit dans un but de critique sociale. Il n'a aucune intention de "déshonorer" ou de "déshonorer". Il a écrit "La Garçonne" pour dénoncer les abus de la bourgeoisie et pour défendre les intérêts du peuple.

Victor Margueritte a été condamné à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice. Victor Margueritte est un homme de bien, un homme de cœur. Il a écrit "La Garçonne" pour dénoncer les abus de la bourgeoisie et pour défendre les intérêts du peuple. Il n'a aucune intention de "déshonorer" ou de "déshonorer".

Victor Margueritte a été condamné à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice. Victor Margueritte est un homme de bien, un homme de cœur. Il a écrit "La Garçonne" pour dénoncer les abus de la bourgeoisie et pour défendre les intérêts du peuple. Il n'a aucune intention de "déshonorer" ou de "déshonorer".

Victor Margueritte a été condamné à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice. Victor Margueritte est un homme de bien, un homme de cœur. Il a écrit "La Garçonne" pour dénoncer les abus de la bourgeoisie et pour défendre les intérêts du peuple. Il n'a aucune intention de "déshonorer" ou de "déshonorer".

**M. Poincaré expose sa politique des gages devant le Sénat qui l'approuve à l'unanimité**

Après une courte discussion et malgré la présence de M. Poincaré au Sénat, avant la reprise des travaux de la Chambre, M. Poincaré a exposé sa politique des gages devant le Sénat. Le Sénat a approuvé sa politique à l'unanimité. M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

M. Poincaré a déclaré que sa politique des gages est une politique de paix et de stabilité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de justice et d'équité. Il a déclaré que sa politique des gages est une politique de progrès et de développement.

**LA SOCIÉTÉ DES NATIONS La démission de M. J. Monnet**

UN BON ARTISAN de l'organisation internationale et de la Paix  
 M. J. Monnet, secrétaire général adjoint de la Société des Nations, a démissionné de ses fonctions. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux. M. J. Monnet a déclaré que sa démission est le résultat de sa conviction que la Société des Nations n'est pas capable de maintenir la paix et de résoudre les problèmes internationaux.

**UNE INFAMIE DE PLUS Les grévistes du Havre sont condamnés**

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

Le Havre, 21 décembre. — Le tribunal correctionnel du Havre a rendu, aujourd'hui, son jugement dans l'affaire des grévistes du Havre. Les grévistes du Havre ont été condamnés à six mois de prison et à une amende de 100 francs. Cette condamnation est une injustice.

**NOTRE CAMPAGNE CONTINUE Pour que «LE PEUPLE» vive et grandisse**

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

De tous les efforts que depuis deux ans nous faisons pour faire vivre et grandir le Peuple, nous sommes fiers de dire que nous avons réussi. Le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi. C'est grâce à nous que le Peuple a vécu et a grandi.

Victor MARGUERITTE.

Victor MARGUERITTE.

Victor MARGUERITTE.

LA LETTRE DE MARGUERITTE AU GENERAL DUBAIL

On attendait de voir...  
 Le 11 décembre, je suis allé à la messe...  
 Victor MARGUERITTE.

## ANEXO Y

Texto Integral/Jornal - Le Peuple, N° 716, sexta-feira, 22/12/1922 -

Le procès de «La Garçonne»

### Le procès de « La Garçonne »

*On veut radier notre collaborateur Victor Margueritte de l'ordre de la Légion d'Honneur*

#### L'écrivain refuse de comparaître devant le Conseil de l'Ordre

Tous les lecteurs du *Peuple* connaissent Victor Margueritte. Chaque mardi il donne à notre journal, avec un désintéressement dont nous ne saurons jamais trop lui être reconnaissant, place *Le Peuple* au premier rang. Lorsque nous lui avons demandé de venir au milieu de nous, de nous apporter le poids de l'universelle notoriété de son nom et l'appui de son beau talent, Victor Margueritte est venu sans une seconde d'hésitation, heureux que nous soyons allés le chercher. Pourtant, Victor Margueritte a avait rien à gagner à cette collaboration, bien au contraire. Ecrivain réputé, enfant chéri du succès, nanti de toutes les gloires de ce monde - on nous apprend avec une certaine complaisance aujourd'hui, qu'il est commandeur de la Légion d'Honneur - Victor Margueritte n'avait bien certainement qu'à faire le choix entre les offres avantageuses de feuilles considérables, qui auraient été heureuses de s'adjoindre sa collaboration qui fait autorité. Victor Margueritte a préféré le journal ouvrier. Non pas qu'il ait fait jamais action politique ou qu'il cherche, à l'exemple de tant d'intellectuels démagogues, les adulations de foules ouvrières. La modestie réelle et souriante de Victor Margueritte s'accommoderait bien mal d'un tel calcul. Mais cet écrivain qui n'est penché sur la Société pour l'observer jusqu'au tréfonds de son âme et qui a toujours traduit, sans souci du jugement de ses contemporains, ce qu'il a vu; cet écrivain sincère et véritablement indépendant des coteries et des sectes, des partis et des classes, cet homme tout court s'est depuis longtemps, d'instinct, rapproché de la classe ouvrière. Et à l'heure où tant des siens, mal avertis de nos luttes, se tournaient vers ce communisme délirant, produit des souffrances et des amertumes de la guerre, que d'aucuns ont pris pour un idéal, Victor Margueritte, servi par son clair jugement, venait vers nous, au *Peuple*.

Est-ce tout cela qu'on veut lui faire payer aujourd'hui? Car il est bien permis de se poser la question. On reproche à Victor Margueritte d'avoir écrit *La Garçonne* qui, après de chef-d'œuvre qui a nom *Prostituée*, termine une étude sur les mœurs de notre actuelle Société. *Prostituée*, c'est la fille du peuple dont hélas! Les trottoirs de nos grandes cités sont encombrés. *La Garçonne*, c'est la jeune bourgeoise, celle d'aujourd'hui, de la guerre et l'après-guerre. Ou a vanté *Prostituée*, on fait un procès à *La Garçonne*.

Est-ce parce que l'une est fille peuple et l'autre héritière des grands noms? Des gens qui sont chaque jour acteurs des scènes de *La Garçonne*, teignent hypocritement de s'indigner. La chose est risible. Et l'on assiste à cette coalition des coteries hargneuses, des laissés pour compte des maisons d'éditions, de faux puritains, habitués des maisons à petites filles, des académiciens dont l'immortalité promise n'arrive pas à faire dépasser le tirage des œuvres au delà de ce qui est

nécessaire au «service» des amis et des publications.

Victor Margueritte a levé un coin du voile soyeux qui recouvre la pourriture des nos classes dirigeantes. Voilà le crime. Et immédiatement le complot c'est tramé. Puisque le public accueille l'œuvre avec faveur, on va tenter de déshonorer l'auteur. On manœuvre pour le radier des cadres de la Légion d'Honneur, parce qu'ayant écrit un livre sincère, il est indigne de la rosette rouge. Au fait, ne l'a-t-il pas toujours été ce preux, au milieu de cette légion de mercantis, de parvenus et de parjures? N'a-t-il pas été [indigne] de cette distinction que le Grand Curie repousse du pied quand on la lui offrit? On nous dit qu'en cas de radiation ce serait la seconde fois qu'une mesure de ce genre serait prise dans la Légion d'Honneur. Parbleu ! Nous nous en doutions bien à côtoyer tant de ces « civils » dont la boutonnière s'orne du ruban rouge.

Mais la mesure envisagée dépasse le cadre de ces considérations. Nous nous trouvons en présence d'une de ces campagnes dont à toutes les époques, des écrivains indépendantes ont été les victimes et auxquelles, à une époque encore récente, l'un de nos plus illustres contemporaines. Émile Zola. Eut à faire face.

Nous ne laisserons pas s'accomplir cette vilénie.

**Marcel LAURENT**

## ANEXO Z

Texto Integral/Jornal - Le Peuple, N° 716, sexta-feira, 22/12/1922 - LA LETTRE DE  
MARGUERITTE AU GENERAL DUBAIL

### LA LETTRE DE MARGUERITTE AU GENERAL DUBAIL

On connaît les faits.

Le 9 décembre, le général Dubail, grand-chancelier de la Légion d'Honneur, à l'adresse de M. Victor Margueritte une lettre par laquelle l'invitant à se présenter devant une commission d'enquête.

Cette commission est composée de trois légionnaires ayant le grade de commandeur : M. Victor Margueritte, lui-même. Ce sont M. M. Rider, directeur du Musée social; Dumain, ancien ambassadeur de France; et Cartier, ancien bâtonnier de l'ordre des avocats à Paris.

Cette convocation a été envoyée à M. Victor Margueritte à la suite de plaintes reçues de divers légionnaires à propos de la publication de *La Garçonne*.

Voici le texte de la lettre que notre collaborateur a adressée au général Dubail:

*Paris, le 19 décembre 1922*

*Victor Margueritte, Président honoraire de la Société des Gens de Lettres, commandeur de la Légion d'Honneur, à M. le Grand Chancelier de la Légion d'Honneur.*

En réponse à votre note du 9 décembre 1922, N°529, je vous informe que je décline l'invitation que vous m'adresse, celle-ci n'étant fondée ni en droit, ni en fait.

Vous basant, en effet, sur les plaintes dont mon roman, *La Garçonne*, aurait été l'objet de la part d'une « certaine nombre de membres de la Légion d'Honneur », et après examen de cette œuvre d'où il vous a paru résulter que je m'étais rendu coupable d'actes de part à part atteinte à mon honneur, vous invoquez, pour me citer devant une Commission d'enquête, les dispositions du décret du 14 avril 1874.

Or celui-ci prescrit formellement que les peines disciplinaires dont vous disposez ne sont applicables que « lorsque les actes qui portent atteinte à l'honneur ne peuvent être l'objet d'aucune poursuite devant les tribunaux ».

Certes, je n'eusse pas hésité, si j'avais pu commettre contre l'honneur un acte quelconque - et qui ne tombant pas sous le coup des lois, se fût trouvé du ressort de votre juridiction - à me présenter devant la Commission d'enquête qui vous avez instituée.

Mais vous-même spécifiez que la seule raison de votre poursuite est précisément la publication d'une œuvre littéraire qui échappe, d'une manière totale, à votre capacité juridique.

Ainsi votre citation constitue, vis-à-vis d'un homme qui avant d'être Commandeur de la Légion d'Honneur est simple citoyen, un acte inexplicable d'arbitraire.

Abus d'autorité non seulement illégal, mais injustifié. Aucun précédent, dans vos Annales, ne motiverait, et ne pourrait au surplus motiver ce travestissement du

Conseil de l'Ordre en Censeur littéraire.

Vous ne pourrez donc trouver mauvais qu'après avoir dénoncé, en l'espèce, votre incompétence judiciaire, je récusé votre compétence critique.

Aussi bien - et en supposant même (hypothèse contre laquelle protestent tout mon passé d'écrivain et toute ma conscience d'artiste), que *La Garçonne* relève autre tribunal que celui de l'opinion publique - ce sont là procès d'une matière (si délicate qu'il vaudrait mieux sans doute, pour le Conseil de l'Ordre, en laisser la responsabilité à ceux qui, magistrats d'une Société aux mœurs changeantes, jugèrent, sous le second Empire finissant et sous la troisième République naissante, un Gustave Flaubert et un Jean Richepin en correctionnelle, poussant l'an à l'Académie Française (et même à la Légion d'Honneur) et haussant l'autre à la gloire universelle.

Que la Commission d'enquête m'excuse donc de ne pas accepter son rendez-vous. Et si, au nom du vieil « Ordre moral » ressuscité de ses cendres, et au mépris de toute légalité, elle croit devoir me condamner, ce sera du moins par défaut.

Pour moi, dont le souvenir paternel fut la règle de vie, j'ai conscience d'avoir, dans mon dernier livre comme dans les précédents, servi la vérité. En peignant comme elles sont certaines mœurs d'aujourd'hui, sans souci de plaire ou de déplaire, je n'ai pas excédé mon droit, mais rempli mon devoir d'historien et de romancier sincère.

Le reste m'importe peu. Ce n'est ni ma personne, ni mon œuvre qu'ici je défends, ni même cette cravate qu'en 1914, à Guernesey, le Gouvernement m'a conférée spontanément, le jour où je remettais à l'Angleterre, au nom de la France, la statue de Victor Hugo.

Le Ministre de l'Instruction Publique ajoutait que ce n'était pas seulement aux Présidents honoraires de la Société des Gens des Lettres qu'il décorait ainsi, mais « écrivain social », l'auteur d'*Une Époque* et de *Prostituée*.

Ces distinctions - dont je croyais alors, en l'acceptant, qu'elle pouvait m'aider à servir plus efficacement mes idées - La Société de 1922, dont vous vous faites l'avocat-général, me la conteste aujourd'hui. Je ne vous suivrai pas sur cette pente glissante.

Ce qui fait le prix d'un emblème, c'est la valeur qu'on lui attribue. Je m'incline profondément devant ceux qui, barons authentiques, ont payé de leur sang l'insigne qui, grâce à eux est la vraie raison d'être de la Légion d'Honneur. Puis, songeant aux titres de tant d'autres, je passe.

Vous pouvez me blâmer, me suspendre, m'exclure. Vous êtes maître, sinon juge. Un principe supérieur - le droit commun - disqualifie d'avance votre arrêt. En refusant de comparaître devant votre tribunal d'exception, c'est la cause de tous que je soutiens.

**Victor Margueritte**



**ANEXO B 2**

Texto Integral/Jornal - Le Peuple, N° 725, domingo, 31/12/1922

**Notre Collaborateur Victor Margueritte serait radié des cadres de la Légion d'Honneur**

Le bruit court que le Conseil de la Légion d'Honneur a décidé proposer la radiation de notre collaborateur Victor Margueritte des cadres de la Légion d'Honneur.

Cette décision ne nous surprendrait certes pas, si elle était prise.

Nous voulons croire, cependant, que des gens sans aucune autorité pour juger d'une œuvre artistique et pour censurer un écrivain, n'ont pas commis une semblable sottise.

En deuxième page Victor Margueritte publie, quelques-unes des protestations qui ont été émises par les personnalités les plus marquantes des lettres à propos du ridicule procès de *La Garçonne*.

**H. P.**

## ANEXO C 2

Texto Integral/Jornal - Le Figaro, N° 356 (2<sup>a</sup> página), sexta-feira, 22/12/1922

### AU CONSEIL DE L'ORDRE DE LA LEGION D'HONNEUR

#### M. Victor Margueritte Cité devant la Commission d'enquête

Le Conseil de l'Ordre de la Légion d'Honneur, sur des plaintes émanant de légionnaires, vient de convoquer *M. Victor Margueritte*, auteur de *La Garçonne*, devant une commission d'enquête composée de *MM. Dumaine*, ancien ambassadeur; *Risler*, directeur du Musée Social, et *Cartier*, ancien bâtonnier du barreau de Paris, tous trois commandeurs de la Légion d'Honneur.

*M. Victor Margueritte* a résolu de ne point répondre à la convocation dont il a été l'objet de la part du général Dubail, grand-chancelier.

Notre collaborateur, M. Marcel Boulenger, en un article vigoureux, a exprimé sur le regrettable ouvrage qui donna lieu à ces poursuites l'opinion du Figaro. Mais cet ouvrage relevait de la critique sûrement; peut-être des tribunaux. Il est moins sûr qu'il relevait du Conseil de l'Ordre de la Légion d'Honneur.

C'est cette compétence que décline M. V. Margueritte dans la lettre qu'il adresse au grand chancelier.

Il rappelle que les peines disciplinaires instituées par le décret du 14 avril 1874 ne sont applicables que « lorsque les actes qui portent atteinte à l'honneur ne peuvent être l'objet d'aucune poursuite devant les tribunaux ».

Et il ajoute:

Certes, je n'eusse pas hésité, si j'avais pu commettre contre l'honneur un acte quelconque - et qui, ni tombant pas sous le coup de lois, se fût trouvé du ressort de votre juridiction - à me présenter devant la commission d'enquête que vous avez instituée.

Mais vous-même spécifiez que la seule raison de votre poursuite est précisément la publication d'une œuvre littéraire qui échappe, d'une manière totale, à votre capacité juridique.

Ainsi votre citation constitue, vis-à-vis d'un homme qui, avant d'être commandeur de la Légion d'honneur, est simple citoyen, un acte inexplicable d'arbitraire.

Abus d'autorité non seulement illégal, mais injustifié. Aucun précédent, dans vos Annales, ne motive et ne pourrait au surplus motiver ce travestissement du Conseil de l'Ordre en censeur littéraire.

Vous ne pourrez donc trouver mauvais qu'après avoir dénoncé, en l'espèce, votre incompétence judiciaire, je récuse votre compétence critique.

Cette question de compétence disciplinaire en matière de presse soulève des questions bien plus intéressantes que le livre qui en est l'occasion.

**Georges Claretie**

**ANEXO D 2**

Texto Integral/Jornal - Le Figaro, N° 365 (1<sup>a</sup> página), domingo, 31/12/1922 – ÉCHOS

**ECHOS**

La Légion d'honneur de M. Victor Margueritte.

Le Conseil de l'Ordre de la Légion d'Honneur s'est réuni hier et a décidé de proposer la radiation des cadres de la Légion d'honneur, de M. Victor Margueritte, qui d'ailleurs n'a pas comparu devant la Commission ainsi qu'il avait été invité à le faire.

Cette décision, qui est conforme à l'avis de la commission d'enquête, sera transmise au Président de la République à qui il appartient maintenant de statuer.

**Le Masque de Fer**